

NOVOS RUMOS

Tribuna de Debate

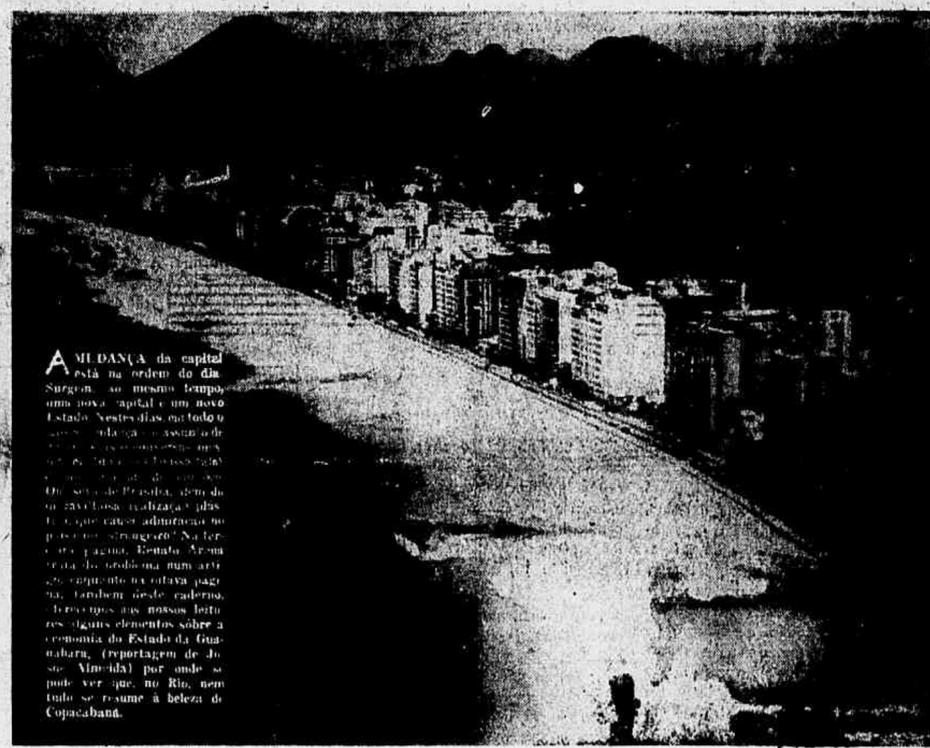
Com artigos de Maurício Grabois e Calil Chade (3ª e 4ª páginas do 2º caderno), iniciada a discussão das Teses e do Projeto de Estatutos do Partido Comunista do Brasil

ANO II Rio de Janeiro, semana de 22 a 28 de abril de 1960 Nº 60
Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Foguete Americano Caiu em Sergipe



BRASIL CRESCE: NOVA CAPITAL MAIS UM ESTADO



A MUDANÇA da capital está na ordem do dia. Surgem, ao mesmo tempo, uma nova capital e um novo Estado. Nestes dias, no litoral de Sergipe, onde se encontra o local onde caiu o foguete americano, o governador de Sergipe, além de outras coisas, realizou o plano de que trata o artigo de hoje. Na terceira página, Renato Arns trata do problema num artigo que também neste caderno. Em outros artigos, neste número, alguns elementos sobre a economia do Estado de Sergipe, (reportagem de José Augusto Garcez) por onde se pode ver que, no Rio, nem tudo se resume à beleza de Copacabana.

E MESMO americano o engenho bélico recolhido há dias por pescadores numa praia de Sergipe. Depois de prolongado silêncio, a Embaixada Americana nesta Capital, através do seu adido naval, capitão Sunderland, distribuiu um comunicado informando que se trata, realmente, de uma arma norte-americana. Confirmaram-se, assim, as conjecturas feitas pelos sergipianos, que têm visitado o objeto, em exposição na Capitania dos Portos de Aracaju. No mesmo comunicado, diz o capitão Sunderland que a arma é «um dispositivo eletrônico» usado pela Marinha de seu país para pesquisas e que se teria desgarrado em alto mar. Na expressão «dispositivo eletrônico» cabe muita coisa, apesar do capitão declarar — obviamente — que não encerra perigo. No clichê, o engenho bélico ianque, vendo-se também o capitão dos portos em Aracaju e o jornalista sergipiano José Augusto Garcez (Reportagem na 2ª pág.).

LENIN: GUIA E MESTRE DOS TRABALHADORES

O NONAGÉSIMO aniversário de V. I. Lenin — o fundador do Partido Comunista da URSS e do Estado soviético, guia e mestre do proletariado de todo o mundo — é festejado por milhões de trabalhadores e pessoas progressistas em todos os países. A obra e os ensinamentos de Lenin não somente orientam a edificação do socialismo e do comunismo nos países em que a classe operária já chegou ao Poder, como inspira a luta dos trabalhadores e dos povos do mundo capitalista em sua luta pela paz, a independência, a democracia e o socialismo. Esta edição de NOVOS RUMOS é uma singela homenagem à memória do grande Lenin. No segundo caderno, publicamos artigos de Giocendo D'ies e Jacobo Cordero e uma página com fotografias alusivas a 27 importantes passagens da vida de Vladimir Ilitch Lenin.



Invencionice

MÁRIO ALVES

A FIRMA o «Diário de Notícias» que os comunistas reabriram a discussão em torno do problema presidencial e se inclinam a rever o apoio à candidatura Lott. Esta afirmação não chega a ser uma notícia: é uma invencionice pura e simples. O órgão janista confunde seus desejos com a realidade.

QUE fatos levaram o jornal do sr. João Dantas àquela conclusão? Em primeiro lugar, os artigos de NOVOS RUMOS que criticam certas posições do marechal Lott, enquanto reafirmem o apoio dos comunistas ao candidato nacionalista. Em segundo lugar, as opiniões críticas a respeito do marechal surgidas nas fileiras comunistas e em setores nacionalistas.

O «Diário de Notícias» não pode admitir que os comunistas apoiem um candidato e, simultaneamente, diverjam de alguns de suas atitudes. Só concebe a luta política em termos primários: oposição cega ou adesão irrestrita. Por essas e outras é que o jornal de Orlando Dantas, outrora tido como ponderado, converteu-se em um dos porta-vozes mais suspeitos de sectarismo lanterneiro.

O S MÉTODOS políticos dos comunistas são, porém, muito diferentes. Compreendemos que entre nós e o marechal Lott existem divergências ideológicas essenciais. Não escondemos nossa discordância em torno de algumas questões políticas. Conservamos nossa independência e continuamos a lutar pelas soluções radicais que julgamos necessárias ao país, mesmo que com tais soluções não concorde, ou não concorde totalmente, ou ainda não concorde, o marechal Lott. Mas não queremos ser sectários. Situando em primeiro plano os interesses nacionais e populares, marcharemos na sucessão presidencial lado a lado com as forças que acompanham o candidato nacionalista. O principal é derrotar o candidato de Rockefeller e da «Time».

E STA é uma atitude superior, patriótica, talvez difícil de ser entendida pelo «Diário de Notícias». Mas os militantes comunistas, que sempre colocaram

acima de tudo os interesses nacionais e populares, não terão dificuldade de compreendê-la.

A S BASES sindicais e estudantis do Partido Comunista — diz o órgão janista — reconhecem a dificuldade ou a impossibilidade de continuarem apoiando um candidato que, publicamente, se manifesta contra as suas mínimas reivindicações e se omite em outras, como no caso da liberdade sindical, da abolição da lei do enquadramento sindical e do direito de greve». Eis o que se pode chamar uma falsificação deliberada dos fatos.

N A REALIDADE, apesar de algumas declarações anti-soviéticas e anticomunistas, o marechal Lott assumiu compromissos que o credenciam a receber o apoio eleitoral dos comunistas, das forças de esquerda, dos operários e dos estudantes. Em entrevista a «Última Hora» (19-1-60), o candidato nacionalista manifestou-se inequivocamente pelo direito de greve, pela reforma da previdência social, pelo salário-família, pela reforma agrária, pela escola pública, pela legalidade democrática, pela disciplina da remessa de lucros das empresas estrangeiras e contra a corrupção administrativa. Em seu discurso na Convenção do PTB, reafirmou esses pontos do seu programa e acrescentou: «Os sindicatos devem ser fortalecidos e prestigiados. Não permitirei sejam diminuídos os direitos e as garantias assegurados aos trabalhadores».

U M FATO o «Diário de Notícias» não conseguiu negar, nem distorcer: pela primeira vez um candidato à Presidência da República recebe o apoio maciço dos partidos populares, das forças de esquerda. Pela primeira vez se unem em redor do mesmo candidato o Partido Comunista, o Partido Trabalhista, o Partido Socialista e outras forças radicadas na massa. Este é um passo efetivo para a unificação das correntes anti-imperialistas e populares e para o isolamento da candidatura entreguista e reacionária de Jânio Quadros. E é isto que leva ao desespero a imprensa janista.



Milhares de trabalhadores participaram dos debates da I Conferência Sindical da Capital do Estado de São Paulo. As sessões, que se realizaram de 8 a 10 do corrente, contaram com a presença de inúmeras personalidades, entre as quais o sr. Roberto Gusmão, secretário do Trabalho, e o general Stol Nogueira. Na foto, um aspecto da mesa que dirigiu a última sessão plenária.

Três dias de debates

Sete Camara Participará do 1.º de Maio

Os trabalhadores do novo Estado de Guanabara, através de suas entidades sindicais, estão promovendo uma série de atos comemorativos do Dia Primeiro de Maio, data máxima do proletariado de todos os países do mundo. Inúmeras palestras e debates continuam sendo realizados nas sedes dos sindicatos e nos locais de trabalho. Nesses atos vêm sendo divulgados, principalmente, as resoluções da III Convenção Sindical, recentemente realizada nesta cidade. No próximo dia 30, às 19 horas, no Palácio do Metalúrgico, Rua Ana Neri, 152, São Cristóvão, terá lugar uma solenidade que contará com

a participação de todas as entidades sindicais cariocas, com a presença do Governador do novo Estado, e de inúmeras outras autoridades. No dia Primeiro de Maio cada sindicato levará à prática um programa de comemorações individuais.

Constituição da CPOS

A reunião da Comissão Executiva da CPOS (Comissão Permanente das Organizações Sindicais) que coordenou o programa de comemorações do Primeiro de Maio, estabeleceu também as funções dos seus elementos, constituindo-se do seguinte modo: Ari Campista,

secretário-geral; Jaime Correia e Geraldo da Costa Matos, secretários-gerais adjuntos; Benedito Cerqueira, secretário administrativo; Argemiro Rocha Júnior, secretário administrativo adjunto; Flávia da Silveira Maciel, secretária de estatística e economia; Hércules Correa dos Reis, secretária de sindicalização e organização; Roberto Morena, secretário de estudos e reformas das leis sociais e trabalhistas; Ernesto da Costa Fonseca, secretário de intercâmbio Sindical; Iria Lima, secretária de finanças; Sebastião Luiz dos Santos, secretária de finanças adjunta. A secretaria provisória da CPOS está funcionando na Avenida Venezuela, 27, 8º andar, sala 826 e 827, telefone: 23-0395.

Foguete Americano Calu em Sergipe

ARACAJI! [Do correto nome Nery Reis] — Em princípios deste mês, a população do pequeno município de Indiaroba, na fronteira com a Bahia, viveu momentos de tensão e expectativa em face da descoberta de um estranho objeto por pescadores locais. Boiando próximo à praia, na foz do rio Real, via-se um bojo escuro, a princípio tomado como o lombo de um grande peixe. Logo, porém, viram os pescadores que se haviam enganado: não era peixe, mas algo parecido a um torpedeiro ou a um teleguiado. Arrastaram para terra. Do corpo do objeto saíram duas pequenas asas e antenas. Estas foram arrancadas a fortes golpes de machado e levadas pelos pescadores.

publica. Sabemos, apenas, que é uma arma norte-americana, feita de material plástico, medindo de dois metros e meio a três metros de altura, uns 60 centímetros de diâmetro e com aproximadamente 500 quilos de peso. Traza a seguinte inscrição: «On switch arming».

Para muitos, trata-se de um teleguiado norte-americano que perdeu a rota caindo no litoral sergipano. Para outros, é uma nova arma secreta submarina, ainda desconhecida pelos comandos militares brasileiros e de outros países e que os sergipanos foram os primeiros a ver. Ao certo, porém, ninguém sabe, pois nada foi esclarecido oficialmente e só a Embaixada Americana, no Brasil, é autorizada para dar tais explicações.

Entre o povo, ao mesmo tempo em que se ouvem observações de censura à política de guerra dos Estados Unidos — pois pode até tratar-se de alguma arma nuclear, radioativa — também são feitos comentários ridicularizando os repelidos fracassos dos militaristas norte-americanos, no seu desespero para alcançar os êxitos soviéticos no domínio dos foguetes.

Nota Sindical

Revisão do Salário Mínimo

Volta à ordem do dia do movimento sindical brasileiro a campanha nacional pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo. A Conferência Sindical dos Trabalhadores da Capital de São Paulo, que reuniu representantes de 33 sindicatos, decidiu iniciar a luta no âmbito regional. A CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), por outro lado, enviou instruções às suas entidades filiadas em todo o Brasil, para que inicie, desde agora, as demarches visando a reunião das comissões municipais e regionais de salário mínimo, e os estudos necessários ao pedido de excepcionalidade.

Essas iniciativas tiveram enorme repercussão entre os trabalhadores de todo o país, cuja situação de miséria se agravava rapidamente. Os atuais níveis de salário mínimo, em vigor desde janeiro do ano passado, já não correspondiam, mesmo naquela época, às próprias estatísticas oficiais sobre o crescimento do custo de vida, que foi alertado de maneira assustadora em fins de 58 e princípios de 59. Agora, passados um ano e quatro meses da vigência dos atuais níveis, a situação se apresenta intolerável. Com o atual mínimo salarial já não se compra a metade do que se comprava há um ano atrás. Ninguém pode mais viver com 6 mil cruzeiros nesta atribulada velhaop. O mesmo ocorre em todas as demais cidades do país, onde se trata aqui de simples palavrão. A situação do homem que vive do salário mínimo é realmente miserável, incompatível com a dignidade de quem exerce uma atividade produtiva. A sonegação de dados, que vem sendo praticada pelo órgão oficial de estatística do Ministério do Trabalho, não altera as dificuldades de vida da massa trabalhadora, e nem impede que se desenvolva a luta pela conquista de melhores salários.

A revisão dos atuais níveis de salário mínimo é uma necessidade imposta pela própria política inflacionária do Governo. Mesmo o SEPT, sempre muito fidedigno nos seus levantamentos estatísticos, a sinalava, no tempo em que ainda prestava informações aos sindicatos, que o custo da vida tinha subido de 30% de dezembro de 1958 a novembro de 1959. Tanto assim que os acordos salariais do ano passado foram firmados em torno dessa base. Já a revista Conjuntura Econômica afirma que no decorrer do ano de 1959 o custo da vida subiu de cerca de 50%. Esse fato demonstra que para recuperar o seu poder de compra de janeiro de 1959, que era já pequeno, os trabalhadores que vivem do salário mínimo necessitam de um aumento de 50%.

De qualquer modo, a palavra-de-ordem pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo foi lançada. Cabe aos trabalhadores e aos seus órgãos de classe, em cada região ou município lançar-se à campanha com o objetivo, inclusive, de reparar as disparidades verificadas na atual tabela, que oficializou, em algumas cidades, verdadeiros salários

Nilson Azevedo

CONFERENCIA PAULISTA DECIDIU

Revisão Imediata do Salário Mínimo

Contando com a participação de 713 delegados credenciados, representando 545 empresas e 33 sindicatos, a I Conferência Sindical dos Trabalhadores da Capital do Estado de São Paulo constituiu um grande passo para intensificar a unidade e a organização dos trabalhadores do maior centro industrial do País. Reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos durante os dias 8, 9 e 10 do corrente, os operários debateram as suas reivindicações e aprovaram uma plataforma comum de luta. Nessa plataforma consta, em primeiro plano, o início de uma grande campanha visando a imediata revisão dos atuais níveis de salário mínimo, que já foram superados pela elevação brutal do custo da vida. As reivindicações aprovadas, serão levadas a debate no II Congresso Sindical dos Trabalhadores Paulistas, convocado para os dias 27, 28, 29 e 30 de abril, com encerramento no dia 1 de maio.

gada de elaborar um esquema a ser apresentado no Congresso Estadual, dependendo o revisionamento do salário mínimo. Além disso, foi pleiteado o estabelecimento do salário família, a partir do primeiro filho, pela Divisão do Imposto de Renda; a instrução entre os trabalhadores de licença prêmio; contrato individual referente ao salário por tarefa, empreitada e prêmio; a instituição de adicionais por tempo de serviço; isenção do Imposto de Renda ao nível correspondente a cinco vezes o salário mínimo vigente; reajustamento salarial automático, abono de Natal.

Previdência e direito de greve

Com referência à previdência social, foi aprovada a recomendação ao II Congresso Sindical que aprofunde as discussões e deliberem no sentido do desenvolvimento da luta pelo aperfeiçoamento da lei 3.385-A, com a integralização da aposentadoria ordinária. Outra recomendação aprovada foi a dirigida ao Conselho Sindical do Estado de São Paulo, no sentido de mobilizar imediatamente seus órgãos participantes e trabalhadores em geral, a fim de defender a rejeição pela Câmara Federal de todas as emendas apresentadas no Senado Federal ao Projeto da Lei Orgânica, que não consultem os interesses dos trabalhadores. Foram também aprovadas várias sugestões com relação aos IAPs.

Oficializado o Conselho

A Conferência ratificou a criação do Conselho Sindical Municipal e resolveu constituir o plenário paulistano, que será composto por representantes de empresas, credenciados pelos seus sindicatos. Desse modo, os trabalhadores avançaram no sentido do reforço de sua unidade e organização, concientes de que só assim conseguirão tornar vitoriosas as suas reivindicações, entre as quais se inclui a elevação dos atuais níveis de salário mínimo, aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social, do projeto Aurélio Viana que regulamenta o Direito de Greve, e inúmeras outras constantes de sua plataforma.

Salário-mínimo

Argumentando que o poder aquisitivo dos trabalhadores não permite mais satisfazer as necessidades mínimas deles e de suas famílias, foram apresentadas 23 teses pleiteando a imediata elevação do salário mínimo. Uma comissão de planejamento ficou encarre-

extensão de benefícios aos trabalhadores do campo.

Problemas econômicos

A I Conferência Sindical dos Trabalhadores da Capital resolveu: a) Manifestar-se pelo direito integral de participação dos trabalhadores nos destinos do país, e, portanto, contra quaisquer limitações às suas prerrogativas democráticas, tais como as de restrição do exercício de voto aos analfabetos; b) Propugnar por medidas nacionalistas visando o desenvolvimento industrial e agrícola do país, a defesa do monopólio estatal do petróleo, o apoio ao projeto que cria a DISPETROL; c) reivindicações concernentes ao transporte e comércio, à educação e saúde.

Congresso estadual

Todas as conferências e convenções regionais e municipais que se realizarem ou estão em processo de realização, apresentarão os seus resultados ao II Congresso Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, que se instalará no dia 27 do corrente, às 20 horas, no cine Oberdan, e se encerrará no dia 1 de maio, com uma grande manifestação operária.

O II Congresso reunirá representantes de mais de um milhão de trabalhadores, filiados a 240 entidades sindicais. De acordo com os estimativos dos dirigentes do Conselho Sindical do Estado de São Paulo, que convocou o conclave, o Congresso contará com a participação de mais de dois mil delegados, a maioria deles eleitos nas fábricas, nos locais de trabalho e nas assembleias sindicais. A Comissão Executiva do Conselho enviou, por outro lado, convite a todas as entidades sindicais internacionais para que se façam representar. Sabe-se que a Federação Sindical Mundial já acusou o recebimento do convite, respondendo que se fará representar no II Congresso. Outras entidades deverão comparecer.

As resoluções propõem medidas pela aprovação imediata da regulamentação do direito de greve, de acordo com a decisão do II Conferência Sindical Nacional.

Delegados de vários setores profissionais, por seu lado, apresentaram propostas, pugnando pela introdução de alteração na legislação trabalhista. As propostas foram aprovadas em plenário.

Medidas de reforma agrária

Foi aprovado o relatório da Comissão de Proteção ao Trabalhador Rural, com as seguintes recomendações: a) desapropriação da propriedade latifundiária mediante indenização do seu valor na base da declaração feita para pagamento do imposto territorial, a fim de entregá-la aos lavradores em terras e aos trabalhadores agrícolas assalariados, mediante financiamento a longo prazo; b) efetiva aplicação do dec. lei n.º 7.038 de 10 de novembro de 1944 e suspensão das medidas restritivas da atual legislação do Trabalho ao reconhecimento dos demais sindicatos rurais; criação de comissões em todos os sindicatos de trabalhadores, de ajuda à formação de novos sindicatos de trabalhadores rurais, assim como de colaboração já existentes; c) efetiva aplicação dos direitos trabalhistas e

Palestra

problemas nacionais

Proseguindo a série de palestras patrocinadas pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional e do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, o Desembargador Osny Duarte Pereira proferirá, na próxima terça-feira, dia 26, às 18 horas, na sede do Sindicato, o avenido 13 de Maio, 13, sala 402, conferência subordinada ao tema «Política Interna do Brasil». A entrada será franqueada aos interessados.

O Que Existe de Real Sobre as Telefonistas

Na opinião de MARCONDES FILHO, refletida na Exposição de Motivos à Consolidação das Leis do Trabalho, «Considerou-se de justiça equiparar o regime de trabalho dos operadores das empresas de serviços telefônicos aos das que exploram serviços de telefonia, radiotelegrafia e radiotelefonica, cujas condições de fadiga são idênticas».

Para o setor médico da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, em laudo sobre a natureza do trabalho das telefonistas, estas «sofrem, contudo, desgaste mais acentuado do que aqueles que exercem profissões sedentárias assimiláveis, isto é, que exigem perfeita atividade auditiva, boa dicção e boa visão».

«esse desgaste pode ser também de natureza mental».

E que «As condições especiais de trabalho das telefonistas não se reduzem a um ato de simples presença, antes, requerem esforço nervoso contínuo e atenção constante, estas que produzem tensão nervosa e favorecem o desenvolvimento de doenças nervosas e mentais (psicose, neurastenia...)».

Para o trabalho das telefonistas a lei deveria ter, portanto, de dispensar proteção especial. Daí o art. 227 da Consolidação das Leis do Trabalho fixar a sua duração máxima em 6 horas por dia ou 36 horas semanais.

Não obstante os termos claríssimos desse preceito legal e embora plenamente justificável o tratamento que a lei buscou assegurar às telefonistas, vem a COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA violando gritantemente a lei, há precisamente 17 anos, uma vez que ditou, para as suas telefonistas, o horário normal diário de 8 horas de trabalho, fora as horas extraordinárias.

Mais: em agosto de 1959 o Egrégio Tribunal Superior do Trabalho fez saber por sentença que não comporta recurso com efeito suspensivo, que as disposições do art. 227 da Consolidação das Leis do Trabalho sempre deveriam ter sido aplicadas às telefonistas dessa Empresa.

Mas a Companhia Telefônica Brasileira, que descumprira a lei, também se facultou desobedecer o julgado da mais Alta Corte Trabalhista. Realmente, pretendendo dar-lhe cumprimento, nada mais fez que sacrificar, pesadamente, o próprio direito daquelas que mereceram a proteção judicial.

Reduziu-lhes o salário, para pagar Cr\$ 6.075,00 a telefonista que recebe Cr\$ 8.100,00, com uma diferença, para menos de Cr\$ 2.025,00, quando a Legislação do Trabalho, em todo o seu sistema, veda, proíba qualquer redução salarial venha, na sua ocorrência, motivo para a rescisão do próprio contrato de trabalho.

Aponta a Companhia Telefônica Brasileira o julgamento dos Embargos de Declaração oferecidos pelo Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas do Rio de Janeiro no v. acórdão que declarou o direito das telefonistas, como reforço ao seu entendimento. Nada menos correto: primeiro porque sua deliberação, de reduzir os salários, é anterior, depois, porque o Tribunal Superior do Trabalho nunca disse, e nem afirmaria absurdo dessa natureza, que a redução salarial poderia ser concretizada.

Ainda mais fez a Companhia Telefônica Brasileira: não reduziu o horário, de 8 para 6 horas, estabeleceu tabelas que compreendem o trabalho no curso de 7 horas e 20 minutos. Quando não o fez ofereceu trabalho extraordinário, como meio para as telefonistas recuperarem os Cr\$ 2.025,00 que lhes cortou no próprio salário. Mas o trabalho extraordinário somente pode ocorrer em caso de indispensável necessidade, do 1º do art. 227 da C.L.T., não se o tolerando, nunca, como prestação corrente, normal, regular.

Também ditou intervalos de 1, 2, 3 e 4 horas, para um trabalho que não excede 6 horas que não devia exceder, jamais, quando a prescrição, em tal hipótese, se circunscreve a 15 minutos (1º do art. 71 da C.L.T.). Igualmente impôs horários que violam o preceituado no 2º do art. 230 da C.L.T., que disciplina o horário de almoço e jantar.

Finalmente, exigiu, como sucedeu, a prestação de trabalho nos dias de domingo, feriado e dia santo de guarda, sem regular sua execução e a forma de pagamento por acordo com os interessados ou o Sindicato representativo, em total desatenção ao disposto no 2º do art. 227 da C.L.T.

Pois as ilegalidades as infrações perpetradas pela COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA, a pretexto de dar cumprimento a sentença judicial.

Pois foi, por isso mesmo, que a DIVISÃO DE FISCALIZAÇÃO do Departamento Nacional do Trabalho agiu contra a Empresa, lavrando os autos respectivos, em todas as suas Estações e em todos os seus Postos.

Al está, portanto, a verdade. Por conta da Companhia Telefônica Brasileira ficam as violações da lei e da sentença judicial.

Estas as explicações que o SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS TELEFONICAS DO RIO DE JANEIRO se vê na contingência de prestar ao povo, para cuja compreensão apela nesta emergência, em face da NOTA da Companhia Telefônica Brasileira, publicada nos órgãos da Imprensa desta Capital.

Rio, 19 de abril de 1960

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS TELEFONICAS DO RIO DE JANEIRO

Defende Teu Direito

Falta grave — O empregado que, em plena vigência de seu contrato de trabalho, vai prestar serviços em outra empresa concorrente e dá motivo à dispensa, sem ônus para o empregador. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 2.093-58), Relator: Astolfo Serra.

Os reclamantes fizeram publicar em um jornal declarações nas quais, entre outras coisas, se diziam explorados pelo empregador, ao qual chamavam de ganancioso e acusavam ainda de ludibriar a freqüência com falsos amens. Constitui falta grave ocorrer-se o empregado de publicações em jornais para assacar acusações graves contra seu empregador. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 2.360-58), Relator: Celso Lana.

Feriados — É de se julgar improcedente o pedido de pagamento de salário do dia 3 de julho, considerado feriado municipal. Podem os legislativos municipais declarar outros dias santos de guarda, além dos sete fixados na Lei 605 e determinar, ainda, que nesses se suspendam os trabalhos nos respectivos serviços públicos municipais. Todavia, para os efeitos jurídicos consignados naquele diploma legal, não poderão decretar mais feriados religiosos do que o número prefixado pela Lei federal. Cumpre distinguir entre feriados e dias festivos ou de festas nacionais. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 2.155-57), Relator: Oliveira Lima.

Tem direito o vigia a receber em dobro o salário dos dias feriado em que trabalhar, desde que não tenha descanso em outro dia da semana. A exclusão de tais empregados feita pela letra (b) do art. 62 da Consolidação diz respeito tão somente a jornada normal de trabalho. Aplicação do art. 9º da Lei 605. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 825-57), Relator: Oliveira Lima.

É sempre devido o pagamento em dobro da remuneração percebida pelo empregado que trabalha em dias feriado, sem que o empregador lhe conceda outro dia de folga em substituição no feriado. Ac. TST 2ª Turma (Proc. 2633-54), Relator: Mario Lopes de Oliveira.

Férias — Devem ser computadas para cálculo de remuneração devida pelo gozo de férias, as importâncias relativas às horas extraordinárias, quando trabalhadas permanentemente no período aquisitivo. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 885-53), Relator: Geraldo B. de Menezes.

Art. 140, § 1º, da Consolidação das Leis do Trabalho. Se, no período em que o empregado adquiriu as férias, trabalhou dez horas diárias e não oito a média há de ser procurada com base naquelas e não nestas. Ac. TST (Rec. extr. 21.413), Relator: Luiz Gallotti.

Quando as horas extraordinárias não forem trabalhadas com caráter de permanência, não devem ser computadas para pagamento de férias. Ac. TST (Proc. 3.999-52), Relator: Edgard Sanchez.

No período das férias se incluem os adicionais devidos por serviços insalubre e noturno, quando são estes executados normalmente. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. 2.644-57), Relator: Thelmo Monteiro.

O prêmio-produção, sendo uma autêntica remuneração legal, nos termos do art. 457 da Consolidação, que faz distinção entre remuneração e salário, há de ser incorporado a este, para os efeitos do pagamento do repouso semanal e das férias. Ac. TST (Proc. 5.411-52), Relator: Astolfo Serra.



Panorama

Leandro: Uma Isca Para o Nordeste

Não há mais nenhuma novidade em se dizer que a candidatura de Jânio Quadros é uma impostura. Além da longa tradição do próprio candidato, esses meses transcorridos de campanha revelaram à opinião pública uma sucessão de fatos que desmascaram a farsa mal encoberta dessa suposta cruzada salvadora. Candidato entreguista e reacionário, Jânio procura aparecer como nacionalista e democrata —, mas na União Soviética ou em Cuba, é o Brasil. Corruptor em grande escala durante o seu Governo em São Paulo e candidato sustentado com recursos inconfessáveis dos piores inimigos de nosso povo, Jânio faz póse de moralista. Responsável por algumas das maiores violências praticadas nos últimos anos por governantes brasileiros contra os trabalhadores e o povo, Jânio não vacila em afirmar que jamais praticou qualquer arbitrariedade. Tendo a sustentar-lhe os grupos mais poderosos da plutocracia paulista e os trustes norte-americanos, o «our boy» da «Hanson's Letter» não gagueja sequer quando diz que é pobre e que faz a sua campanha com dificuldade.

Um aspecto dessa impostura é o que se refere à candidatura de Leandro Maciel à vice-presidência como companheiro de chapa de Jânio Quadros. O candidato mesmo parece ter se convencido, afinal, de que tudo era uma farsa, decidindo renunciar.

A impostura aqui consiste em dar à candidatura de Jânio uma aparência de apoio às reivindicações do Nordeste, quando o que acontece, na verdade, é que essa candidatura se opõe radicalmente aos justos anseios de progresso da população nordestina, sendo como é uma expressão dos interesses retrógrados e exclusivistas da plutocracia paulista e dos trustes imperialistas que estendem até ao Nordeste a sua infame espoliação. Não há nenhuma consistência, nenhuma seriedade em ter sido lançada, e vir se mantendo embora na corda bamba, a candidatura do ex-governador de Sergipe. Candidatura que simplesmente não existe para os setores realmente identificados com o janiismo, cujos votos não serão dados a Leandro, mas estão comprometidos com o Jesuíta Fernando Ferrari.

Jânio é o anti-Nordeste. Ligado aos produtores paulistas de açúcar, não vacilaria, uma vez no Poder, em adotar as mais drásticas medidas para esmagar definitivamente a lavoura e a indústria nordestina de açúcar. Amarrado na gaveta dos monopólios lanques, não tréplaria em novas e ainda mais desastrosas concessões a trustes como SANBRA e ANDERSON CLAYTON, que impõem condições escorchantes aos produtores de algodão, óleos e fibras do Nordeste. Apoiando a reforma agrária em Cuba, mas comprometido com os latifundiários no Brasil, Jânio se oporia a qualquer medida séria visando por fim, concretamente, ao monopólio da terra e ao poder dos latifundiários.

Está mais ou menos generalizada entre as populações do Nordeste e suas forças políticas a convicção de que Jânio Quadros exprime de fato os interesses e exigências dos plutocratas paulistas e dos trustes lanques. Sua recente excursão àquela região e ao Norte, resultando no fracasso cuja lembrança ainda não se apagou, mostra como se fecham as portas naquelas sofridas zonas do país à sua candidatura. A resistência ao seu nome se reflete inclusive na atitude de seus companheiros udenistas: no Rio Grande do Norte o secretário-geral da UDN chefia uma cisão, na Bahia e Pernambuco os governadores Juraci Magalhães e Cld Sampaio não se sentem animados a descurzar os braços e fazer a campanha janiista, em Sergipe cresce o desencanto, inclusive pelo fato de se preferir fazer de Leandro nada mais do que um pano de amostra — ou uma isca para atrair um eleitorado que seria traído no dia seguinte.

Não se pode prever com exatidão se amanhã ou depois Leandro Maciel renunciará para valer. Mas o que se pode afirmar é que os nordestinos não se deixarão embalar pela farsa janiista. A candidatura de Jânio nasceu e morrerá como uma conspiração também contra os interesses e reivindicações do Nordeste.

Almir Matos

Mais um Capítulo da "Estrumbicação" da UDN

«Só tenho uma preocupação: a vitória de Jânio Quadros. Quem pensar assim, tem a minha adesão e pode contar comigo a seu serviço, sem prevenção sem rancores, sem personalismo e sem idéias preconcebidas. Quanto ao resto, que cada qual se estrumbique».

Este «dito histórico», catado num dos lençois impressos com que, nos últimos dias, o Sr. Carlos Lacerda vem apresentando os seus correligionários da UDN, na gazeta do Lavradio, resume e explica com acuidade um dos aspectos centrais da crise que grassa no Partido do Córvo. Lacerda está entre os homens que mais têm razões para temer a derrota de Jânio, e lutar contra ela. Sabe que Jânio, sendo «our boy» da Light e «nosso homem» da gente do café paulista, nunca estará em conflito com os interesses que ele próprio defende. Sabe também que a derrota de Jânio significará um golpe de morte nesse personagem político tornado famoso pelo apelido de «Córvo», e que já hoje surge em cena, para a maioria da opinião pública, como um fantasma do passado, enquanto a promessa da vitória lhe acena com posições de primeiro plano no Governo: não há mesmo os que o apontam como o «ministro da educação» de Jânio?

Lacerda só tem hoje, por isso, um desejo: a vitória de Jânio. Quer Jânio de qualquer maneira, a todo custo, sem programa e inclusive, se for preciso, sem a UDN. Jânio é a sua esperança de sobrevivência. Não seria então o caso de a UDN permitir sua participação na campanha janiista, e dar-lhe mesmo uma posição de comando nessa campanha, uma vez que ele é um dos poucos homens que ainda restam aos quadros udenistas com alguma possibilidade de mobilizar eleitores? Ninguém mais do que ele, na UDN, deseja evitar a derrota de Jânio.

Mas está aí o nó da questão. O grosso da UDN não tem exatamente as mesmas razões que Lacerda para apoiar Jânio. O «grupo mineiro» de Magalhães Pinto, que tem o dinheiro para a campanha e representa a única base eleitoral considerável do partido, dá-se muito bem com o «desenvolvimentismo» de Kubitschek, que carrega rios de dinheiro para os bancos de Minas. Vê, por isso, com muitas reservas a «austeridade» entreguista anunciada por Jânio. E, escorado no grupo mineiro, está toda a UDN do Nordeste, com o grupo «bossa nova» à frente, e que de forma alguma pode defender diante de seus eleitores a tese de que o Brasil «deve parar», pregada pelo mentor econômico de Jânio e «big boss» do café paulista, José Maria Whitaker.

Amarrada a essa contradição, a UDN se agita, se mexe, mas sem sair do lugar. Nos últimos dias, numa manobra apresentada como «gesto de conciliação» mas que, na realidade, visava a queimar definitivamente Lacerda, colocando-o diretamente em choque com o grosso do Partido e com o próprio demagogo Jânio Quadros — que está longe de aceitar integralmente a linguagem eleitoral do Córvo — o Presidente da UDN, Sr. Magalhães Pinto, entregou a Lacerda o comando da campanha udenista; formalmente, entregou-o a um «triumvirato», do qual também fazem parte dois personagens apagados, o Padre Calazans e o Sr. Bilac Pinto, mas onde Lacerda mantém o controle absoluto.

Lacerda, entretanto, mestre de traições, não cai facilmente em ciladas desse gênero. Vem a público, com uma «nota oficial», exigindo a unanimidade da UDN a seus pés, para aceitar o comando da campanha. Em outras palavras, quer a vitória, sem ganhar a batalha. E como se deliberadamente procurasse impedir a unanimidade que exigia, sai no mesmo dia, em seu jornal, atacando pessoalmente a Deus e todo o mundo em seu Partido, investindo contra os nacionalistas do grupo «bossa nova» e o deputado Gabriel Passos, e jogando pedra inclusive no secular «bonzo sagrado» udenista, o Brigadeiro Eduardo Gomes, cuja «omissão» diante da crise o Córvo abomina. Primeira consequência da nova fase de crise: os governadores udenistas do Nordeste, ouvidos no Rio, hipotecam solidariedade a Magalhães Pinto, o que, na prática, resulta numa retirada de autoridade ao «triumvirato».

E a crise continua, e nada permite acreditar que ela será resolvida sem uma dolorosa operação, guista, a UDN lançou-se numa aventura que só tem um desenlace previsível: a derrota de Jânio e a «estrumbicação» do Partido, como Lacerda gosta de dizer.

Homenagens a Lenin no Rio e em Niterói

Comemorando o 90º aniversário do nascimento de Vladimir Ilitch Lenin, vários atos serão realizados em nosso país no dia 22 de abril. Entre estes atos, NOVOS RUMOS patrocinará uma conferência, às 20 horas, no 5º andar da ABI, do dirigente comunista Jacob Gorenber, sob o lema «A contribuição de Lenin ao Ma-

Guanabara Nasceu Bem: Derrotando Falcão

O Estado da Guanabara nasceu sob um bom signo: derrotando o sr. Armando Falcão. O ministro da Justiça — responsável confesso pelos recentes espancamentos de estudantes cariocas — lançou-se num verdadeiro «vale tudo» para conquistar a interventoria da Guanabara. Imaginava o sr. Falcão montar no antigo Distrito Federal uma poderosa máquina a seu serviço, capaz de fazer dele o chefe político todo-poderoso de uma das quatro mais importantes bases eleitorais do país: As possibilidades que o novo Estado oferece nesse sentido seduziram o sr. Falcão: um orçamento de dezenas de bilhões de cruzeiros, os interesses em jogo de grandes empresas industriais e comerciais (inclusive a Light, com cujos diretores vinha mantendo repetidas conferências sigilosas) e enorme divisão entre as forças políticas. Surgia diante de Falcão a sua grande oportunidade.

O "vale tudo"

Para alcançá-la, pôs-se em ação, lançando mão de todos os recursos. De um lado, articulou-se com os srs. Frederico Schmidt e Negrão de Lima para a pressão sobre o presidente da República. De outro lado, mobilizou os deputados e senadores pessedistas mais próximos a fim de impedir que a Câmara aprovasse, antes da mudança para Brasília, a lei de estruturação do novo Estado. Enquanto isso, procurava atrair o apoio de certas forças políticas cariocas, oferecendo a alguns de seus representantes todo tipo de vantagens. Até o último instante, o sr.

Armando Falcão lutou tenazmente pela conquista da interventoria da Guanabara. Na Câmara Federal, por exemplo, o líder da Maioria só concordou em aprovar-se a lei de organização do novo Estado à última hora, depois de receber ordem expressa do próprio JK.

Desarmado Falcão

Mas os planos do ministro da Justiça ruíram por completo. Contra a sua pretensão levantaram-se não só a opinião pública, como praticamente todas as forças políticas do Distrito Federal. E o que se viu, dois dias antes de entrar a Câmara em recesso, foi uma impressionante demonstração de repúdio ao ministro-espancador.

Os trabalhadores cariocas, reunidos em Convenção Sindical, manifestaram sua total oposição à entrega do Governo carioca a um político provavelmente inimigo da classe operária como o sr. Falcão. O protesto dos trabalhadores repercutiu imediatamente no Palácio Tiradentes, transmitido pelo deputado Bocaiuva Cunha.

As forças nacionalistas reagiram também com enorme energia. Por um dos seus mais ereditados porta-vozes, o sr. Sérgio Magalhães — que é, além do mais, o 1º vice-presidente da Câmara — ameaçaram o Governo de manter em funcionamento a Câmara, de qualquer maneira, caso não fosse aprovada a lei da Guanabara.

Os diretórios políticos do Distrito Federal, revelando surpreendente unidade, expressaram também sua repulsa a Falcão. Esta foi a ati-

tude inclusiva do PSD, que transmitiu a JK, através do próprio sr. Amaral Peixoto, a completa discordância com a solução tramada pelo ministro da Justiça.

Sob o impacto desse protesto vigoroso e unânime, foi desarmado o sr. Falcão, fracassando o seu plano diabólico contra o povo carioca.

Sette Câmara, homem de JK

A solução encontrada foi, com a aprovação da lei e a criação do lugar de governador provisório, a designação do sr. Sette Câmara, antigo chefe da Casa Civil da Presidência e homem da confiança pessoal do sr. Juscelino Kubitschek. Será este o governador da Guanabara até a posse do governador e da Assembléia Constituinte eleitos em 3 de outubro, juntamente com o presidente e vice-presidente da República.

Cria-se assim uma situação nova no antigo Distrito Federal — situação que deve constituir um fator de maior mobilização popular para o próximo pleito.

Quanto aos candidatos que disputarão os novos postos eletivos, tudo não passa por enquanto de especulação. Dezenas de líderes e supostos líderes articulam as suas forças, reais ou imaginárias.

Uma tendência, porém, parece estar impondo-se entre as forças nacionalistas e democráticas do Estado-caçula: a de unificar todas as forças em torno de candidatos que possam assegurar uma vitória, por larga margem, sobre o lacerdismo e contribuir efetivamente para o triunfo da chapa nacionalista Lott-Jango.

Brasília: Capital do País ou Fortaleza da Reação?

RENATO ARENA

O País tem uma nova Capital — Brasília. Seja qual for a opinião que se tenha sobre as vantagens e desvantagens da construção da Novacap, o fato novo da mudança consumada deve ser um elemento básico na discussão deste problema, doravante. Hoje, o que interessa é saber como Brasília, que já é Capital, mas ainda não se formou nem se organizou de maneira definitiva, receberá essa forma e essa organização definitivas.

A questão é tanto mais importante quanto os círculos da reação e do entreguismo já há muito tempo despertaram para ela. Empenhados, naturalmente, em transformar Brasília numa ilha burocrática, onde as pressões e aspirações populares não se façam sentir e onde só tenham direito de cidade os grupos econômicos e os testas-de-ferro do imperialismo, aqueles círculos, agindo ostensivamente e penetrando fundamentalmente nas mais diversas camadas do Senado, da Câmara e do próprio Governo, já conseguiram importantes vitórias em sua campanha.

Apoiados, principalmente, no Ministro da Justiça, Armando Falcão, aqueles «congeladores de Brasília» conseguiram, através da lei votada pelo Congresso, colocar numa «camisa de força» os futuros vereadores do Distrito Federal, transformando o seu mandato popular, praticamente, numa função decorativa, ao mesmo tempo em que conseguiram impedir que o Prefeito de Brasília fosse eleito pelo povo. E pretendem muito mais. Pretendem fazer aprovar emendas constitucionais — já em tramitação no Senado e na Câmara — que, pura e simplesmente, suprimam os vereadores de Brasília, bem como qualquer outra manifestação de vida democrática na Capital Federal, e também impeçam a existência ali de qualquer entidade sindical ou estudantil. É tal a aversão que votam a tudo o que venha do povo, que nem mesmo hesitam em opor obstáculos à criação da Universidade de Brasília; no máximo, consentem

em que ela seja criada, mas com a condição de que o governo a entregue à Igreja Católica.

É esta uma ordem de coisas que exige uma tomada de posição enérgica e urgente dos nacionalistas e democratas. O que desejamos os Falcão e consortes, neste caso, é muito claro. Querem apenas que ninguém, e muito menos o povo, dispute a eles o cerco ao Presidente da República e ao Congresso, na Nova Capital. E isso eles mesmos o confessam quando argumentam que pretendem dar a Brasília a mesma estrutura e a mesma função dada à Capital dos Estados Unidos. De fato, quem não ouviu falar nos famosos «grupos de pressão» que dominam Washington, onde não há sindicatos, nem vereadores, nem deputados, mas onde há centenas e milhares de generais e outros medalhões alugados pelas grandes companhias, para agir junto ao Governo e ao Congresso em defesa de seus interesses econômicos? Em Washington não há sindicatos, nem vereadores, nem deputados, mas as grandes companhias lanques não precisam formar sindicatos, ou eleger alguém, para pressionar o Governo e o Congresso, e têm por isso um campo aberto, livre e indisputado na Capital de seu país.

Alegam os reacionários e entreguistas, defensores do «congelamento» de Brasília, que os governantes e legisladores devem ter tranquilidade para trabalhar, e por isso devem estar afastados do povo, longe dos «rugidos da população».

Mas vê-se logo que tal tranquilidade só existiria, realmente, para o trabalho de cerco e pressão dos grupos econômicos sobre o governo. Alegam também que a existência de vida política em Brasília virá gerar conflito de interesses, em que as reivindicações locais seriam postas à frente dos interesses do conjunto do país. É preciso entretanto reconhecer certa coragem nos que afirmam tal disparate, precisamente no momento em que o Rio de Janeiro, após 200 anos de Capital, mal contém a sua revolta pelo estado de quase indigência em que a deixam, sem água, sem luz, com dois terços de sua área urbana sem esgotos, com sua vida administrativa completamente anarquizada. É esse o «privilegio» de Capital Federal?

Outros pretextos semelhantes são alegados pelos que querem «congelar» Brasília, isolá-la do calor do povo. Nenhum deles, entretanto, consegue esconder o seu real objetivo: criar um monopólio da ação política para os monopólios que já ocupam o campo econômico. Se puderem, expulsarão mesmo da cidade a grande maioria dos «candangos» que ali vivem e que, pelo visto, são bons para construir esta obra monumental que é Brasília, mas não são bons para morar nela. Isso, evidentemente, não é o que deseja o povo brasileiro e, em particular, a população de Brasília. Para o povo, Brasília deve tornar-se a Capital dos brasileiros, e não uma fortaleza reacionária, onde os Schmidts e Galottis tenham voz de carcereiro,

O Circo Janista

Sem outras vedetes de destaque além do próprio Jânio Quadros, o circo excursionou pelo Rio Grande do Sul. Ao lado de muito uísque e algumas furtivas noitadas alegres, a «tournée» foi um fracasso do ponto de vista político e eleitoral.

Jânio pretendeu enganar os gaúchos com o Jôgo bôixo de se dizer «trabalhista» e inclusive ameaçou — não tendo porém coragem de concretizar a ameaça — visitar o túmulo de Getúlio Vargas, em São Borja. O cinismo de Jânio chegou ao ponto de se referir ao PTB como «meu partido».

Mas o truque do amigo de Rockefeller não impressionou a platéia. Ao contrário: foi repudiado pelos getulistas e despertou indignação entre muitos udenistas e pessedistas ligados à facção de Parachil Barcelos.

Resultado: muita gente que estava com Jânio, convencendo-se pessoalmente do engano em que incorriam, resolveram largar o defunto no meio do caminho e tomar outros rumos. Foi o que se deu, por exemplo, com os deputados pessedistas Romeu Sheibe e Arlindo Kunzler que, dizendo-se desiludidos com as artimanhas de Jânio Quadros, decidiram retirar-lhe o apoio e passar a formar ao lado da «candidatura Lott».

Impressão penosa e ao mesmo tempo ridícula foi a que deixou Jânio numa entrevista coletiva à imprensa do Rio Grande. Em geral, a entrevista foi uma simples repetição de coisas ditas e reditas, sem nenhum interesse. Subitamente, porém, o encontro com os repórteres adquiriu um tom pitoresco, embora penoso.

«Peço que desculpem as minhas excentricidades... Não as levem a mal. Elas são resultado de minha timidez. Acreditem, sou um homem tímido. Por isso apareço, de vez em quando, como um excentríco».

Jânio falava se autodilacerando, num espetáculo deprimente de desequilíbrio que atingia os limites da loucura. Eis aí para quem Nelson Rockefeller pede os votos dos brasileiros: para um «excentríco» «um tímido»...

Quem nada tem de tímido é o outro amigo de Jânio: Carlos Lacerda. Ao contrário, o rapaz é extremamente vivo. Para quem ainda tivesse dúvidas, mesmo depois da trapaça feita com o terreno da Rua do Chile, bastaria o fato ocorrido, sorrivelmente, na última sexta-feira, na Tesouraria da Câmara Federal.

Depois de martelar a mudança para Brasília e de acusar todos os seus colegas de vendidos ao Governo em troca da «verba para viagens», Lacerda bebeu dois goles d'água, tranquilizou-se e, impávidamente, dirigiu-se à Tesouraria, «permitindo-se» receber os 318 mil cruzeiros da compra.

Como se vê, Lacerda pode ser excentríco, mas de timidez ele não tem nada.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Antes de se mudar para Brasília, o Ministro da Justiça foi à Rua da Relação despedir-se do inspetor Soares e de outros amigos do pelotão. Declarou-se «corresponsável» pelas últimas façanhas da tiragem carioca: «Lembrá-vos das tropélias da porta da UNE, da Faculdade de Direito e do Hospital Sousa Aguiar?». Feita a declaração irresponsável, o protetor dos palatinos fez manifestação de simpatia à corporação onde brilham, entre outros heróis de enxada, os comandantes Borer, Bolinha, Turcão e Coice de Maltz. Semanas antes, haviam barrado Falcão, no Nordeste, quando tentava distribuir para fiscais e oficiais, auxílios às vitimas dos enchentes. Pouco depois barravam-no de novo, no pretendido palzar à pista de interventoria da Guanabara e finalmente os estudantes, no Estádio de Aldeia, malhaviam-no no ano Júbilo. Era o velho Miltard, que era Falcão e continuava a ser Falcão e malhador, são os nomes que os estudantes. E apoiando quem ap...

O cardeal Cerejeira, cuja figura é inseparável da do ministro doutor Salazar, chegou a Pernambuco invocando em vão o santo nome de Jesus. Louvado seja a Nossa Senhora Jesus Cristo, disse o principal responsável pela sustentação espiritual do regime dos coices-de-mulha estado-novistas de Portugal. Citava um verso de Jorge de Lima, invocando, também em vão, o santo nome de um poeta.

tas incendiaram a casa de uma família de negros, porque estes foram morar num bairro de brancos ocidentais e cristãos. Nenhum agitador, nenhum homem é infalível. Com um pouco de cuidado, porém, qualquer criatura pode errar menos. Contudo, a ninguém é lícito deixar-se envolver pelo ódio, pois a tendência da humanidade é para o aperfeiçoamento.

Por exemplo, não é justo o «Correio», também dominado pelo ódio, investir contra JK, chamando sarcásticamente de «Creator Brasília» e insinuar, ao pé do ouvido do Padre Eterno, que deveria, como castigo, durante as festas da inauguração da Nova Capital, desabar ali uma catástrofe semelhante à de Chão. E os inocentes convidados «espantados»? Já imaginou o dr. Paulo Rittgenpourt o cardeal Cerejeira, quando do Papa, em meio à «Primeira Inquirição» em São Avca da Noé, ao lê-la da sorte, na imensa «Cinquentes dos Viadeiros» publicam diariamente gente e no-

«VAI QUE É MOLE, MARECHAL» — o «slogan» popular que os mineiros escolheram para impulsionar a campanha dos candidatos nacionalistas à sucessão presidencial...

Minas a Lott: «Vai Que é Mole, Marechal!»



A terceira incursão propagandística do marechal-candidato ao território mineiro, realizou-se sob os auspícios das forças políticas que o apóiam, como o sr. Tancredo Neves...

Letícia a obstáculo

Bandas de música, caminhões e ônibus provenientes dos municípios vizinhos, multidão nas ruas de Leopoldina ar festivo. Desde as primeiras horas da manhã a população aguardava a chegada da caravana nacionalista...

Fracasso total, pois grande multidão lotava o auditório e adjacências do Parque Primário Experimental, que ia ser inaugurado na ocasião...

Educação para o povo

O marechal Lott e o ministro Clóvis Salgado, além de autoridades municipais e parlamentares, fizeram ao povo durante a solenidade. Repleta de sinceridade a oração do candidato presidencial ressaltou os problemas da educação no Brasil...

Mineiro advinhou

na Indústria de Fiação e Têxtilagem e dele participaram, além dos candidatos e os elementos integrantes da comitiva...

Resaltando a participação do marechal Lott nos acontecimentos de 11 de novembro, o líder sindical José Rosa Filho, que saudou os candidatos em nome de todos os sindicalistas presentes...

Regulamentação do direito de greve, melhor aplicação do fundo sindical, lei de previdência, revisão do salário mínimo, contenção do custo de vida...

Garantir o Direito de Greve

«A greve, sendo decidida pela maioria dos operários, deve ser respeitada e garantida» — afirmou o candidato nacionalista em sua resposta. Na palestra que manteve com os dirigentes sindicais...

Barrar a opressão imperialista

A caravana nacionalista chegou a Cataguazes pela manhã. Grande massa popular postada na entrada da cidade aclamou os candidatos que se dirigiram imediatamente à Praça Rui Barbosa...

Encontro com os operários

O dia 10 foi dedicado a Cataguazes e, nessa cidade os candidatos realizaram um debate com líderes sindicais da região. O encontro teve como palco a sede do Sindicato dos Trabalhadores

E foi logo descobrindo a maneira mais simples de dizer como acredita na vitória do marechal Lott, de seu companheiro de chapa João Goulart, e também do Tancredo Neves. O «Vai que é mole, marechal!» está em todos os comícios e festividades...

o governador de Minas Gerais, fez vibrante profissão de fé nacionalista. «É preciso lutar contra a opressão de que nosso país é vítima por parte do imperialismo — disse — força que impede o desenvolvimento da economia nacional».

Evidenciou mais o candidato da coligação PSD-PTD-PR, apoiada pelos comunistas, a sucessão do sr. Bias Fortes, a necessidade de construir novos frigoríficos em Minas Gerais...

Defesa da democracia

Saudando em seu discurso a população da zona, e reafirmando mais uma vez suas convicções nacionalistas, o marechal Lott declarou ser uma necessidade imperiosa a consolidação da democracia no Brasil.

— Só um país plenamente democrático, pode ser um país grande e forte, afirmou sob estrondosa ovação da multidão.

Durante a realização do comício, o presidente da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Itamarati foi levado ao palanque e apresentado aos candidatos. O encontro foi vivamente festejado pela massa que lotava inteiramente a Praça Rui Barbosa.

A caravana

Representantes de todas as forças políticas que apóiam Lott e Tancredo Neves participaram da caravana que visitou os dois municípios mineiros. Também integraram a comitiva os estudantes Uriel Alvin e Laelson Nogueira...

D. Edna em Belo Horizonte

Convidada pelos trabalhadores, estudantes e servidores públicos nacionalistas, a professora Edna Lott visitou Belo Horizonte nos dias 9 e 10, cumprindo extenso programa de visitas. Realizou debates com operários, participou de comícios e visitou bairros.

Dona Edna e os operários

Dona Edna esteve em Belo Horizonte. Na capital mineira foi discutida a campanha sucessória com os trabalhadores. Estes fizeram-lhe muitas perguntas, principalmente sobre o direito de greve no governo Lott. Gostaram das respostas

Aposentadoria do IAPI

A consulta que nos dirigiu o leitor Lirio Segantini (Arapongas-Paraná) será respondida em um dos próximos números pelo dr. Everaldo Martins em sua seção Defende teu direito, publicada na 2ª página do 1º caderno deste jornal.

Poema a Lenin

Agradecemos ao leitor Juan Pablo (Petrópolis-Est. do Rio) o poema que nos remeteu a propósito do 90º aniversário de nascimento de V. I. Lenin.

Aniversário do PC

O leitor Balmir A. da Costa (Guararapes) manda-nos dizer que foi comemorado festivamente naquela cidade o 38º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil...

Sugestões

«Achel NR melhor no seu nove feriado» é o que nos escreve o leitor A. Guilherme (Guariba-RGS). E apresenta uma série de sugestões para melhorar o nosso jornal, algumas já atendidas, e outras que serão estudadas para aproveitamento posterior.

Comitês Lott-Jango

Os leitores Osvaldo Germano Fernandes (Florianópolis-SC.), Flory Ramon de Aguiar (Santa Rosa-RGS), João Batista de Oliveira (Guairá-SP), Carlos Alexandre (Valparaíso-SP) e Manoel João da Silva (Três Rios-Est. do Rio) comunicam-nos a criação naquelas cidades de Comitês Nacionalistas Lott-Jango e a eleição de suas respectivas diretorias.

Lott e Petróleo

Do leitor Frederico de Mello (Distrito Federal) recebemos um poema exaltando a candidatura nacionalista do Marechal Lott à presidência da República.

Carta do Sertão

Estado da Guanabara, vinte e um do mês d'abril, Cumpade doutô Zé Danta: A verdade vai aí

Nos percisamo, Cumpade. Vê a coisa mais de perto. Esse marechá minêro vai dexá pros brasileiro o nosso Brasi liberto.

Há coisas qui num se tem, qui o pobe percisa tê: hospita pra se curá, escola pra se aprendê... O Marechá vai dá tudo, jáuvi êle dizê.

Vai sê nossa a nossa terra, tudo terá cum franqueza: Vamos prantá no Nordeste mecê vai vê qui riqueza! Vamos tê força e saude, Munta água nos açude, pras faia da natureza.

Abencô seu afindo e de lembrança á cumade. O Zé Praxêdi, de sempre, seu ístimado cumpade.

Carta do Sertão

Um pedaço de giz e um quadro-negro serão os instrumentos que os estudantes de Uberlândia utilizarão na campanha de Lott-Jango-Tancredo. Os jovens secundaristas e universitários da cidade mineira organizaram um Comitê Nacionalista...



Um pedaço de giz e um quadro-negro serão os instrumentos que os estudantes de Uberlândia utilizarão na campanha de Lott-Jango-Tancredo. Os jovens secundaristas e universitários da cidade mineira organizaram um Comitê Nacionalista...

Resposta ao Leitor

Congresso Sindical da Paraíba

«Está definitivamente marcada para a 2ª quinzena de maio o II Congresso dos Trabalhadores Paraibanos, promovido pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Paraíba, e que terá como sede a progressista cidade de Campina Grande»...

Novos rumos

«É com o mais grato prazer que me dirijo a essa digna redação no sentido de apresentar minhas congratulações pelo aniversário de NOVOS RUMOS e bem assim pelas modificações nele introduzidas»...

Aplaudindo as modificações gráficas introduzidas em nosso jornal e saudando o seu primeiro aniversário, recebemos cartas dos leitores Hildebrando Pereira Lopes (São Paulo), W. Xavier Bomfim (Planura) e Luiz de Paula Anconi (S. Paulo). Obrigado a todos.

Grileiro no Est. do Rio

O leitor Nemésio Borges, de São João da Barra, comunica-nos que três famílias de lavradores, residentes naquele município, foram expulsas de suas casas por cangaceiros a mando de deputado estadual Simão Mansur. Depois de incendiarem as choupanas dos lavradores, os capangas daquele deputado destruíram suas lavouras e fizeram todo tipo de ameaças.

Aposentadoria do IAPI

A consulta que nos dirigiu o leitor Lirio Segantini (Arapongas-Paraná) será respondida em um dos próximos números pelo dr. Everaldo Martins em sua seção Defende teu direito, publicada na 2ª página do 1º caderno deste jornal.

Poema a Lenin

Agradecemos ao leitor Juan Pablo (Petrópolis-Est. do Rio) o poema que nos remeteu a propósito do 90º aniversário de nascimento de V. I. Lenin.

Aniversário do PC

O leitor Balmir A. da Costa (Guararapes) manda-nos dizer que foi comemorado festivamente naquela cidade o 38º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil...

Sugestões

«Achel NR melhor no seu nove feriado» é o que nos escreve o leitor A. Guilherme (Guariba-RGS). E apresenta uma série de sugestões para melhorar o nosso jornal, algumas já atendidas, e outras que serão estudadas para aproveitamento posterior.

Comitês Lott-Jango

Os leitores Osvaldo Germano Fernandes (Florianópolis-SC.), Flory Ramon de Aguiar (Santa Rosa-RGS), João Batista de Oliveira (Guairá-SP), Carlos Alexandre (Valparaíso-SP) e Manoel João da Silva (Três Rios-Est. do Rio) comunicam-nos a criação naquelas cidades de Comitês Nacionalistas Lott-Jango e a eleição de suas respectivas diretorias.

Lott e Petróleo

Do leitor Frederico de Mello (Distrito Federal) recebemos um poema exaltando a candidatura nacionalista do Marechal Lott à presidência da República.

Carta do Sertão

Estado da Guanabara, vinte e um do mês d'abril, Cumpade doutô Zé Danta: A verdade vai aí

Nos percisamo, Cumpade. Vê a coisa mais de perto. Esse marechá minêro vai dexá pros brasileiro o nosso Brasi liberto.

Há coisas qui num se tem, qui o pobe percisa tê: hospita pra se curá, escola pra se aprendê... O Marechá vai dá tudo, jáuvi êle dizê.

Vai sê nossa a nossa terra, tudo terá cum franqueza: Vamos prantá no Nordeste mecê vai vê qui riqueza! Vamos tê força e saude, Munta água nos açude, pras faia da natureza.

Abencô seu afindo e de lembrança á cumade. O Zé Praxêdi, de sempre, seu ístimado cumpade.

NOVOS RUMOS

Table with subscription rates: Anual Cr\$ 250.00, Semestral Cr\$ 130.00, Trimestral Cr\$ 70.00. Also includes contact information for the editorial office.

Assinaturas: Anual Cr\$ 250.00, Semestral Cr\$ 130.00, Trimestral Cr\$ 70.00. Aéreo anual, mais Cr\$ 100.00; semestral, Cr\$ 50.00; trimestral, Cr\$ 30.00.

Donos do Nada

Não fosse triste e seria engraçado — principalmente ridículo — o papel dos oposicionistas brasileiros. Dizem sim e dizem não batendo os pés, apopléticos, como se fossem os donos da verdade eterna, como se verdades eternas existissem. A coisa chega a tal ponto que um deles, reacionário pela própria natureza, no dia em que o mundo inteiro comentava e mesmo aplaudia o primeiro foguete soviético à Lua, escreveu no seu jornal: dizem que os soviéticos mandaram um foguete à Lua. E coisa que não acredito. Não acredito, dizem, como se fosse só deles o direito de saber, de entender, de acreditar. São de morte.

Agora andam desesperados. Odeiam Brasília, falam mal de Brasília, negam Brasília. E Brasília está aí, inclusive como um marco de luta contra o nosso subdesenvolvimento econômico. Ligar o Brasil, dar-lhes estradas, criar condições de escoamento de mercadorias é uma tarefa que Brasília terá e que enche de esperanças os caboclos da Amazônia, por exemplo. Os ranhetas ficaram ferozes; outro dia um deles declarou que a prova de que não devem ser criadas novas cidades é que a França não cogita nem nunca cogitar disso. A França, coitada, roída de miséria e de fome, pode lá cogitar de alguma coisa a não ser oprimir seus povos coloniais? André Malraux que se passou com armas e bagagens da extrema-esquerda para a direita, mas que é realmente um dos homens mais cultos e inteligentes da França atual, quando esteve aqui e visitou Brasília, disse que só dois países no mundo são capazes de construir novas cidades: a URSS e o Brasil.

Sabemos das diferenças profundas — profundíssimas — entre os dois países, sabemos que houve muito exagero na construção de Brasília, podemos estar em desacordo com muita coisa de JK, muitos atos desastrosos, muitos erros, mas é impossível negar o que representa Brasília para nossa etapa atual de industrialização, de desenvolvimento econômico.

Nenhuma semelhança entre a URSS e o Brasil, mas devemos orgulhar-nos desse nosso apetite de viver, dessa nossa feimosia em sair do caos, dessa nossa vontade que quando é resolvida nada impede.

Os ranhetas (chamo assim para não usar nomes feios) ferozes, como Brasília deixou de ser sonho e se fez realidade, começaram a querer jogar o povo caraca contra o governo protestando, gritando, batendo pés e arrancando cabelos por causa do Estado da Guanabara. Que é que há gente? Por que tanta fúria? Se o Estado da Guanabara fosse dividido por vocês, que bom seria, hein? Se vocês, que vivem proclamando suas próprias virtudes fossem donos da terra, seria bem bom, não? Mas não ainda, não. Nosso povo está curado de míopias e já conhece bem vocês, inclusive porque as máscaras que vocês usam já estão gastas. As verdadeiras faces já aparecem atrás das máscaras rotas.

Política, dizia o velho Lenin, é uma arte e nossos políticos opicionistas nada entendem nem de arte nem de política. São dolorosamente grotescos. Donos do nada.

Encicla

Revisão da História

Numa época em que se fala com frequência na evidente necessidade de se fazer a revisão de nossa História, à luz da imensa documentação inédita e esparsa, existente não só dentro do país mas inclusive no estrangeiro, especialmente em Portugal, não pode passar despercebido o fato de que são poucos os arquivos particulares, entre nós, que possuem correspondência e outros manuscritos alinentes a homens públicos, escritores, etc.

Graças, em parte, a documentos dessa natureza, ainda hoje conservados em mãos de parentes e amigos de Rio Branco e de outros brasileiros de prole, é que o Sr. Luís Viana Filho pôde escrever «A Vida do Barão do Rio Branco» (Livraria José Olympio Editora — 1959) com o aparelho erudito, que temos dizer com a fundamentação que a lareira, permitindo-lhe fazer revelações, modificar conceitos e impressões nem sempre verdadeiros, em suma, escrever uma biografia tanto quanto possível exata e segura.

Ora, será uma pena que desapareçam esses arquivos particulares, hoje tão bem conservados e a salvo de maior perigo. Isso, é claro, pode acontecer mais tarde, porque os parentes às ve-

zes, distantes ou afins dessas personalidades poderão não ter o mesmo interesse, o mesmo cuidado na guarda de tais cartas e outros documentos que acaso contenham informações interessantes de referência à História nacional.

Por isso é que nos países mais cultos do mundo, ou seja, naqueles em que os arquivos do Estado têm a preocupação constante de obter toda e qualquer documentação que ofereça interesse à reconstrução da sua História, da História em geral, dispositivos legais e regulamentares procuram atrair para tais repartições os papéis particulares que mereçam ser nelas conservados, de acordo com o critério acima esboçado.

No Brasil, sabe-se que perderam muitos arquivos particulares de administradores, políticos, homens de letras, cientistas, etc.

Assim sendo, já é tempo de se providenciar para que os nossos arquivos públicos exerçam nesse campo uma ação preventiva e esclarecedora ou educativa, de forma que as próprias famílias tenham gosto em saber que tais documentos estão sob a guarda do Estado.

M. C. F.

Notas Sobre Livros

Em seus estudos sobre as origens e a evolução da nossa literatura, Silvio Romero caracterizou com singular acuidade o sentido dessa evolução, cujo «princípio fundamental e dirigente» tem sido o da dualidade do seu conteúdo social.

Eis o que ele escreveu, em artigo datado de 1883:

«A quem se aplicasse a fazer a instauratio magna de nosso pensamento através dos quatro séculos de nossa existência, o princípio fundamental e dirigente da literatura apresentar-se-ia no antagonismo entre o elemento popular e os preconceitos autoritários das classes conservadoras herdadas da metrópole. — Desde os primeiros dias em que começaram a avultar os filhos americanos dos primeiros colonizadores, esse antagonismo despontou, e a maior ou menor consciência dele — é o termômetro de nossa maior ou menor celeridade na evolução literária. Debajo do convencionalismo das escolas, sob as formas mais ou menos espessas das construções retóricas, vivo e palpante está o pensamento nacional para aquele que sabe entendê-lo.» (Estudos de Literatura Contemporânea, Rio, 1885, p. 154).

A esta posição o princípio chegou Silvio Romero ao realizar, ele próprio, a instauratio magna do pensamento brasileiro, a que se referia, e partindo daí é que levou a cabo o melhor da sua obra de crítico e historiador da nossa literatura.

Silvio Romero, como se sabe, foi desde a juventude, ao lado de Tobias Barreto, um combatente de primeira linha na grande batalha cultural de renovação da mentalidade brasileira, que se travou em nosso País, durante alguns lustros, a partir de 1868. Desde cedo libertou-se das teias de aranha do obscurantismo filosófico e clerical até então dominante entre nós, arrojando a própria mente ao sopro dos ventos materialistas que nos vinham da Europa. Em quase meio século de intensa atividade literária, revolveu-se um pensador avançado, chegando mesmo a manifestar simpatias pelo socialismo; não era, porém, um marxista, longe disso, Justo, é, portanto que salientemos o mérito do seu surpreendente artigo de 1883, no qual já mostrava compreender o caráter antagonista das «duas literaturas» — e, por extensão, das «duas culturas» — problema a que Lenin viria dar em 1913, uma rigorosa definição científica.

Podemos pois, utilizar largamente a prata da casa, nesta matéria, certos de que ela nos ajudará a bem compreender e caracterizar o conteúdo social da nossa cultura, que se desenvolve em consonância com o desenvolvimento histórico do País. Ela serve também para mostrar que o marxismo não é uma criação arbitrária do espírito, uma doutrina subjetiva de tais ou quais utopistas, um dogma rígido, fechado, intocável. O marxismo é justamente o oposto de tudo isso, conforme se verifica pelo fato, já assinalado por Engels, de muitos pensadores honestos, embora não marxistas, chegarem a conclusões semelhantes ou aproximadas daquelas a que chegaram os marxistas, em relação a certos problemas científicos. E é o caso do nosso Silvio Romero, na questão que nos interessa aqui.

Mas, antes de terminar, chamarei especialmente a atenção do leitor para a frase final do trecho acima transcrito. Segundo Silvio Romero — e ainda nisto concordamos com ele — as diferenças e as brigas de escolas são coisas secundárias do ponto-de-vista de um autêntico pensamento nacional; sob as mais variadas formas de «construção retórica» é possível dar expressão literária de boa qualidade a conteúdos cuja significação contribua para o fortalecimento da linha nacionalista da nossa cultura. A mesma coisa podemos dizer com relação às obras de arte em geral, e também do trabalho científico. É claro que isso não se refere a expressões cosmopolitas que buscam formas de expressão cosmopolitas não nacionais, porque neste caso o que se pretende é precisamente estabelecer a obra de arte de todo conteúdo de sentido progressista.

Astrojido Pereira

Mark Twain na Contextura Literária Norte Americana

RODOLFO KONDER

Nos primeiros anos do século XIX, a literatura norte-americana, ainda incipiente, apresentava já o esboço de uma estrutura que cedo tornar-se-ia autônoma. A filosofia, os poemas e os discursos de Emerson são os primeiros indícios de sua visualização. E o «Apelo aos estudantes americanos», um verdadeiro toque de alvorada.

Na poesia, dominada pelo «pensamento incolor e as imagens batidas» de um Longfellow, ou pela obra apenas quantitativamente razoável de um Whittier, os americanos só atingiram a idade madura, isto é, sua primeira expressão nacional, em 1855, com a impressão de Leaves of grass, único livro de poemas de Walt Whitman; na prosa, Hawthorne refugiara-se dentro de

si mesmo, Melville deixara-se absorver pelos enredos do mar, quando surgiu um discípulo de Bret Harte que de longe ultrapassaria o mestre, e imprimiria, também, um cunho essencialmente nacional a sua obra — Samuel Langhorne Clemens, conhecido pelo pseudônimo de Mark Twain.

A literatura nos Estados Unidos surgira nos jornais, nos panfletos das lutas pela independência, assumira formas sintéticas e incisivas, refletindo a mentalidade pragmática de um povo cujo ritmo de vida foi sempre dos mais acelerados. E também por falta de leis que protegessem os direitos autorais, os escritores que quisessem viver do seu trabalho eram obrigados a recorrer a jornais e revistas que, no caso,

podiam pagar-lhes e faziam-no bem. Isso, no entanto, forçava-os a adotar formas abreviadas, linguagem clara e temas objetivos. Essa forma literária particular — o conto moderno — teve em Bret Harte — que cultuava modelos tipicamente nacionais, reflexos do modus vivendi americano, e criticava Hawthorne, Melville ou Poe por se acharem afastados desse espírito — um defensor incansável, que chamava a si a glória de ser o único a explorar adequadamente as vantagens do gênero. E foi nesse sentido que influenciou Jack London, O. Henry, Mark Twain e outros.

Com o fim da guerra civil houve na realidade social estadunidense mudanças qualitativas que atraíram a atenção de todos. Os artistas tive-

ram os olhos voltados para o mundo objetivo, especialmente para seus aspectos sociais — era o nascimento do movimento realista. Mark Twain trazia a chave que iria introduzi-los nesse novo e fecundo período.

Cumpriria outra missão importante: a de deslocar para o Oeste parte da responsabilidade nos movimentos culturais, que até então estava monopolizada pelos homens do Este, como Emerson, Thoreau, Hawthorne, Whitman, e mesmo Cooper e Poe, principalmente em Nova Iorque e Boston.

Mark Twain era mais que um simples cidadão norte-americano quase o seu arquétipo. Colocava o significado do progresso em termos de conforto e higiene, dirigindo suas sátiras não só contra os estrangeiros, seus países e deficiências, mas contra o próprio povo a que pertencia e algumas de suas tradições. Auto-suficiente, baseava-se exclusivamente na experiência prática, sua fonte real de conhecimentos. Era um simples homem do povo, chamado Samuel. Foi pintor ambulante, piloto de barcos no Mississippi, explorador de ouro, escritor, jornalista, editor e conferencista. Saiu da escola aos doze anos (quando morreu seu pai) e só aos trinta e dois (1867) publicou a sua primeira obra: The celebrated jumping frog of Calaveras County, obtendo absoluto sucesso. Usava uma linguagem acessível e, levando a sua estrepitosa gargalhada a todos os cantos do país, falava diretamente à razão rude do povo, porque provocava o risco, que é o «maior inimigo da emoção», como frisava Bergson. Mas era também um sentimental, o que pode ser comprovado na biografia que escreveu de Joana d'Arc.

Atingiu a celebridade sem, no entanto, perder a simplicidade do antigo repórter. Foi homenageado em Oxford como «doutor em literatura». Permaneceu imune.

Entre seus livros, quase todos autobiográficos, destacam-se: The innocents abroad, The adventures of Tom Sawyer, Life on the Mississippi, A connecticut yankee in King Arthur's court, The celebrated jumping frog and other stories and sketches, e o principal — The adventures of Huckleberry Finn, pelo equilíbrio conseguido entre os momentos de devaneio poético e a pintura crua da realidade.

Falecida sua mulher e sua filha, tornou-se cético e pessimista. Os mais incautos viram nele um pensador, outros riram. Os últimos tinham razão, pois se a sua única tentativa no campo filosófico, What is man, não tem intenção humorística, não pode ser levada a sério.

Desapareceu como tinha surgido, à luz do cometa de Haley, aos setenta e cinco anos.

Com a morte dos elementos mais representativos de sua geração — Bret Harte, Henry James e William Deans Howells — o campo literário norte-americano ficou dividido entre a penetração psicológica de Stephen Crane (The red badge of courage) e o dinamismo de Jack London (The sea wolf). O. Henry, Henry B. Fuller, Frank Norris e outros menos importantes.

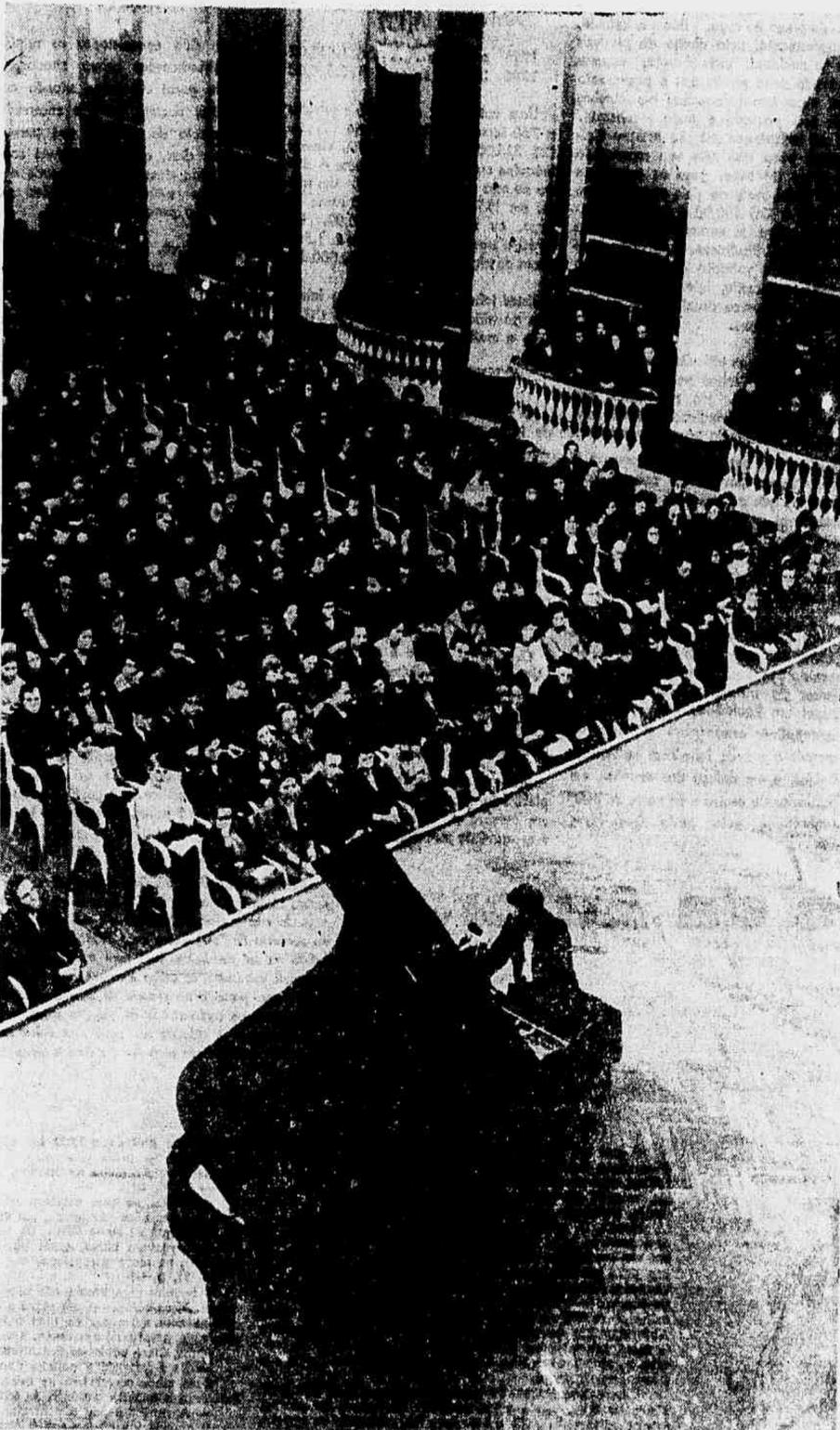
Movimento editorial na URSS

Os livros publicados na URSS, o ano passado, representaram um quinto dos livros publicados no mundo inteiro. Foram editados 5,5 volumes por pessoa.

Um total de um bilhão cento e sessenta milhões de exemplares, apareceram sessenta e nove mil títulos, em oitenta e seis idiomas.

A União Soviética atingiu o primeiro lugar do mundo em tradução e publicação de obras estrangeiras. Em 1959, foram editadas mais de mil e duzentos livros, de quarenta e oito países. Entre eles, figuram cento e sessenta e seis obras de autores chineses, traduzidas em cinquenta idiomas.

Atualmente, a URSS conta com trezentas editoras do Estado, que publicam diariamente cento e no-



Aplausos a Arnaldo Estrela

Arnaldo Estrela, pianista brasileiro, e sua esposa, Mariucha Iacovino, violinista, iniciaram em Pequim sua tournée pela China, com um brilhante concerto de música clássica latino-americana e europeia.

Metade do programa de duas horas foi dedicada a compositores latino-americanos, Villa-Lobos inclusive. De europeus, foram executadas peças de Brahms e Chopin. Os aplausos entusiásticos da plateia levaram a que os artistas repetissem três números.

Chu Tu-Nan, presidente da Associação do povo chinês para relações culturais com o estrangeiro, Chen Ien-Ping, Ministro da Cultura,

Lu Chi, presidente da União dos Músicos Chineses, Und Massu-tung, Chao Feng e outros destacados músicos da capital assistiram ao concerto, tendo, no final, subido ao palco para cumprimentar os artistas brasileiros, a quem um grupo de jovens músicos ofereceu ramos de flores.

Comentando o espetáculo, Yi Kai-Chi, diretor do Departamento de piano do Conservatório Central de Música, elogiou a «técnica brilhante de Arnaldo Estrela, crepita e pura, e, em particular, seu estilo agudo ao executar as composições latino-americanas, pleno de compreensão da vida que reflete».

As duas organizações promotoras do espetáculo — Associação

para relações culturais com o estrangeiro e União dos Músicos Chineses — fizeram realizar uma grande recepção para comemorar o êxito.

Em saudação aos artistas brasileiros, Chu Tu-Nan declarou que sua visita à China contribuiria para desenvolver as relações culturais e aprofundar a amizade entre os povos brasileiro e chinês.

Arnaldo Estrela e sua esposa chegaram à China após uma brilhante tournée pela União Soviética, Polónia e Bulgária. Em sua estada de um mês na China, deram concertos em Pequim, Tientsin, Chungking, Kweiyang, Wuhan e Shanghai.

DERROTADA A POLITICA DO SR. MENEGHETTI

Greve do Trigo Foi Contra os Moinhos

CRUZ ALTA, Rio Grande do Sul — seu recinto habitual, e reabriu-os no (Abril) — A maquinaria da lavoura tritícola, do Rio Grande do Sul, abrange mais de 17 mil máquinas, entre tratores, semeadeiras-adubadeiras, combinadas e automotrizes, além de mais de 15 mil implementos (arados e grades) e mais de 4.000 carretões. Todo esse potencial mecânico foi imobilizado pelos triticultores que se concentraram em várias cidades. Centenas e centenas dessas máquinas se aglomeraram nas ruas do centro da «Capital do Trigo», Cruz Alta. A paralisação foi em sinal de protesto contra a política anti-tritícola do Governo Federal, representada na pessoa do Ministro da Agricultura, senhor Mário Meneghetti.

A greve dos triticultores gaúchos teve início na cidade de Carazinho, no dia 28 de Março e a concentração das máquinas em Cruz Alta no dia 31 de Março, às 8 horas. No dia 31 de Março, portanto, teve início num estilo mais alto e organizado a patriótica greve dos triticultores. Foi organizado o comando da luta e dele participaram Alfredo Westphalen Neto, Antonio A. Lima, Norberto Linder Mayer, Ladimir Machado, Américo Ramos Bueno, Homero Pezzela e Sôthér Marques. Foi eleito presidente do comando o líder triticultor Alfredo Westphalen Neto.

Em seguida dirigiu-se para o Rio de Janeiro uma comissão constituída pelos triticultores: Walter Werner, Augusto Retamal e Ladimir Machado. Esta comissão foi acompanhada, até Porto Alegre, pelo prefeito Cap. Adauto A. dos Santos. Nas imediações da concentração de máquinas, foram levantadas barracas, sendo uma delas chamada «Rancho dos triticultores», onde eram servidas as refeições.

GREVE GERAL

No dia 31 de março toda a cidade parou, com os estudantes em greve, o comércio, a indústria e os bancos com suas portas fechadas. Os funcionários municipais não se apresentaram ao trabalho, por ter a Câmara Municipal dado integral apoio ao movimento e o prefeito da cidade que também aderiu decretando ponto facultativo.

As 8 horas deram entrada na Capital do Trigo as máquinas dirigidas pelos soldados da triticultura. Os produtores, arrendatários, lavadores grandes e pequenos, ligados com os assalariados agrícolas, eram saudosos entusiasticamente pelo povo cruzaltense. Foram realizadas em Cruz Alta, durante a greve, comícios, concentrações, atos festivos, etc. No dia 6 de abril realizou-se grande comício. A Câmara de Vereadores, em sinal de solidariedade, suspendeu seus trabalhos no

Além de outros oradores, falaram o Cap. Adauto A. dos Santos, prefeito, Dr. J. Westphalen Corrêa, presidente da Câmara, Padre Fortunato Dai Agnol, vereadores de todos os Partidos e duas moças tratoristas.

TRITICULTORES NÃO QUEREM AUMENTO

Encerrando o comício o líder Alfredo Westphalen Neto, depois de abordar minuciosamente a justiça da luta dos triticultores, fez ver à grande massa que o ex-ministro Mário Meneghetti, antes de ser substituído, procurou confundir a opinião pública afirmando a contra os triticultores, dizendo que o pão iria aumentar de preço e os responsáveis seriam os que estão lutando pela triticultura. O líder Westphalen, declarando disse: «São uma calúnia as declarações do Ministro. O povo sabe que não estamos lutando pelo aumento do preço do trigo. Estamos lutando, simplesmente, pelo direito de produzir trigo nacional, mais barato, estamos lutando para recebermos o pagamento do trigo que entregamos em outubro do ano passado e nada recebemos. E os triticultores estão sempre vigilantes para que não seja aumentado o preço do trigo, para os moageiros que já há mais de dois anos recebem o trigo a Cr\$ 500,00 o saco. Havendo tentativa de aumento no preço do trigo, os triticultores paralisarão suas máquinas e voltarão à greve lutando contra a carestia, lutando pela manutenção do preço atual que é de Cr\$ 500,00 a saca».

Têm razão os triticultores quando dizem que não lutam pelo aumento do preço do trigo. Há três anos, era uma de suas reivindicações o não aumento do preço do trigo aos moinhos.

A diferença entre preço de compra e o de venda deveria ser coberto com os ágios que o governo federal economiza com a não importação do trigo que é produzido no País. Esta reivindicação foi vitoriosa e o trigo desde 1958 vem sendo vendido aos moinhos a Cr\$ 500,00.

Por incrível que pareça, o ministro Mário Meneghetti, gaúcho de nascimento, por mais que se dissesse defensor da triticultura nacional, o seu papel era liquidá-la, em favor dos monopólios estrangeiros a bem de cumprir o acordo feito com os Estados Unidos, e em defesa dos moinhos, em particular do centro e do norte do país, controlados pelo Truste Bung and Bor.

MOINHOS ROUBAM

Os moageiros dizem que é preciso aumentar o preço da farinha porque aumentaram os impostos, etc., quando por várias vezes eles aumentaram o preço. Vejamos as tabelas abaixo, que provam, não só, que não é necessário aumentar o preço da farinha, como também os triticultores lutam pela redução do preço da produção, contra a carestia da vida e não pelo aumento do preço do trigo, da farinha ou do pão.

PREÇO DO TRIGO PARA OS MOINHOS

1956 saco de trigo ..	Cr\$ 420,00
1957 Idem, idem ..	440,00
1958 Idem, idem ..	500,00
1959 Idem, idem ..	500,00
1960 Idem, idem ..	500,00

PREÇO DA FARINHA

1956	Cr\$ 485,00
1960	1.100,00

Adubos

1956 p/ 1 ha.	Cr\$ 1.500,00
1960 Idem	3.600,00

Uma automotriz em 1956 equivalia a 750 sacos de trigo, ou seja Cr\$ 315.000,00. Em 1960 a mesma máquina equivale a 2.800 sacos de trigo ou seja Cr\$ 2.240.000,00. Um trator em 1956 equivalia a 370 sacos de trigo, ou seja Cr\$ 160.000,00. Em 1960 o mesmo trator equivale a 1.500 sacos de trigo ou seja Cr\$ 1.200.000,00.

Estas tabelas desmascaram os inimigos da triticultura nacional que deturpam a realidade dos fatos.

EXTENSÃO DO MOVIMENTO

O movimento grevista atingiu cerca de trinta municípios do Estado. O protesto teve início nos municípios de Carazinho, Cruz Alta, Santo Ângelo, Santa Bárbara, Ibirubá, Panambi, Palmeira e em seguida se estendeu a outros municípios onde os triticultores resolveram concentrar suas máquinas agrícolas nos centros urbanos, a fim de dar demonstração cabal de sua disposição de lutar consequentemente por suas reivindicações.

O principal motivo é que os triticultores não tinham dinheiro nem para o combustível de suas máquinas, por isso mesmo, acharam mais conveniente encostá-las nas sargelas do asfalto das cidades.

Por que não havia dinheiro? Simplesmente, porque o trigo foi colhido em outubro e entregue ao governo sem até este momento terem recebido

um só centavo. Além da falta de dinheiro, os produtores vêm tendo um prejuízo, só de juros, de cerca de .. Cr\$ 42,00 por saco de trigo.

As principais reivindicações do movimento são:

- 1.ª Substituição do ministro Mário Meneghetti
- 2.ª Aprovação do projeto Unirio Machado, que trata da prorrogação da moralória aos triticultores.
- 3.ª Como solução de emergência, adiantamento parcial do financiamento à lavoura. — Cr\$ 1.500,00 por ha.
- 4.ª Aumento do preço-teto do financiamento por ha. à lavoura.
- 5.ª Preço único e justo para o trigo, sem nenhum aumento no preço aos moinhos.

VITÓRIA

Tendo sido conquistadas as principais reivindicações acima citadas, o comando geral da greve situado em Cruz Alta, decidiu dar por encerrado o movimento de protesto, que perdurou onze dias, com considerável coesão de toda classe e solidariedade dos ferroviários gaúchos, associações de classes, e o povo em geral.

As 14 horas, no palanque do comício da vitória, que se realizava na praça central da cidade, o líder Westphalen, dava a palavra-de-ordem do comando geral do movimento. «Triticultores, nossa luta foi vitoriosa, iniciemos, portanto, o desfile para nossas lavouras.»

As 14 horas, precisamente, Cruz Alta viveu um de seus grandes momentos, com milhares de pessoas na praça central e nas principais ruas da cidade, sob o pipocar dos foguetes, e, num só tempo, com o ruído estridente dos motores das máquinas agrícolas que rompiam, como uma banda de clarins, o silêncio sombrio do maquinário, que estava parada representando o protesto dos triticultores em luta por suas reivindicações patrióticas e nacionalistas.

Tendo à frente uma máquina da empresa Westphalen, dirigida pelo senhor Alfredo Westphalen Neto, presidente do comando geral do movimento, foi dado início ao desfile sob as palmas da multidão que se aglomerava na praça pública. O desfile, que teve início às 14 horas, terminou às 16 horas e 15 minutos.

“Os Galos da Aurora”, livro de estreia na literatura do jornalista Hélio Polvora, é a reunião de uma série de contos do autor, animado com o sucesso do conto que dá nome ao livro, premiado no concurso de “A Cigarra”, em 1958. Hélio Polvora, nascido e criado no sul da Bahia, veio para o Rio como jornalista. Não esqueceu, entretanto, as coisas e os problemas da região dominada pelo cacau, presente na maioria de seus contos. Sem se limitar ao regionalismo característico da geração anterior, Hélio Polvora procura retratar a vida de seu povo com todos os recursos que retirou de sua atividade profissional e de sua formação humanística.

Conto HÉLIO POLVORA

O galo era pearen. Não era alto, mas tinha o peito forte e estufado, colorido de peninhas preto e branco. Sobre a cabeça elevava-se a crista sanguínea e mole, quase dobrada em duas. Os esporões eram longos, longos demais. Galo terra, carijó, galináceo comum, uma porcaria de galo.

Bonito, lá era. Uma beleza de galo. Andava apumado, com pose de peru, satisfeito com a própria figura. O papo era um depósito de cacarejos constrangidos. As asas descaíam, ora para um lado, ora para outro, roçando a terra em movimentos rápidos. Com a asa pendida como avião despençando do céu, rodeava as frangas novas, espantava as galinhas poedeiras, e de vez em quando experimentava a solidez de um fio. Absolutamente convicto da resistência das fêmeas do seu terreiro, saltava para o chão, inflava o papo, a crista tremia, os esporões tremiam — e o cocorocó ouvia-se longe, era o seu brado triunfal.

Chamava-se Roque. De madrugada, desperto na cama de couro de zebu, vendo a luz coalhada de branco da manhã entrar pelas telhas vãs e espalhar, na escuridão do quarto, uma camada leitosa, gostosa de ouvir o nosso galo, o orgulhoso Roque, duelar com os seus vizinhos. O desafio dos cocorocós prolongava-se durante horas, só tinha fim quando as aves agitavam-se no poleiro e pulavam para o chão, famintos, num concerto estridente de cacarejos, pedindo milho, milho, milho.

Que madrugada aquelas! A luz da manhã se coando pelas telhas-vãs e eu sem dormir na cama de couro de zebu, doído que raia ao dia para pisar no sereno, sentir na cara o bafo úmido do frio e ir colher os jenipapos tombados, roídos pelos morcegos. Sem sono, o sangue encoado sob a pele de animal novo, ouvia em êxtase as clarinetadas dos galos chamando a aurora. Cocorocó!

Chegava amortecido, suave e débil como o gemido de um violino, o grito do galo de sinhá Maria, na fazenda vizinha, a meio quilômetro. As vezes, quando o galo estava fraco, precisando de uma razão urgente de milho, eu esforçava-me para ouvir o seu canto manchando o silêncio do limpo alvorecer. Um pequeno intervalo — e um galo próximo, o de seu Vicente, respondia num grito rouco e curto que lembrava um trovão em miniatura. O nosso poleiro agitava-se, eu ouvia Roque rufar as asas como um tambor de guerra, e o seu grito, o seu vitorioso cocorocó, estrondava nos meus ouvidos, longo, musical, com os derradeiros sons morrendo em estertores no fundo do peito. Pela madrugada, duelvam os galos, e eu, menino de oito anos, ouvia-os encantado da minha cama forrada de couro de zebu, e conhecia perfeitamente os seus cantos.

Roque era um galo terra, um galo comum, uma porcaria de galo, mas tinha beleza e caminhava com o vento varrendo sua plumagem pedrés, provocando ondas no dorso e nos flancos altaneiros.

— Ti, ti, ti!
Era sinhá Clara, de manhã bem cedo, chamando a criação

sua saia de chita, que fazia um vénceno — espécie de sua improvisado — presa pelo seu braço esquerdo. Com a outra mão ia atraindo milho no terreiro varrido:

— Ti, ti, ti!
As vezes, as aves estavam afastadas, cismando entre a grama, e era uma debandada, um voojar rasteiro, um cacarejar para cima de sinhá Clara. Os frangos mais famintos não corriam: voavam baixo, eram pássaros leves, andorinhas e sanhaços, na louca atropelada.

— Ti, ti, ti!
O terreiro desaparecia, não se via nem um palmo de terra batida. Bicos vorazes caíam sobre o milho esparramado, engoliam-no com a rapidez de uma máquina mecânica que fosse ajustando parafusos, ajustando, ajustando.

Sinhá Clara punha-se pensativa, de mão no queixo: — Está faltando a galinha nanica.

Seus olhos percorriam as aves, perscrutadoras. As vezes descobria a suposta ausente, às vezes não — e ficava triste. — A raposa papou a pobrezinha.

O marido via bem a sua tristeza: — Que foi, sinhá? — A raposa ou o sarigüê, não sei. — Vou reforçar o laço.

Acabava de amolar o facão, afiava a lâmina em uma tira de couro fixada a uma tábua, experimentava a polpa do polegar no fio e recuava-o, lépido.

Com êste bicho assim afiado, faço a cobra cuspir. — E saia feliz para a roça, passando a lâmina de vinte polegadas, aço alemão, nos talos tenros; de capim.

— Olha as pernas, homem sem juízo!
A advertência da mulher arrancava-lhe uma risada de mofa.

Para que negar, se eu gostava mesmo das aves? Roque comia na minha mão. Suas bicadas eram fortes, faziam-me doer a palma. Quando a mão estava cheia, ainda bem; mas quando restava uns poucos grãos para ele catar, as bicadas eram dolorosas, deixavam vergões. Depois que as aves grandes comiam e saíam a ciscar, longe da casa, eu pava milho para os pintos. Uma vez, a pedra redonda esmagou o bico de um pinto sem plumagem, o mais faminto da família. As duas partes do bico não se ajustaram jamais; penderam para os lados, formando uma cruz, a cruz do meu remorso. Sem poder engulir nada, o pelado emagrecu, emagrecu, enquanto os irmãos encorpavam, ganhavam plumagem, vestiam roupas coloridas. Não pude matá-lo e tapei os olhos quando sinhá Clara esmagou-o contra o tóco negro de calê.

— Não gosto de ver bicho penando.

Roque, o rei dos cocorocós da madrugada, também comia bananas que eu lhe oferecia desceçadas. Mergulhava o bico na fruta madura e, com a cabeça no alto, talitava-o com prazer. Enquanto eu morria outro bocado, entorcia a cabeça pensativo, com os olhinhos verdes piscando como luzes. Sinhá Clara me surpreendia e era um deus-nos-acuda:

Teatro

“A Farsa da Espôsa Perfeita”

O Teatro de Arena está apresentando desde o mês passado, a peça em três atos, de autoria de Edy Lima, «A Farsa da Espôsa Perfeita». A autora é gaúcha da fronteira, da cidade de Bagé. Aí, situou a ação da peça. E o fez com grande autenticidade, reproduzindo de maneira muito feliz, o linguajar, o anedotário que é sempre uma das expressões mais puras e características do povo, os hábitos, as crenças, a maneira de viver das gentes daquela região do Sul. Quem lá nasceu ou viveu muito tempo que o diga. O texto trata de maneira terna e irônica dos apuros e complicações de uma jovem e bela espôsa que seguindo os conselhos de uma «rezadeira» e alcoviteira resolve ceder às investidas de dois admiradores, prodigalizando-lhes favores, com a finalidade de obter-lhes a cooperação nos planos de ajuda ao marido, criador de galos de rinha e para quem a vitória de seus pupilos (os galos) é além de questão econômica, um ponto de honra. O marido enganado, na melhor boa-fé, é amigo e comparsa de seus adversários no rinhadoreio, sócios no amor da mulher. Mas esta que em sua simplicidade de criatura primitiva desconhece maiores problemas de moral e fidelidade conjugal e julga que o fim — defender os interesses do marido — justifica os meios, quando não precisa mais de seus adoradores, busca livrar-se deles, de qualquer modo. Engendra uma intriga entre os dois galos, mas o prejudicado é ainda o marido, que acaba levando a surra que se destinava a um deles. De maneira inesperada, no último ato a alcoviteira se revela. E ficamos sabendo de seus amores, já antigos, com Sirvano, o marido. Fica explicado seu interesse em ajudá-lo, através de processos tão pouco recomendáveis, assim como a sua vontade de despistar, ela também, os dois comparsas já agora inúteis e desnescessários e o seu empenho em transferir o casal para uma fazenda, mais longe, mais perto dela e... mais à mão do fazendeiro, interessado nos favores da bela Olália, a espôsa. E tudo vai recomegar, ao terminar o terceiro ato... Contado assim pode parecer inconveniente. Não é. Trata-se de uma farsa, uma certa sátira a certos modos e atitudes um tanto fanfarrões, um tanto ingênuos, muito do sul. A peça é bem urdida e bem desenvolvida. A direção é boa. Os acessórios dão a necessária cor local. O desempenho é bom. E' mesmo surpreendentemente bom para atores que desconhecem o sul e suas peculiaridades. Caminha e falam como fronteirigos, como gente que tem de vencer com a voz e com o corpo, a força do minvano. E' natural que ginguem e gritem. Lá é assim. E' mais um louvável entendimento dessa gente esforçada e simpática do Arena. Não traz mensagem política, não tem matiz social, mas diverte, o que não deixa de ser útil e necessário.

Beatriz Bandeira

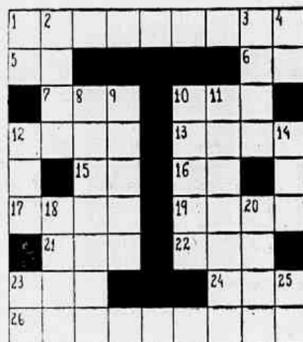
Palavras Cruzadas

F. Lemo

PROBLEMA Nº 7

HORIZONTAIS: 1 — O mais novo Estado da Federação. 5 — Do verbo SER. 6 — Artigo masculino plural. 7 — Costela inferior do boi. 10 — Instrumento agrícola (plural). 12 — Mais mau; mais nocivo. 13 — Cerimônia religiosa que se celebra todos os dias, durante um ano. 15 — Naquele lugar. 16 — Décima sétima letra do alfabeto grego. 17 — Conciliar; pôr de acordo. 19 — Expressão que exprime irritação, revolta. 21 — Nome próprio masculino. 22 — Mulher que amamenta criança alheia. 23 — Altar dos sacrifícios. 24 — Criada de companhia. 26 — Pequena embarcação de velas latinas (plural).

VERTICAIS: 1 — Nome da letra «G». 2 — Adotai. 3 — Nome de uma flor muito conhecida. 4 — Artigo feminino plural. 8 — Procurar contatos voluptuosos, principalmente numa aglomeração de pessoas, veículo, cinema, etc. 9 — Ave



da família dos Psitacidaeos. 10 — Homem excluído da sociedade. 11 — Que está fora das normas; contrário às regras. 12 — Lavatório. 14 — Discurso laudatório. 18 — Ramo delgado de árvore ou arbusto. 20 — Pista de corrida de cavalos. 23 — Antes de Cristo (abrev.). 25 — Artigo feminino plural.

RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 6

HORIZONTAIS: 1 — Mil; 4 — Aba; 7 — Ari; 8 — Arles; 9 — Labor; 11 — Via; 12 — Devoto; 14 — Ora; 15 — Ira; 17 — Drenar; 19 — Eta; 21 — Radar; 23 — Média; 24 — Aro; 25 — Amo; 26 — Sai. VERTICAIS: 1 — Mal; 2 — Irado; 3 — Liberdade; 4 — Alvoradas; 5 — Boi; 6 — Asa; 8 — Aro; 10 — Ovar; 13 — Tina; 16 — Arara; 18 — Era; 19 — Ema; 20 — Tom; 22 — Rei.

Repetia a condenação, enojada, e perguntava: — Sabe lá onde andou o bico deste galo? Era ela quem dava a resposta: — No monturo, cismando imundícios!

Para que negar, se eu gostava mesmo das aves e adorava ouvir pela madrugada o canto guerreiro do nosso galo carijó?

Roque não era um galo de raça, já sabem. Tinha a crista mole e caída, e os esporões não eram afiados. Foi a sua perdição. Jacinto, trabalhador que morava do outro lado do pasto, em uma casinha envarada e enchida de soppo de barro, apareceu um dia, muito lampieiro, com um frango novo que lhe custara dois mil-réis. Soltou-o no seu terreiro. Em breve, ouviu-se dois cocorocós, para espanto de Roque, que decidiu pela expulsão imediata do intruso.

Encontraram-se bem à minha vista, depois de se hostilizarem de longe, riscando o chão com as unhas, descendo as asas, cacarejando e cantando, infundindo mútuo terror. Eu, da janela, babava-se de satisfação. As penas do pescoço eriçaram-se, formando um colar que desmudava a carne vermelha, esportada de fístulas brancas — as penas. Pés voavam; ferindo peltos com os compridos esporões; bicos buscavam as cristas que se deflaziam em sangue. Envolvia os combatentes uma poeira de verão que os pés de valsa levantavam.

Durou pouco, a briga. Atraindo pela algazarra e pelo canto triunfal do Roque, Jacinto levou o frango banhado em sangue e agonizante. Não deu boa-tarde ao sinhãozinho, não fez comentários. Fervia de raiva pensando na humilhação e nos dois mil-réis. Quando voltou da feira, no sábado seguinte, fedendo a cachega de pau trêpego, trazia um rival para o nosso galo.

Ri, na minha inocência, ao ver o bicho magro, de pescoço nu e coxas nuas, quase sem crista. Aquêlê não aguentava o rojão.

Jacinto encarou-me com raiva, alisou as penas do bicho e soltou-o com as mãos estendidas como quem liberta um pássaro. Roque partiu que nem uma bala para cima do rival. Chocaram-se no ar e caíram. Confundiram-se, depois, em um galo grande, muito gordo, cheio de penas brancas, pretas e de um vermelho vivo. As vezes tinha duas cabeças. Girava como um rodamoinho no mesmo lugar.

Ah, aquela briga, memorável triunfo de Jacinto, durou horas! Roque, o rei dos cocorocós da madrugada, estava de bico aberto, resfolegando, e já não atacava o galo de raça que Jacinto trouxera para vingar-se: limitava-se a cruzar o pescoço no do rival, furtando-se às bicadas, ou a ocultar vergonhosamente a cabeça entre as asas, fingindo-se de galo adôfalo. Arranquei-o com raiva dos esporões e do bico do galo vermelho para que não morresse. Sua crista estava em carne viva.

Banhei o galo, pensei-lhe as feridas com o sumo do mastroz-piçalo — e do fundo do papo chegava o riso fácil de Jacinto. Minha cabeça inchou, inchou até subir à garganta, formar um bôlo que dificultava a respiração. Abandonei o meu herói destrozado, carreguei de chumbo a espingarda e matei, com certeza tiro, o desgraçado galo vencedor. Deixei-o de bico aberto bem defunto.

— Menino malvado.

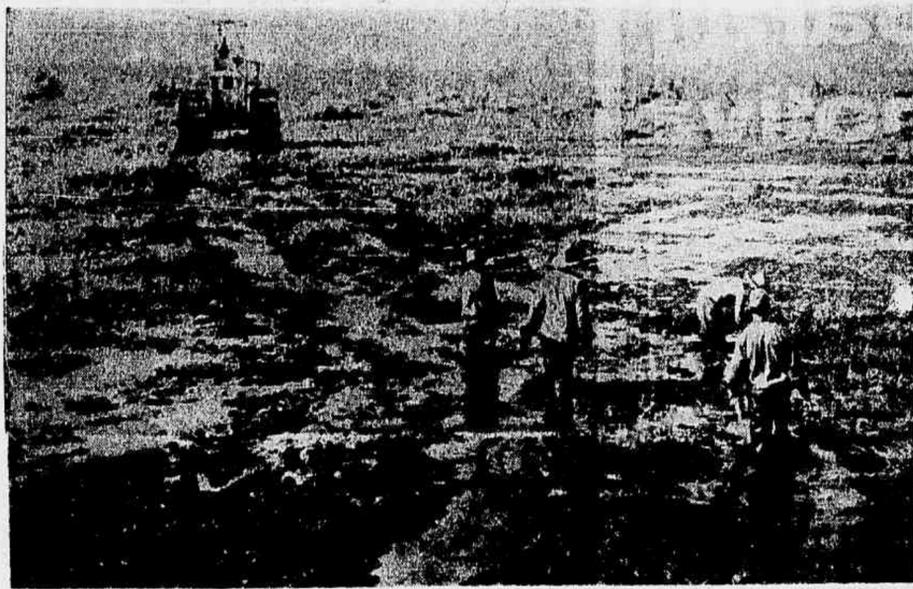
Ninguém de casa aprovou a vingança. Seu Terto suspendeu o trabalho de afiar o facão para me olhar com desprezo. — Isto tem corajão de cobra!

E cuspiu no chão o naco de fumo que estivera a mascar, notando com a língua de um a bicheira para a outra.

O choro explodiu, lágrimas benditas que lavavam a alma e tiraram a realidade do coração. O suor não chegou nunca. Deu-se, pensando nas costas a dureza do couro de zebu, via a luz da madrugada espargir branquidão no breu de quarto, e ouvi o coro dos galos, as suas clarinetadas anunciadoras da aurora. Um grito rouco, medonho, que mais parecia o garrinar de um corvo, respondeu ao desafio. Era Roque agonizante. Meus olhos estavam secos.

Os Galos da Aurora





Recuperação de pântano

COM O GOVERNO DE FIDEL:

Cuba Recupera Seu Território

JUAN MARRERO
Serviço Especial de PRENSA LATINA

HAVANA, (PL) — Dois projetos que trarão enormes benefícios para os povos que os promovem, foram, por coincidência, iniciados na segunda semana de janeiro. Um, no Oriente Médio e outro na América Latina: a represa de Assuan, na República Árabe Unida (RAU), e a drenagem das áreas movediças de Zapata, Cuba.

Ambos os projetos visam a reabilitar regiões a serviço da produção agrícola: a represa de Assuan irrigará milhares de hectares atualmente afetados pela estiagem. E a drenagem do areal de Zapata recuperará 200 000 hectares de terras pantanosas — o que representa 1,7% da extensão territorial de Cuba — e detará seu avanço rumo ao norte, a fim de evitar que continue inutilizando mais território apto para o cultivo.

O areal está situado na península de Zapata, que é a maior da ilha de Cuba, tem 130 kms de comprimento, e, através dos anos, foi contemplada somente com um pequeno centro de trabalho de um grupo de carvoeiros e uma região onde os caçadores preferiam passar seus fins de semana.

Imediatamente depois da vitória da revolução, o regime de Fidel Castro iniciou um grande programa de construções e de desenvolvimento da economia do país. Deste programa consta a recuperação de 200 mil hectares de terras pantanosas do areal de Zapata, que custará 50 milhões de dólares, mas proporcionará uma economia anual de 20 milhões.

“Algo que não serve”

«Já estão em andamento projetos para drenar o areal de Zapata, onde obteremos 195 000 hectares de terras, disse Fidel Castro, a 16 de fevereiro de 1959, quando assumiu o cargo de primeiro ministro do governo revolucionário. Era a primeira ocasião em que um funcionário governamental se referia à área da região, sempre vista como «algo que não serve», de Cuba.

E, à medida que os dias foram passando, o projeto de drenagem da zona foi ganhando impulso.

A 10 de janeiro deste ano, funcionários e técnicos cubanos — que, nos trabalhos experimentais, foram auxiliados por engenheiros holandeses, expressamente contratados para tal — começaram a pôr em marcha o projeto, no lugar conhecido por El Bongo, a uns dezoito quilômetros da povoação de Aguada do Pasajeros, iniciando, a construção de um polder (atêrro) piloto e a canalização de 25 kms do rio Hanábana.

Um “polder” piloto

As zonas de trabalhos da drenagem do areal de Zapata foram

divididas em seis seções, atendendo às características dos solos, quanto a seu aproveitamento, salinidade de suas águas e sua utilização final em irrigações, fatores geológico-hidrológicos, florestais, agrícolas, sanitários, ecológicos, viagens e fomento do turismo.

Centenas de caminhões modernos e quatro equipamentos anfíbios — adquiridos por mais de dois milhões de dólares — são utilizados nas obras iniciais do projeto, assim como centenas de trabalhadores da Comissão Nacional de Fomento, do Instituto Nacional do Fomento, do Instituto Nacional da Reforma Agrária e do Ministério de Obras Públicas. Segundo foi informado, a finalidade visada com a construção do polder piloto é ganhar experiência antes de se empreender a recuperação de áreas maiores.

No que se refere ao rio Hanábana, que tem 45 kms de comprimento por 90 metros de largura e atravessa toda a região pantanosa comunicou-se que sua canalização será feita para que suas águas irriguem as seções que serão drenadas com argila — material que é transportado das regiões vizinhas.

Futuro centro de povoamento

Juntamente com os trabalhos de drenagem e canalização da região pantanosa, que abrange o sul das províncias de Matanzas e Las Villas, estão sendo efetuadas obras de adaptação, cultivos, colonização, reforestamento, estradas municipais e aeroportos.

Está sendo construído em Central Austrália um aeroporto com uma pista de 1.200 metros; e na povoação de Buenaventura, no lugar conhecido como Sopillar, outro, com uma pista de 800 metros. Ambos já são utilizados para transportar equipamento e homens de Havana, e de outros lugares, para o interior do Areal, a fim de adiantar os trabalhos. Apesar da construção destas pistas ter sido, empreendida com o objetivo de sua utilização para os trabalhos iniciados, não está afastada a possibilidade de que, no futuro, permaneçam como centro do tráfego de passageiros, inclusive turistas.

Também em Central Austrália, se instalou uma estação de controle de uma rede de telecomunicações, que está ligada às estações microondas de Havana. Por sua vez o ministério das Obras Públicas construiu uma estrada que vai de Aguada de Pasajeros até o interior da região pantanosa, com uma extensão de 18 kms, estando em projeto seu prolongamento através de todo o Areal.

O projeto em números

O projeto custará a Cuba cerca de 50 milhões de dólares, entre materiais, 32,5 milhões, e salários, 17,5 milhões de dólares. Em compensação, a partir de 1961, quando deverá estar pronta a primeira fase, e 1965, quando estará totalmente terminada, possibilitará uma economia anual de 22 milhões de dólares, com a colheita de 2 milhões de quintais de arroz.

Ditaduras Apoiadas Pelos Estados Unidos

EDUARDO ORTEGA Y GASSET

Publicamos a seguir um artigo do conhecido intelectual espanhol Eduardo Ortega y Gasset, irmão do filósofo já falecido Ortega y Gasset. Eduardo Ortega y Gasset vive atualmente como exilado político na Venezuela.

O governo do Presidente Eisenhower afirmou, há dias, em altos brados, que não apóia nem sustenta as tiranias a que, atenuada e inexactamente, chamamos ditaduras. Essa afirmativa se choca com a evidência, e não ganha, com ela, qualquer prestígio a diplomacia que a faz. É sabido, não só na América mas em todo o Mundo, que nestes últimos anos impera na Secretaria de Estado um turvo maquiavelismo que promove e sustenta as ferozes ditaduras da América. Seria ingenuidade pomenorizar coisas que ninguém ignora. Quando se dizem verdadeiras notórias basta aludir de leve. Não há muitos dias que, quem leu as Memórias do Sr. Eden, ficou ciente dos impudicos detalhes daquela sangrenta embrulhada na Guatemala, capitaneada pelo embaixador norte-americano, de pistola à cinta.

Trujillo foi um vil agente imposto pelos Estados Unidos em São Domingos depois duma descarada intervenção militar. E é curioso que se fale de respeito ao princípio da não-intervenção a fim de não se alterar o resultado de intervenções anteriores. Nem como sutileza diplomática pode passar este conceito que parece obra do barão de Munchausse.

Não foi o Somoza, da Nicarágua (também agente dos norte-americanos), que recebeu, como prêmio pelo assassinato do herói e patriota Sandino, o apoio que ainda continua nos seus herdeiros, instituídos em dinastia?

Poderá acaso negar-se o apoio a Batista, através dos anos em que este ignóbil sargento roubava à larga, até possuir a maior fortuna da América, e assassinava com sãna cruel os seus compatriotas, provocando o horror universal? E nunca esse apoio foi contrariado com a menor advertência pública nem por qualquer campanha da imprensa americana, tão forte e poderosa.

Mas quando os cubanos mostram a sua heróica vontade de serem soberanos política e economicamente, ultrapassando o seu regime feudal, aqueles que fecharam os olhos ao regime de Batista multiplicam os ataques contra Fidel Castro. As mais torpes campanhas de mentiras foram desencadeadas. Campanhas que não investem somente pela imprensa: delas participam aviões que partem dos Estados Unidos. Estes, que, com suas imponentes redes de radar, dispõem de meios para impedir qualquer agressão aérea, como proclamam altamente, de certo modo não inteiramente responsáveis pelos ataques a Cuba em que foram lançadas bombas, queimados canais e destruídas vidas humanas.

Porque tão injustas reações e tão grandes ofensas à verdade? Acaso os americanos do Norte se julgam tão fortes que ficam para sempre de fora da órbita da Justiça? Batista foi benquista dos norte-americanos mas não o é o honrado herói da Sierra Maestra. Intentam concitar contra ele todo o Continente e até o Universo, avantajando as resabidas alfaías do anticomunismo. Traidores da Democracia e da sua própria liberdade serão as repúblicas sul-americanas que deem ouvidos a essas sinistras falas.

Admiro e estimo o grande

RDA aceita conciliação em Berlim

O Governo da República Democrática Alemã deu mais um passo no sentido de contribuir para a solução do problema de Berlim Ocidental, aceitando um plano gradual para a transformação daquela parte da antiga capital de toda a Alemanha em cidade livre. Desistindo de seus direitos líquidos sobre a parte ocidental de Berlim, que foi colocada sob regime de ocupação provisória pelos acordos de Potsdam e depois transformada em centro de agitação e espionagem contra a RDA, o governo da Alemanha Oriental entrega agora o problema aos países capitalistas.

Segundo a proposta feita pela RDA, as forças de ocupação seriam gradualmente reduzidas, o mesmo acontecendo com o estatuto de cidade ocupada. Ao mesmo tempo, seriam eliminados os centros de agitação e espionagem e prepararia-se o caminho para uma solução definitiva respeitadora a vontade

povo norte-americano mas detesto os iníquos sistemas de opressão que se manifestam com desprezo ao nível de vida e dignidade dos povos.

E não só sobre a terra da América Latina se pratica a manha delituosa de sustentar tiranos para mais fácil e economicamente se reduzirem as nações à escravidão. Nos horizontes do nosso mundo aparece a lendária e gigantesca figura da Espanha encarcerada, posta a ferros por um verdugo pago e sustentado pela política de Dulles-Herter-Eisenhower.

Para ocuparem na Espanha bases militares, sem o conhecimento nem a vontade do povo espanhol, mantém o traidor Franco que entrega sua Pátria a riscos que podem chegar até ao aniquilamento atômico.

Além disso, a escravização da mãe Pátria dos Hispano-Americanos obedece ao desígnio de a envilecer, de a degradar da sua personalidade, para a arrancar do coração dos povos deste Continente que ela descobriu e civilizou. O desígnio inconfessado da Secretaria de Estado é apoderar-se de todos os recursos da América Latina, e a Espanha, pelo seu valor moral e afinidades de cultura e histórica, opõe-se tacitamente a esse grande crime.

O regime de Franco separa a Espanha das relações, da simpatia, da comunicação com os povos da sua cultura e idioma, e aparece-lhes agora cada dia mais desprovida de prestígio. É esse, talvez, o mais profundo dos resultados que se procuram com esta política, muito mais perniciosa que a efemeridade das bases militares, apesar da gravidade que representam para a Espanha.

O grande escritor norte-americano, autor de «Espanha Virgem», dizia-me há pouco, em Havana, numa entrevista publicada, que

Franco teria caído há anos se não fosse mantido pelos Estados Unidos.

Pois é isto, acaso, o que alguns agentes de Washington classificaram, num dia destes, em declarações autorizadas pelos organismos oficiais, como «respeito à não-intervenção?»

E assim, Franco, instalado por Hitler no seu regime totalitário e policial, de fusilamentos e garrote vil, de homens defeitos, por bombas de dinamite a fim de fazer crer que iam eles próprios colocá-las, de censura à imprensa, de cultura castrada pelo fanatismo religioso do *Opus Dei*, é solenemente abraçado por Eisenhower em Torrejon de Ardoz, terra de Espanha. Há acaso necessidade de prova mais dramática e convincente do amparo que a tirania de Franco recebe, outorgada por aquele que foi chefe da democracia ocidental?

Um cego ódio à Espanha move os atos dos patrocinadores de Franco. 22 bases militares e mais de 80 mil soldados americanos ocupam a Península. E agora até Adenauer quer completar a obra começada por Hitler. Pretende estabelecer bases de treinamento militar e depósitos de viveres na Espanha que já foi sacrificada em Guernica, em Madrid e Barcelona, em Alicante e Almeria e tantos outros humildes povoados de Castela que serviram para treino e exercício à Legião Condor.

Nem o mais cego entendimento pode negar que a América do Norte está apoiando as tiranias na Espanha e nas Américas.

Estes diplomatas que se julgam tão fortes que dispensam a verdade e a justiça talvez pretendam que seja mais uma vez recordada a máxima imperativa:

QUIA MONITOR LEO!
Tanta iniquidade transbordará e fará explodir o Mundo!

Nota Internacional

A Marcha de Londres e Conferência

A marcha que a Campanha Independente pelo Desarmamento Nuclear realiza anualmente entre o centro de pesquisas atômicas militares de Aldermaston a Londres foi, este ano, cercada pelo mais completo êxito. Iniciando-se com cerca de 40 mil pessoas, as colunas de manifestantes foram engrossando nos 85 quilômetros do percurso e, ao chegar a Trafalgar Square, em Londres, já contavam com 80 mil pessoas, além dos cem mil que as esperavam. Realizou-se então um grande comício, dirigido pelo reverendo John Collins, líder do movimento, tendo usado da palavra várias personalidades políticas, científicas, sindicais e culturais de toda a Inglaterra.

A marcha Aldermaston-Londres é mais uma manifestação clara da opinião pública de todo o mundo no sentido da proibição das experiências e do fabrico de armas nucleares. Soma-se aos pronunciamentos de cientistas, políticos e líderes de classe de todos os países. Em particular, devem ser lembradas as grandes manifestações realizadas no Japão, na Índia, no Oriente Médio, na África e nos países socialistas, em que milhões e milhões de pessoas de todas as camadas e todos os credos políticos e religiosos fizeram sentir a necessidade de acabar com a ameaça atômica. Ainda recentemente, o *Jornal «San Francisco Chronicle»*, dos Estados Unidos, realizou uma pesquisa entre seus leitores e obteve o seguinte resultado: enquanto dois terços dos entrevistados exigiam uma política mais positiva do governo norte-americano quanto ao desarmamento, menos de um décimo se declarou satisfeito com a atual atitude do Departamento de Estado.

Realizada às vésperas da conferência de cúpula, a marcha em que o povo inglês exigiu de seu governo uma autêntica política de desarmamento nuclear, não poderá deixar de influir no desenrolar das negociações de Genebra. Já a conferência de técnicos para a proibição das experiências atômicas havia chegado a um acordo quase completo, ratificado depois por Eisenhower e Macmillan. Nestas circunstâncias, a opinião pública mundial espera que a conferência de cúpula ponha fim de uma vez por todas à ameaça à saúde e, mesmo, à sobrevivência da humanidade representada pelas experiências e a acumulação de estoques de bombas atômicas e de hidrogênio.

Essa expectativa mundial, reforçada pelas declarações de de Gaulle, Eisenhower, Macmillan e Khrushchov favoráveis a um acordo de proibição das experiências, não pode ser desprezada ou posta de lado. Estará presente na mesa de negociações como trunfo decisivo dos partidários da paz e do degelo nas relações internacionais em todo o mundo. Esta força, em última instância, prevalecerá por maiores que sejam os esforços dos donos da guerra-fria, reacionistas e militaristas.



Coréia do Sul levanta-se contra ditadura

No segundo dia da Lei Marcial a polícia e o exército da Coréia do Sul, armados pelos Estados Unidos, já fizeram mais de uma centena de mortos e quase quinhentos feridos. Tanto na capital, Seul, como nas grandes cidades o clima é de insurreição popular.

Depois da repressão feita pela ditadura de Syngman Rhee durante a farsa eleitoral que o manteve no Poder, começaram as manifestações contra a absoluta falta de liberdade e a corrupção. Dezenas e centenas de milhares de estudantes, operários e empregados saíram às ruas aos gritos de «Abaixo a ditadura, ao mesmo tempo que era apresentado à Justiça um pedido de anulação das eleições forçadas.

Diante da condenação quase unânime do povo ao regime de terror policial de Syngman Rhee, que só pode ser sustentado pelas armas, os EUA come-

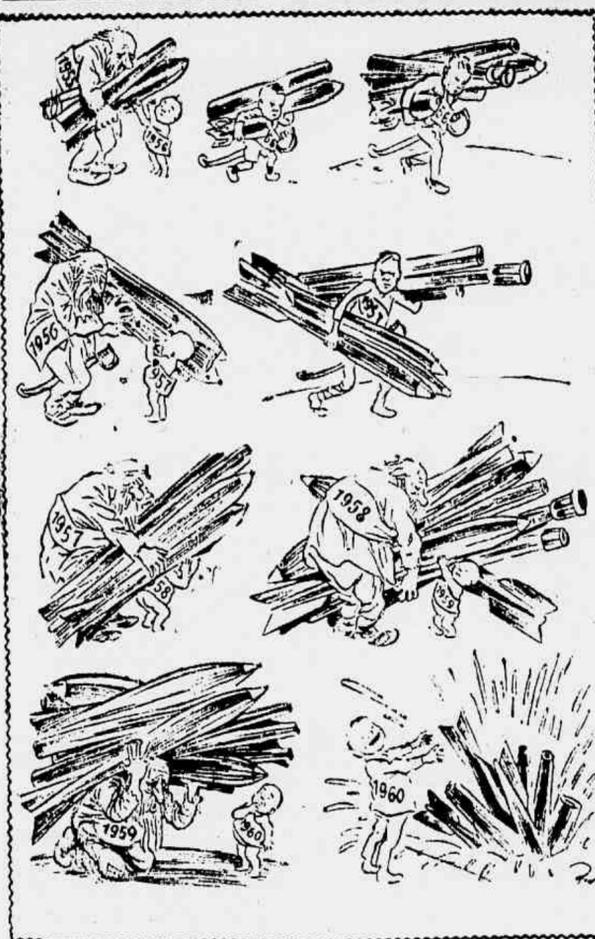
Vaticano aberta Fanfani

Mais de 100 bispos e 14 cardeais Italianos assinaram uma pastoral condenando qualquer governo formado pelos democratas cristãos em aliança com os social-democratas e socialistas. A Igreja católica não condena apenas um governo que inclua comunistas e socialistas; agora o simples apoio destas forças é considerado «arte do diabo».

A «bossa nova» do Vaticano se explica por causa da crescente pressão dos círculos mais progressistas da própria democracia cristã, no sentido da adoção de um programa de governo democrata e progressista e da formação de um governo de centro-esquerda com o apoio de socialistas e comunistas.

Há pouco a juventude católica e as associações dos operários católicos contribuíram decisivamente para a renúncia do gabinete Tambroni, dependente dos fascistas. Nesta situação é que Fanfani, indicado para formar o novo

Chega de Guerra (Quente ou Fria)



Apesar dos êxitos obtidos na Conferência de Genebra de 1955, os donos da guerra-fria conseguiram manter sua política durante os anos seguintes. Aí vemos, agora, como o caricaturista de «Notícias de Hoy» de Cuba, vê as perspectivas para 1960.

Estado da Guanabara Também é Locomotiva

Desde ontem, 21 de abril, possui a Federação uma nova unidade, o Estado da Guanabara. Que importância econômica possui o caçula dos Estados brasileiros? Sabe-se que certos comentaristas levianamente procuram às vezes apresentar esta cidade — agora este Estado — como um pedaço privilegiado do Brasil, uma espécie de colônia de recreio, onde todo mundo leva uma vida de doce far niente, em suma, como uma terra que vive do que lhe mandam as unidades irmãs da Federação.

Sem dúvida, o Rio continuará a ser suas deslumbrantes paisagens, a mudança não tornará a cidade menos maravilhosa, como também não deixará de existir as que nada fazem e tudo têm, vivendo docemente...

Mas, um exame da realidade carioca, mesmo breve e parcial como o que oferecemos aos leitores nestas notas, mostra que grande injustiça encerram aqueles conceitos sobre o Rio. Aqui, a grande maioria da população dá duro no trabalho, ganha pouco e vive mal e, se bem que em menor grau do que em outros Estados, também padece com as deficiências de que sofrem todos os brasileiros.

O menor de todos

Com seus 1.350 quilômetros quadrados, o Estado da Guanabara passa a ser a menor unidade da Federação, arrebatando essa condição a Sergipe, que é maior que a Guanabara nada menos de 16 vezes.

Quanto à população, a estimativa do IBGE para 1º de julho próximo é de 3 milhões 220 mil habitantes, sobre uma população brasileira de 66

milhões e 300 mil habitantes, estimada para aquela data. Dessa maneira, o Estado da Guanabara ocupará o oitavo lugar no país, vindo depois dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraná e Ceará. Quanto à densidade demográfica, o Estado da Guanabara ocupará destacadamente o primeiro lugar no Brasil, com 2.303 habitantes por quilômetro quadrado, seguido do Estado do Rio com 66 habitantes por quilômetro quadrado (número que se deve principalmente à vizinhança com o novo Estado, que ocupa grande parte da população dos municípios fluminenses limítrofes) e do Estado de São Paulo, com 46 habitantes por quilômetro quadrado.

Que fazem os cariocas?

(Para simplificar, chamaremos de cariocas os 3 milhões e 200 mil habitantes que aqui residem). Que fazem os cariocas? Os dados publicados a respeito baseiam-se, infelizmente, no último recenseamento geral, de 1950, quando a população da Guanabara era de apenas 2 milhões 377 mil habitantes. Dados oficiais atualizados serão fornecidos dentro de mais alguns meses, pelo próximo recenseamento. Em 1950, havia no então Distrito Federal cerca de 1 milhão e 900 mil pessoas de mais de 10 anos de idade, que se distribuíam da seguinte maneira, segundo os ramos de atividade (chamamos a atenção do leitor para o fato de que não estão discriminadas no quadro, que segue, as classes sociais e, por exemplo, quando se menciona a indústria a referência é a industriais e operários, etc.):

Agropecuária	18 mil
Indústrias	256 mil
Comércio	123 mil
Comércio imobiliário e valores mobiliários	25 mil
Transportes e comunicações	90 mil
Administração pública, justiça e ensino público	46 mil
Defesa nacional e segurança pública	79 mil
Profissões liberais, cultos, ensino particular, administração privada	13 mil
Serviços e atividades sociais	302 mil
Atividades domésticas não remuneradas e estudantes de todos os graus	823 mil
Diversos	136 mil

Pelo quadro acima, vê-se que cerca de 350 mil pessoas da população ativa (de mais de 10 anos) do então Distrito Federal, ocupavam-se, em 1950, com a indústria, os transportes e comunicações, o que constituía cerca de 18 por cento da mencionada população. De lá para cá, essa percentagem tornou-se mais alta, em vista do processo de industrialização do país, tendência, aliás, registrada entre 1940 e 1950.

Indústrias na Guanabara

De acordo com o registro industrial de 1956, existiam no Distrito Federal, em 1955, há cinco anos, portanto, 4.163 empresas industriais, ocupando 151.228 operários. O total do pessoal nelas empregado elevava-se a 192.228. Pelo número de operários, o Estado da Guanabara ocupa o segundo lugar no Brasil, depois do Estado de São Paulo e seguido do Rio Grande do Sul.

Ainda segundo os dados publicados no Anuário Estatístico do Distrito Federal, editado pela PDF, os ramos industriais que absorvem o maior número de operários são: Têxtil, com 88 estabelecimentos e 29.000 operários; Confecções e calçados, com 581 esta-

belecimentos e 18 mil operários; Metalúrgica, mecânica, material elétrico e comunicações, com 475 estabelecimentos e 20 mil operários, além de outros menores.

Salários

De um total de 7,5 bilhões de cruzeiros pagos durante o ano de 1955 a todo o pessoal ocupado na indústria carioca, 5,3 bilhões destinaram-se aos operários. Dêsse modo, a participação dos salários dos operários sobre o total dos salários foi de cerca de 70 por cento. E temos, então, que, em média, cada um dos 151.228 operários cariocas, em 1955 recebeu 35 mil cruzeiros.

Sobre o valor da produção, que ascendeu a mais de 41 bilhões de cruzeiros, os salários dos operários representaram apenas 10,4 por cento, aproximadamente.

Quem ganha muito no Rio?

Depois de São Paulo, é o Estado da Guanabara quem fornece a maior parcela para a formação da renda nacional. Entretanto, na renda per capita isto é, na parte da renda nacional que toca a cada habitante, o Estado da Guanabara está em primeiro lugar no Brasil, distanciando-se por larga margem do Estado de São Paulo, que vem logo após. Em 1956, segundo cálculos da Fundação Getúlio Vargas, eram os seguintes os cinco Estados de maior renda per capita, em cruzeiros:

Distrito Federal	41.246,00
São Paulo	22.610,00
Rio Grande do Sul	16.379,00
Mato Grosso	13.702,00
Estado do Rio	13.392,00

Como sucede, em geral, com a enunciação pura e simples da renda per capita, também aqui esses números poderiam conduzir a graves equívocos. Efetivamente, se a renda per capita, em geral, no Distrito Federal, elevava-se em 1956 a cerca de 41 mil cruzeiros, entre a classe operária tal renda é consideravelmente mais baixa. Como vimos anteriormente, o salário médio anual dos operários cariocas é de 35 mil cruzeiros. Se levarmos em conta que cada um desses operários tem que se manter a si próprio e pelo menos a duas outras pessoas (mulher e filho, ou mãe e mulher, etc.), encontraremos, então, que, entre a classe operária carioca a renda per capita é não de 41 mil ou, mesmo, de 35 mil cruzeiros, por ano. Extraordinariamente baixa, portanto.

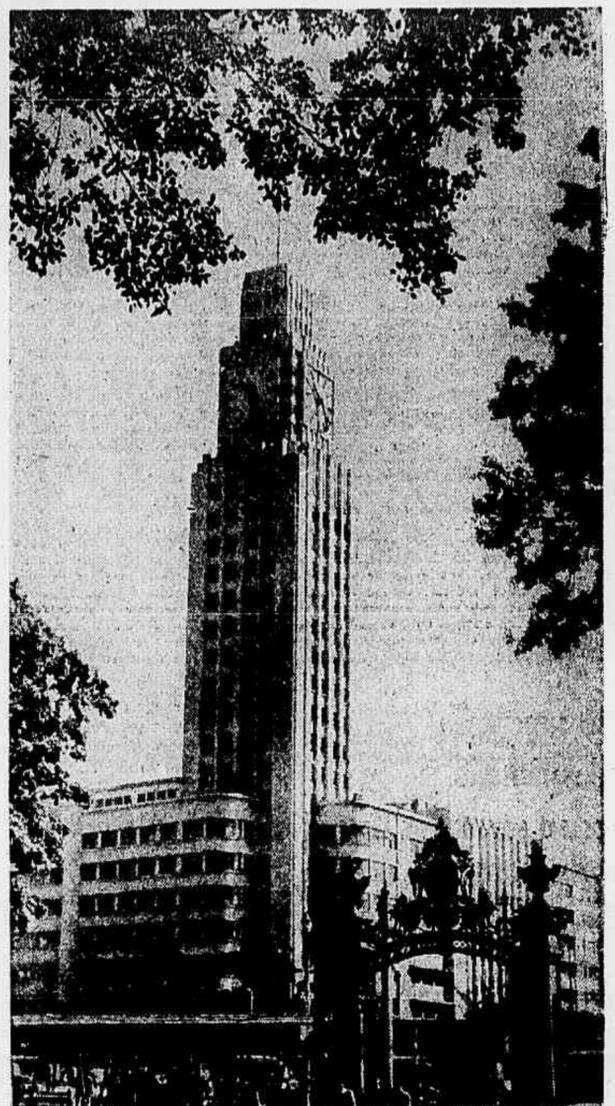
A conclusão, portanto, é que, apesar de encontrar-se no Estado da Guanabara a mais elevada renda per capita do Brasil, o proletariado é vítima da mesma exploração a que são submetidos seus irmãos de todo o Brasil.

Comércio e bancos

Também no movimento comercial, como no bancário, o Estado da Guanabara figura em segundo lugar, no Brasil, depois do Estado de São Paulo. Em 1957, com efeito, o giro comercial no Distrito Federal subiu a 174 bilhões de cruzeiros, ou sejam, 14 por cento do giro comercial em todo o país, que no mesmo ano foi de 1 bilhão 173 milhões de cruzeiros.

No que se refere ao comércio exterior, o porto do Estado da Guanabara ocupa o segundo lugar de acordo com o valor das importações (depois de Santos) e o terceiro, nas exportações (depois de Santos e Salvador).

De todo o capital bancário existente no país (cerca de 16 bilhões de cruzeiros), os bancos do Distrito Federal



Porta do subúrbio

O relógio da Central, um dos maiores do mundo, já se incorporou à paisagem do Estado da Guanabara e se hoje fosse lá retirado, faria tanta falta como a demolição de um dos 190 morros cariocas. É bem a porta dos subúrbios.

milhões de cruzeiros. Nestes bancos encontram-se os maiores depósitos do país, maiores mesmo que os do Estado de São Paulo, o que se explica por ter o Banco do Brasil sua sede aqui e pelo volume dos depósitos feitos por entidades públicas e autárquicas.

No que se refere aos empréstimos em conta-corrente e hipotecários, nada menos de 113 bilhões e 200 milhões de cruzeiros destinaram-se a beneficiários situados no Distrito Federal (a começar pelo Governo federal), num total de empréstimos sob o mesmo título feitos em todo o Brasil de 218 bilhões e 500 milhões de cruzeiros.

Se forem considerados apenas os empréstimos feitos ao comércio e à indústria encontraremos que do total de

102 bilhões e 100 milhões feitos em todo o Brasil, nada menos de 18 bilhões e 290 milhões destinaram-se a empresas comerciais e industriais do Distrito Federal, ou sejam, quase 20 por cento.

E quanto à lavoura, mesmo sabendo-se que no Estado da Guanabara só existe em escala reduzidíssima, os empréstimos bancários por ela absorvidos — de 123 milhões de cruzeiros — ainda são maiores do que os concedidos às lavouras do Amazonas, Maranhão, Piauí e Sergipe...

Al estão alguns elementos sobre a economia do Estado da Guanabara, pelos quais se vê que o Estado-caçula é uma das unidades mais ricas da Federação



Suburbanos

A grande maioria são operários, pequenos funcionários, militares de graduação inferior, professoras, comerciários, gente que trabalha muito e ganha pouco. As estatísticas assinalam que a produção industrial do Estado da Guanabara é a segunda do país, depois da de S. Paulo. E é na Zona Norte que se localiza a

NOVOS RUMOS

Lembranças de Rosa

Gostaria que Rosa tivesse vivido mais alguns anos, para alegrar-se com os novos êxitos do socialismo. Mas Rosa, morreu antes dos foguetes, antes que cubesse maiores notícias da China, num hospital público, na Ilha do Governador. Muitos fatos, nesses últimos anos, têm reavivado as lembranças de Rosa. Morou muito tempo em Marechal Hermes, numa casa de vila, discutindo com o senhorio português o aluguel da casa, em meio da simplicidade e das dificuldades, da quase miséria comum aos trabalhadores. Um de seus maiores orgulhos era o de ter visitado a União Soviética, logo depois da revolução, e de ter conhecido Lênin. E, sempre, falava nisso nas horas mais difíceis para infundir esperanças e alegrias. Mas não ficava no passado. Achava-se obrigada a viver, a lutar, a esperar, a vencer, justamente porque desejava, sobretudo, ser fiel ao passado, às experiências, às lembranças, às idéias que as mais repugnantes violências policiais não conseguiram arrancar nem da cabeça de Rosa, nem de seu coração tão capaz de adiar a exploração, como de amar as coisas e as criaturas. Meses e meses, andou o bairro inteiro, e alcançou outros bairros, pedindo assinaturas em defesa da Paz. Cuidava dos netos e da casa. Cossia e fazia versos. Muitas vezes pegou o trem, só com o dinheiro contado da passagem, para mostrá-los. Num desses versos falava de uma rosa vermelha desabrochada num banco de jardim. Rosa, perguntei-lhe, você acha possível que uma flor desabroche num banco de jardim? E, ainda hoje, sinto a censura amarga, da velha amiga Rosa, à minha incapacidade de ver rosas vermelhas desabrochando por toda a parte. Hoje, ela faria um poema assim: Vejo uma rosa vermelha desabrochando na lua...

A história da Rosa é longa e bonita. Começou em 1917 com as primeiras greves operárias em Petrópolis. Já naquele tempo havia grupos que lutavam contra a guerra. Ela colocava a filha única nos ombros e a menina se incumbia de ir lançando os volantes por sobre os muros das fábricas, dos quartéis, das ruas. Sofreu muito nas mãos da polícia. Vi as manchas roxas que as pancadas lhe deixaram nos seios, quando foi presa, ao tempo do governo Dutra. Tinha mais de 60 anos e continuou indo e vindo com os seus versos e as listas de assinaturas pela Paz. Foi Rosa (Rosa Bittencourt) a primeira pessoa que me falou sobre o DIA INTERNACIONAL DA MULHER. Se Rosa fosse viva haveria de alegrar-se com as comemorações que se realizarão de 21 a 25 de abril corrente em Copenhague, em homenagem àquela data. Uma grande festa da qual Rosa gostaria de participar.

Os namorados esqueceram um botão de rosa sobre o banco do jardim, e, no outro dia, estava lá uma rosa vermelha desabrochada, como no poema de Rosa. Por isso, fiz esta crônica em homenagem à Rosa, e as festas realizadas em Copenhague, onde estarão mulheres de todos os Continente.

1. NO COMEÇO FOI A SATIRA.

O agente do rei recebeu, em carta anônima, versos que revelavam um estado de espírito já abertamente contrário à dominação estrangeira. Os versos diziam:

«Marotos, Cães, Labregos, mal Criados,
Porcos, Bayxos, Patifes, prezumidos,
Piatas no furtar enforcidos,
Ficlientes, sebozos, Cus briados...»

Não eram dirigidos aos portugueses em geral, mas aos Senhores. Traziam o título: OBRA FEITA AOS SENHORES DE PORTUGAL.

Mais que os insultantes adjetivos usados, deve ter parecido o Visconde de Barbacena, a quem foram entregues os versos, aquela frase denunciante de um novo estado de consciência de vítimas da espoliação:

Piratas no furtar enforcidos...

O Visconde mandou juntar os versos à famosa Devassa da Inconfidência Mineira. Tinha toda razão em fazê-lo. Os arautos da conjuração de Minas Gerais eram a melhor expressão desse estado de consciência que se generalizava entre o povo da Colônia. Fora um de seus poetas — talvez Gonzaga — o autor das ainda hoje discutidas Cartas Chilenas. E nelas já se punha em dúvida a capacidade dos colonizadores de continuarem governando o Brasil:

«São estes, Doroteu, os grandes cabos,
de quem a triste pátria fiar deve
a sua salvação?...»

A dúvida era a véspera da revolta.

2. DEPOIS, FOI O SONHO.

A vaga da independência se alastrava incontível pelas terras da América. Ao sopro da libertação dos Estados Unidos — as colônias inglesas tão faladas nos Autos da Devassa da Inconfidência —, ao fermentar das idéias que iriam desencadear a Grande Revolução Francesa, levantavam-se altaneiros os conjurados das Minas Gerais.

Ali estavam concentradas consideráveis populações trabalhadores. Nasciam cidades em torno das minas. Durante muitos anos, das entranhas da terra tinham sido arrancadas riquezas sem conta. Mas estas riquezas iam parar nas mãos de uma minoria de parasitas. Iam fomentar a riqueza no além-mar, em Portugal e na Inglaterra, que já enfeudara Portugal. Iam alimentar o esplendor e a pompa de uma Corte corrompida e voraz. Num só ano (1764) duas frota portuguesas tinham carregado para Lisboa 15 milhões e 500 mil cruzados de ouro em moeda, 220 arrábas de ouro em pó, 433 arrábas de ouro em barras, 48 arrábas de ouro lavrado, além de prata, diamantes, açúcar, couros...

Era o sangue e o suor de negros escravos canalizados em torrente para a Metrópole.

Os mananciais foram-se esgotando. No ano anterior à conjuração, o «quinto» sobre o ouro não rendia mais de 42 arrábas, e faltava ainda 58...

«Querem o nosso péso em ouro!» — diziam os habitantes das Minas.

Um poeta suave, Tomás Antônio Gonzaga, torcia por que os colonizadores decretassem a «derrama», a cobrança sumária dos tributos em atraso.

Seria então a explosão popular...

Um alferes da cavalaria paga, Joaquim José da Silva Xavier, também sonhava. Seu sonho, porém, tinha raiz na realidade da terra que tão bem conhecia. Encontrara um antigo estudante de ciências naturais, que estivera em Coimbra e na Inglaterra, Álvares Maciel. E perguntava-lhe:

— Podemos nós mesmos fabricar o ferro?

— Sim, respondia-lhe Maciel; só tem que a Corte não dá permissão...

— E como é a receita da pólvora...

A pólvora sobretudo lhe interessava muito. Saitre havia. E trouxe pedras que mostrou a Maciel.

— E por que não podemos nós mesmos fundir o ouro e utilizá-lo aqui como a moeda corrente?...

Tiradentes - O Que Ensinou o Caminho da Liberdade

RUI FAGÓ



«Declarou o Padre que começando o Tiradentes a dissertar sobre o país e suas riquezas e dos vexames, que os grandes e seus criados faziam ao povo, concluiu por prometer que havia de pôr a terra livre».

O Tiradentes

«... E o achou com o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual saiu para fora, e o dito Padre disse a ele respondente que aquele rapaz era um herói, que se lhe não dava morrer na ação, contanto que ela se fizesse...» (Dos Autos da Devassa).

O Tiradentes — era este o seu apelido «pela prenda de lilar e pôr dentes» — não tinha pouso. A todos falava da liberdade e da República. «Até nas Tabernas» — diziam os Autos. Sim, devíamos ter a República, como os americanos das colônias inglesas... Ele tivera em mãos a Constituição americana e pedira a amigos para que lhe traduzissem uns trechos. Sabia que o Congresso dos Cidadãos Americanos, reunidos em Filadélfia, em 1776, declarara solenemente que todos os homens eram iguais, e entre os seus direitos inalienáveis contava-se o direito à vida, à liber-

dade, ao trabalho, e que quando um governo não serve a estes fins o povo tem o direito de abolí-lo.

Era o sonho que continuava na cabeça ardente do Alferes.

Ele, na opinião do poeta Alvarenga Peixoto, era feio, espantado, mas loquaz. A todos falava de que o país deveria ser livre e república. Falava aos poetas, aos sacerdotes rebeldes (que eram muitos), ao estalajadeiro da estrada Minas-Rio, aos militares seus companheiros — embora confessando que confiava mesmo era nos Paisanos, era no povo.

«Era ele de alta estatura, de espaldas bem desenvolvidas, como os naturais da Capitania de Minas Gerais. A sua fisionomia nada tinha de simpática... Possuía, porém, o dom da palavra e expressava-se ao mais das vezes com entusiasmo; ouvindo-o, porém, na rudeza de sua conversação, gostava-se de sua franqueza selvagem, algumas vezes por demais brusca...» (Norberto).

3. DEPOIS, FOI A TRAGÉDIA E O VALOR.

O Tiradentes veio ao Rio de Janeiro em sua missão revolucionária. Seus passos já eram seguidos. Um ter-

Joaquim Silvério dos Reis, se vendera aos colonizadores estrangeiros.

Os planos estavam concertados.

E entre os conspiradores ficara combinado «que em havendo notícias do movimento no Rio de Janeiro, e a publicação da derrama, se esperaria a consternação geral do Povo com o pesado tributo, e uma noite sairia o dito Alferes Joaquim José da Silva Xavier com uns poucos de companheiros, gritando pelas ruas da Vila Rica — Viva a liberdade — que o povo consternado havia de acudir à voz...»

(Do depoimento de Alvarenga, nos Autos da Devassa).

Na Rua dos Lateiros (hoje Gonçalves Dias) o Tiradentes foi preso. Tinha uma garrucha na mão. Ainda se ocultou atrás de uma cômoda. Mas não atirou nem resistiu. Era inútil fazê-lo.

Seus companheiros foram presos em Minas. Vasculhou-se toda a Capitania. Todos eram suspeitos de conjura. O processo dever-se-ia arrastar de 1789 a 1792.

Terminou enfim. Todos os bens dos conjurados expropriados pela insaciável camarilha dos régulos da Metrópole. Os considerados cabeças, deportados para a África — para a morte em regiões inóspitas.

Tiradentes teria outro destino. Assumira ele a completa responsabilidade pela conspiração para expulsar o dominador estrangeiro, conquistar a independência e a República.

«Respondeu... que era verdade que se premeditava o levante, que ele respondente confessava ter sido, quem ideou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse coisa al-

guma...» «...Enfrou a responsável de lembrar-se da independência, que este país podia ter, entrou a desejá-la, e ultimamente a cuidar no modo, por que poderia isso efetuar-se...» «Porque poderia assim suceder que esta terra se fizesse uma República, e ficasse livre dos governos, que só vêm cá enopar-se em riquezas...» (Dos Autos da Devassa).

A justiça

«Justiça que a Rainha Nossa Senhora manda fazer a este infame Réu Joaquim José da Silva Xavier pelo horrendo crime de rebelião e alta traição de que se constituiu chefe, e cabeça na Capitania de Minas Gerais, com a escandalosa lemeridade contra a Real Soberania, e Suprema autoridade da mesma Senhora, que Deus guarde.

«Manda que com boroço e pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da força, e nela morra morte natural para sempre, e que se parada a cabeça do corpo seja levada a Vila Rica, donde será conservada em poste alto junto ao lugar de sua habitação, até que o tempo a consuma, e que seu corpo seja dividido em quartos, e pregados em iguais postes pela estrada de Minas nos lugares mais públicos, principalmente na Varginha e Cebolas; que a casa da sua habitação seja arrasada, e salgada, e no meio das suas ruínas levantado um Padrão em que se conserve para a posteridade a memória de tão abominável Réu, e delicto, e que ficando infame para seus filhos, e netos lhe sejam confiscados seus bens para a Corte e Câmara Real. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1792.»

4. DEPOIS, A LIBERDADE.

«...E pode-se dizer que desde a conjuração de Minas nenhum homem intelectual do Brasil poderia estar — mais obrigado ao realismo português... O prestígio dos inconfidentes dissipou o último trabalho dos preconceitos e quebrou, ao menos para os espíritos, as cadeias da escravidão colonial» (João Ribeiro, História do Brasil).

Não eram só os intelectuais. O povo brasileiro aprendera de Tiradentes o caminho da liberdade.

A conjuração mineira repercutiu na Corte do Czar

«Um livro que acaba de ser editado em Moscou — América Latina no passado e na atualidade — um trabalho de autoria de A. M. Khazánov sobre Tiradentes «Um herói da luta pela independência do Brasil» transcreve um comunicado do Encarregado dos Negócios, russo, em Lisboa, Forsman, datado de 25 de dezembro de 1789. O comunicado diz textualmente:

«Fala-se bastante aqui, sem maiores esclarecimentos, de um levante havido no Brasil, mais exatamente no Rio de Janeiro, para a conquista da independência. Homens do govômo, talvez querendo melhorar a sua reputação, referem-se a isto com desprezo de forma desrespeitosa. Outros que conhecem o assunto não têm coragem de falar aberta e claramente. Posso no entanto informar com segurança que naquelas terras aconteceu algo importante. O Vice-rei Luis de Vasconcelos e Souza, terminando o seu mandato de três anos e tencionando voltar à Corte, resolveu, em face dos últimos acontecimentos, aguardar o seu sucessor, já antes nomeado. Diz-se que tendo ele conseguido apaziguar alguns dos supostos participantes do levante e prendido os cabeças, enviá-los-á para cá» (Lisboa).

Esse documento foi encontrado no Arquivo de Política Exterior da Rússia na seção de relações entre a Rússia e Portugal.

NOVOS RUMOS

A cada chuva um pouco mais forte, nem mesmo precisam de ser «grandes precipitações pluviométricas» como dizem os homens da SURSAN, o carioca sabe que terá as ruas de sua cidade inundadas, o tráfego engarrafado, o comércio, a indústria e suas casas com prejuízo de milhões, sem falar do perigo que correm suas próprias vidas.

E por que deverá estar o carioca, principalmente as pessoas mais pobres, como os habitantes de favelas, sempre tão apreensivo e mesmo desesperado após cada inundação? Por que este estado de coisas se há uma autarquia, dispondo de uma verba elevadíssima para tratar desses problemas? E, além dos bilhões com que conta a SURSAN (os 10% dos impostos mencionados na lei 899) há ainda os vários créditos especiais de milhões solicitados pelo Prefeito para os «negócios das enchentes».

Caminhões que custam milhões

A 22 de dezembro de 1958, o Prefeito solicitou, em mensagem à Câmara Municipal, 50 milhões de cruzeiros para resolver o problema das enchentes, que no dia 20 de dezembro haviam ceifado 50 vidas, além de prejuízos de milhões causados à população. E o que foi feito desse dinheiro? Vejam bem os leitores as contas prestadas pelo Prefeito dos 50 milhões!

— Dos 50 milhões, gastei 20 milhões no aluguel de caminhões e de equipamentos.

E com as inundações?

— Bem, com as inundações eu gastei Cr\$ 7.238.802,00 (limpeza manual das galerias de águas pluviais e cursos de água).

O mesmo ocorreu com o decreto de 29 de novembro de 1958, quando o Prefeito abriu crédito de 5 milhões para «melhoramentos e ampliações da rede pluvial da cidade e suas

O CARIOCA PAGA E A SURSAN ESBANJA

Gastaram Verba Para Enchentes Pagando Aluguel de Caminhões

obras complementares». Infelizmente, o carioca não viu nenhum resultado palpável do emprégo deste crédito.

Em julho de 1959, o Prefeito Sá Freire repetiu o feito. Solicitou mais 50 milhões, sem especificação alguma das obras a serem realizadas, declarando apenas, mais uma vez, que eram para limpeza, desobstrução e conservação dos rios; pagamento de mão-de-obra e aluguel de veículos e equipamento. Bastante difícil é apurar-se o destino que tomaram estes outros 50 milhões. Certamente, foram enriquecer o grupo que detém o monopólio dos caminhões, para quem o preço do aluguel é um alto negócio.

Causas das enchentes

A Prefeitura e a SURSAN poderiam, de fato, dar uma solução ao problema das enchentes, já que conhecem muito bem as causas fundamentais das constantes inundações e que são: 1) Situação geográfica do Rio. Em região tropical, sujeita a fortes chuvas; 2) A topografia local, formada por espigões rochosos, abruptos, ocasiona, quando das fortes chuvas, o lançamento sobre a cidade, situada abaixo, na planície, de grandes massas de água carregando terra e toda espécie de detritos dos morros. 3) O aumento das favelas nos morros cariocas, com a conseqüente devastação florestal, que impossibilita a retenção natural das águas pela vegetação; 4) A rede de águas pluviais é formada por galerias que, embora modernas, têm conexão com galerias e canais antigos datando da época colonial. Assim sendo, a rede é obsoleta e tecnicamente condenada. Para agravar o problema existe a coincidência de as chuvas torrenciais desabarem em hora de maré-alta, o que dificulta a esvação das águas para o mar; 5) Nas zonas onde não existem praticamente esgotos (2/3 da cidade), as galerias pluviais acham-se sobrecarregadas com os despejos das fossas a elas diretamente lançadas. Em tais zonas os rios e córregos não são canalizados; 6) A última das causas fundamentais, consiste na falta de limpeza das galerias, devido a razões várias, inclusive à falta de verba.

Plano de drenagem pluvial

A SURSAN iniciou, em meados de 1959, várias obras de saneamento incluídas no Plano de Drenagem Pluvial da Secretaria de Viação e Obras. O importante é que essas obras sejam executadas de fato, dentro do planejamento, e que o Prefeito não desvie as verbas para o aluguel de caminhões. O

planejamento estende-se por um período de 10 anos e será executado em etapas de programação anual.

1) PRAÇA DA BANDEIRA E ADJACENCIAS

Os responsáveis pelas enchentes dessa zona são os rios Trapicheiro, Joana e Maracanã, que deságuam no Canal do Mangue. Estão em execução as obras de saneamento, retificação e proteção das margens do rio Joana-Maracanã, desde o Largo do Maracanã até o Canal do Mangue, já tendo sido construídos 460 m de muralhas de alvenaria. Foram desobstruídas as galerias na área da Praça da Bandeira e em várias ruas da Tijuca.

2) BAIRRO DE RAMOS

A Avenida Canal do Rio Ramos que vai solucionar o problema daquele bairro, já conta com 740 m prontos e 600 m de meio-fios colocados. A canalização do Rio Ramos será feita numa extensão de 840 m. Em complemento ao canal, estão sendo construídos 320 m de galerias retangulares de concreto armado em várias ruas de Ramos, já se encontrando prontos 230 m de galerias, tendo sido gastos aí em 1958, Cr\$ 6.546.285,90.

3) AVENIDA DAS BANDEIRAS E PARADA DE LUCAS

As enchentes de Parada de Lucas são produzidas principalmente pelo Rio Lucas. Está sendo executada a abertura de uma galeria paralela à Av. das Bandeiras, passando sob as linhas da Leopoldina, que garantirá o livre escoamento até o Canal de Lucas. A obra teve início em 23-10-59, devendo estar terminada em outubro de 1960. Seu custo é de Cr\$ 68.643.500,00.

Outras obras

Além das obras mencionadas acima, ainda há entre outras, as que estão sendo realizadas em Higienópolis e Bonsucesso: retificação e proteção das margens do Rio Acari; A reconstrução da ponte da Av. Dos Democráticos, com grande aumento da seção de vazão dos rios Timbó-Faria; prazo para conclusão: fim do 1º semestre de 1960.

Foram construídos, com um mês de antecedência para o prazo previsto, 320 m de galerias, ao preço de Cr\$ 8.867.132,00.

Em Bangu, visando à regularização do Rio das Tintas, principal escoadouro das águas provenientes da Zona de Bangu, está sendo reconstruído um canal, que deverá estar pronto dentro do 1º semestre de 1960. O custo da obra é de Cr\$ 5.791.500,00.

Campanha contra o

Acôrdio de Roboré

Milhares de assinaturas já foram colhidas nos ebaixos-assinados que estão sendo enviados à Câmara Federal pelo Conselho Nacionalista 7 de Setembro, do Rio de Janeiro, de repúdio ao acôrdio de Roboré no que ele tem de lesivo à PETROBRAS.

A entidade, que é presidida pelo general Souza Mendes, está distribuindo originais dos ebaixos-assinados, que podem ser procurados à rua Jardim Botânico, 890 e avenida Presidente Vargas, 754.

PETROBRAS E' INTOCAVEL

Também sobre o acôrdio de Roboré, estagiários do ISEB encaminhoram ao deputado Bento Gonçalves, presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, através de general Souza Mendes, memorial de apoio à luta da FPN contra o documento lesivo aos interesses nacionais.



Dinheiro para a câmara

No plano da SURSAN, aparecia com destaque, o problema das enchentes na cidade. Um plano para amenizar o mal foi elaborado. Faltou executá-lo. Dizem que tal não foi possível por falta de verba.

Nota Econômica

Acabou de ser formalizado, na semana passada, com a assinatura do almirante Lúcio Meira, mais um aval do Tesouro Nacional, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, a um empréstimo em dólares, concedido ao «holding» canadense Brazilian Traction, Light and Power. O empréstimo é feito pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e corresponde ao montante de 11 milhões e 600 mil dólares, equivalentes, ao câmbio de custo, a 1 bilhão e 600 milhões de cruzeiros.

Prossegue, assim, a política do Governo Brasileiro de financiar as empresas estrangeiras, em particular a Brazilian Traction, cujas subsidiárias representam a maior inversão direta de capital estrangeiro em nosso país. O último aval se soma aos anteriores, que já haviam garantido aquele «holding» empréstimos de 108 milhões de dólares, todos concedidos pelo BIRD.

Isto significa que o Governo Brasileiro utiliza as suas linhas de crédito no exterior, não para financiar os empreendimentos estatais ou os de capitalistas brasileiros mas para fortalecer a exploração de um monopólio imperialista, que domina em nosso país um setor tão decisivo como o de eletricidade.

Por outro lado, isto também significa que o BIRD não cede em sua orientação de conceder financiamentos, quase sem exceção, em benefício de empresas imperialistas. No Brasil, tem sido a Light a grande beneficiária dos créditos do BIRD. Mesmo o crédito do BIRD de 73 milhões de dólares, para a construção da hidrelétrica de Furnas, também trará benefícios diretos à Light e, além dela, à Bond and Share, que compartilham o monopólio da energia elétrica nas principais áreas industriais do país. Ambas as empresas participaram da direção de Furnas e distribuirão o grosso de sua produção.

O Governo Brasileiro não só tem garantido à Light empréstimos em moeda estrangeira, como lhe facilita recursos em moeda nacional. Agora os créditos já habituais do Banco do Brasil, a Light obteve no ano passado 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros do BNDE, que realizou, para isto, uma operação de compra de ações, cuja significação

Dicionário

Subfaturamento (1)

Um dos métodos de fraude cambial mais usados é o subfaturamento. Como o nome indica, o subfaturamento consiste em declarar na fatura (relação das mercadorias com os respectivos preços) preços inferiores àqueles pelos quais as mercadorias são negociadas.

O subfaturamento tanto é praticado nas exportações, como nas importações de mercadorias e visa a proporcionar ao exportador fraudulento maior receita, ao mesmo tempo em que lesa o país, reduzindo-lhe a receita cambial. Uma das mercadorias mais sujeitas ao subfaturamento é o café. Como se sabe, o exportador de café vende ao governo, a um preço fixo, os dólares que recebe com a exportação. É o chamado dólar-café, cujo preço é inferior ao do dólar no mercado livre de câmbio. Atualmente, por exemplo, enquanto o dólar no mercado livre custa cerca de 190 cruzeiros, o dólar-café é vendido pelos exportadores ao governo a 76 cruzeiros. Que faz, então, o exportador fraudulento para obter dólares «por fora», isto é, fora do controle do governo? Tomemos um exemplo: o exportador A possui 100 mil sacas de café tipo Santos-4. Como a cotação oficial do Santos-4 é, digamos, de 40 dólares por saca, o exportador não poderá vender o seu café a preço inferior àquele. Para fazê-lo, recorre ao subfaturamento: desqualifica o produto, faturando-o como se fosse do tipo inferior — Santos-5, ou Santos-6 — e, portanto, por 30 ou 35 dólares a saca, supomos. As 100 mil sacas seriam oficialmente exportadas não por 40 dólares porém, por 3 milhões ou 3,5 milhões de dólares, que o exportador teria de vender ao governo a 76 cruzeiros.

Sucedo, porém, que o café, realmente, é do tipo Santos-4 e ao chegar ao porto de destino recuperará seu valor corrente, isto é, os 40 milhões de dólares. A diferença entre este preço e o declarado na fatura é embolsada pelo exportador, que tanto pode fazê-la voltar para o Brasil (através de turistas, por exemplo), a fim de trocar no mercado livre, como pode deixá-la depositada no exterior para outras operações ilícitas. De qualquer modo, o orçamento oficial de câmbio é privado desses dólares.

Há quem estime em 100 milhões de dólares as perdas sofridas pelo orçamento de câmbio do país com as operações de subfaturamento. E o café, por uma boa série de razões, é o principal instrumento para essa prática lesiva aos interesses nacionais: constitui o grosso das exportações brasileiras; as divisas resultantes de sua venda são liquidadas no mercado oficial; as exportações de café são controladas por um punhado de grandes firmas norte-americanas.

Concurso da Rádio Moscou

A Rádio Moscou transmite, diariamente para o Brasil, de 19 às 21 horas (hora do Rio de Janeiro), na faixa de 25 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

- 11,75 megacíclos (25,53 metros)
- 11,87 megacíclos (25,27 metros)
- 11,92 megacíclos (25,17 metros)

e na faixa de 31 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

- 9,63 megacíclos (31,15 metros)
- 9,80 megacíclos (30,61 metros)

CONCURSO

Tôdas as quartas-feiras, às 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios.

Você pode ir a Brasília

Sim, leitor amigo. NOVOS RUMOS vai proporcionar-lhe uma viagem desde onde você mora ao novo Estado da Guanabara ou Brasília, ou então dar-lhe a uma oportunidade de, saindo daqui da Guanabara, rever sua terra natal, em qualquer canto do território brasileiro. Além disso, você terá 10 dias de estada, na cidade que visitar, totalmente pagos por NOVOS RUMOS. E, mais ainda, você ganhará semanalmente um valioso prêmio, que lhe será enviado sob registro pelo correio.

Para isto, basta que você leia com atenção o nosso jornal, a partir do número 58, e o guarde.

Já na próxima semana, daremos as bases deste interessante concurso, que, a par de testar seus conhecimentos das matérias por nós publicadas, oferecer-lhe-á os prêmios acima mencionados. Aguarde pois o próximo número de NOVOS RUMOS.

HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA de E.A. KOSMINSKY, da Academia de Ciências da URSS

Um manual de História, à luz da teoria marxista, adotado nas escolas secundárias da URSS.

280 páginas em formato 24x16, impresso em papel de primeira qualidade, contendo ilustrações. Preço Cr\$ 250,00

LANÇAMENTO DA

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA

A VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos pelo reembolso para Caixa Postal 165/Rio de Janeiro

Tribuna de Debate

MAURICIO GRABOIS

Duas Concepções, Duas Orientações Políticas

O debate que ora se inicia no Partido em torno das Teses para a discussão, tem uma importância vital para o movimento revolucionário no Brasil. Da aceitação ou rejeição da linha política nelas contida dependerá o rumo, certo ou errado, que os comunistas tomarão em sua atividade. Estes são momentos de definição. As posições devem ficar claras. Por isso, manifesto-me contrário à orientação exposta na Declaração de Março de 1958 e, agora, reafirmo nas Teses. Estes documentos defendem, essencialmente, uma política geral e uma orientação tática oportunista de direita e fazem uma crítica errônea da atividade passada e atual do Partido.

Apesar desta atitude, assumo, ao mesmo tempo, posição autocrítica com relação aos erros do passado, tanto no que diz respeito à orientação política anterior à Declaração, como aos métodos de trabalho e de direção empregados naquele período. Estou convencido de que eles foram grandemente prejudiciais ao Partido e à revolução. Considero-me um dos responsáveis por aqueles erros, que necessitam, e ainda necessitam, ser corrigidos. Examinando-os de um ponto de vista autocrítico, julgo-me no dever de apresentar a todo o Partido minha opinião sobre a atividade e a orientação dos comunistas desde o IV Congresso.

A atividade passada e a situação atual do Partido

1. O Partido Comunista do Brasil, surgido da necessidade histórica da luta pela libertação nacional e social do povo brasileiro, constitui a vanguarda combativa e organizada da classe operária. Em toda a sua existência procurou cumprir sua missão revolucionária, lutou para organizar e unir o proletariado e dedicou-se à defesa das aspirações dos trabalhadores e dos interesses gerais da nação. Sempre se manteve fiel à causa do povo, do socialismo e do internacionalismo proletário. O Partido Comunista combateu energeticamente contra o fascismo e, no período da segunda guerra mundial, participou ativamente do movimento pelo envio de uma força expedicionária à Europa. Lutou pela anistia e pela derrubada do Estado Novo e impulsionou o movimento contra o imperialismo norte-americano, desfilou a bandeira da reforma agrária. Teve atuação destacada em defesa do petróleo e na luta pela paz, e decisiva foi sua influência na campanha popular contra a ida de soldados brasileiros à Coreia. Sob sua direção, as massas têm obtido importantes conquistas. O PCB, orientado-se pela doutrina marxista-leninista, é a corrente política mais patriótica, revolucionária e consequente da sociedade brasileira.

O Programa aprovado no IV Congresso

2. A análise da atuação do Partido, desde seu último Congresso, mostra que os comunistas desenvolveram intensa atividade política, participaram de amplos movimentos democráticos e patrióticos, dirigiram importantes lutas do proletariado e das massas populares. Mas nesse período, também foram cometidos sérios erros que tiveram profunda repercussão negativa na atuação e na vida do Partido. Tais erros decorriam, fundamentalmente, da orientação política exposta no Programa aprovado no IV Congresso. O Programa do PCB desempenhou importante papel na época em que foi aprovado. Significou um avanço no rompimento com as tendências sectárias que proliferaram com o manifesto de Janeiro e se agravaram com o manifesto de agosto. O Programa fez uma justa caracterização da revolução brasileira na atual etapa, como anticolonialista e antifundamentalista, revolução dirigida contra o imperialismo norte-americano e os restos feudais. Preciso, também, de modo correto, as tarefas da revolução, apresentando medidas que equivaliam às transformações democrático-burguesas, correspondentes à primeira etapa da revolução. Foi corrigido o grave erro do manifesto de agosto que propunha a nacionalização das grandes empresas de capital nacional. O Programa, acertadamente, orientava as forças revolucionárias no sentido de concentrar o fogo da ação nacional-libertadora no imperialismo norte-americano que considerava como o principal inimigo do povo brasileiro. Levantou de modo correto a questão agrária, mostrando a necessidade de liquidar o monopólio da terra e as sobrevivências feudais. No concernente às relações com a burguesia nacional, era justa a sua posição ao incluí-la entre as forças revolucionárias, corrigindo as concepções esquerdistas que a este respeito mantinham os comunistas a partir de 1948. O Programa defendia os interesses da burguesia nacional, em particular o desenvolvimento da indústria nacional. A orientação estratégica do Programa, considerada como a linha para toda a primeira etapa da revolução, bem como o plano de disposição das forças revolucionárias para essa etapa, eram, no essencial, justos.

Todavia, o Programa do PCB era unilateral, continha, ao lado de seus aspectos positivos, graves erros. Na análise da situação objetiva do Brasil, o Programa espovava teses profundamente falsas como a de estagnação da economia brasileira, quando no país se verificava acentuado desenvolvimento econômico, embora nos marcos da dependência ao imperialismo e da manutenção do monopólio da terra. Defendia, também, a tese da crescente colonização do país pelos imperialistas norte-americanos, proclamando que toda economia brasileira ia sendo transformada em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos. Tal afirmativa não correspondia à realidade, uma vez que, apesar da crescente penetração imperialista no país, esta se intensificava o processo de desenvolvimento capitalista e crescia o movimento em defesa da economia nacional, contra as investidas do imperialismo. De igual modo não era certo considerar que o Brasil perdia rapidamente suas características de nação soberana. Embora o governo brasileiro subordinasse sua política externa ao Departamento de Estado norte-americano, o país conser-

vava sua independência política. Apesar de que naquela época, a reação adotasse medidas de violência contra o povo, o Programa exagerava o clima político em que vivia o país, considerando absoluta a falta de liberdade. Vendo unicamente o que havia de negativo na Constituição, considerava-a «no essencial, um código de opressão contra o povo», quando muitas das franquias democráticas nela inscritas podiam ser utilizadas. O Programa afirmava que as eleições devem ser aproveitadas e podem ser úteis à causa do povo, mas não conduzia à plena utilização dos processos eleitorais quando afirmava que as eleições não passavam de uma farsa para esconder o caráter do atual regime. Esta posição dificultava grandemente o emprego de todas as possibilidades legais.

Apresentando como tarefa imediata a derrubada do governo e a instauração de um governo democrático de libertação nacional, o Programa impedia a elaboração de uma tática justa. Qualquer orientação tática para realizar uma efetiva política de frente única chocava-se com as indicações do Programa. Adotando esta orientação, o Partido enfrentou grandes dificuldades por ocasião do golpe de 24 de agosto, uma vez que o Programa exigia a derrubada imediata de Vargas. Com a queda e o suicídio de Vargas, provocados pelas forças reacionárias e pelo imperialismo lanque, o Partido estava inteiramente desarmado. Foram as próprias massas, nas ruas, que mostraram aos comunistas a necessidade de lutar contra os golpistas. Em 1955, o Partido também enfrentou uma situação difícil. Assumiu uma justa posição face à sucessão presidencial. Mas esta posição estava em flagrante contradição com o Programa. Decidiu, então, o Partido apoiar um candidato à presidência da República que, uma vez eleito, segundo o Programa, teria que ser derrubado.

O Programa não indicava o processo de formação da frente única, não apontava os meios e as formas para forjá-la. Colocando como tarefa imediata a conquista do poder democrático e antiimperialista, sob a direção da classe operária, sem que as massas estivessem ganhadas para isso, levava o Partido a se desligar da realidade política, dificultava a criação da frente única. Embora os comunistas participassem, ao lado de outras forças, na luta por objetivos patrióticos, o Partido tardou a reconhecer o movimento nacionalista como forma inicial, embrionária, de frente única antiimperialista e democrática.

A essência dos erros da política orlunda do Programa consistia na compreensão esquerdista que confundia as questões de ordem estratégica com os problemas de caráter tático.

3. No terreno da organização, após o IV Congresso, o Partido alcançou alguns êxitos. Aumentaram seus efetivos e organizações. Cresceu o número de seus quadros intermediários. O Partido vinha funcionando, embora com debilidades, em quase todos os Estados e regiões. Não, no entanto, ocorriam violações dos princípios leninistas de organização do Partido. Os métodos de direção confundiam-se com o autoritarismo e o mandonismo, o que acarretava, além de outros males, a quase inexistência de um trabalho coletivo de direção. Em todos os escalões, um pequeno número de dirigentes centralizava as atividades de direção. Isto se dava particularmente no CC e no Presidium. Na prática, os Secretários exerciam as funções dos Comitês Regionais e o Presidium as do Comitê Central.

Essas violações do centralismo democrático estão ligadas a uma compreensão sectária de Partido, que marca todo seu passado, e se agravaram com a ilegitimidade a que foi lançado em 1947. Estão ligadas, também, ao sistema criado no Partido com o culto à personalidade, que se expressou com bastante força, a partir de 1945, no culto a Stálin e no culto a Prestes.

4. Os erros cometidos neste período resultam, fundamentalmente, da insuficiente assimilação do marxismo-leninismo por parte dos dirigentes e militantes. Devido a isto, os problemas brasileiros eram analisados no Partido de maneira unilateral e subjetiva. A direção do Partido afastava-se da realidade e revelava sua incapacidade de fazer uma apreciação adequada dos fenômenos políticos nacionais, incidindo em erros dogmáticos e sectários. Freqüentemente, aplicava-se de maneira mecânica os ensinamentos gerais dos clássicos do marxismo ou se transplantava as experiências de outros países sem levar em conta as peculiaridades nacionais. Por outro lado, as teses e conclusões sobre a realidade e a situação política brasileira, verdadeiras em determinados limites, eram encardadas de maneira tão absoluta, que, inevitavelmente, o Partido era arrastado a posições falsas e prejudiciais à luta revolucionária.

A fonte dos erros, portanto, reside nas concepções idealistas, metafísicas, que predominam no pensamento político dos comunistas, as quais levaram a desprezar o estudo consciencioso dos fatores objetivos e dos processos em curso.

A discussão no Partido após o XX Congresso do PCUS

5. O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética possibilitou um exame multilateral da atividade do Partido e de sua orientação política. Este exame revelou uma série de erros na linha que o Partido vinha seguindo, assim como nas formas de organização e nos métodos de trabalho. Para isto contribuíram os debates que se processaram na imprensa partidária e nas fileiras do Partido. Mas, durante esse período, surgiram ataques e calúnias contra a União Soviética, o movimento comunista

mundial, o PCB e o marxismo-leninismo. Tomaram corpo no Partido as ideias revisionistas. Os portadores desta tendência colocavam-se contra a hegemonia do proletariado na revolução, subestimavam os camponeses aos quais atribuíam papel secundário, pregavam abertamente a conciliação de classe com a burguesia e a renúncia à posição independente dos comunistas na frente única, negavam a necessidade da existência do Partido Comunista como vanguarda da classe operária ou atacavam os princípios leninistas de organização partidária. Estes elementos revisionistas que se encontravam, principalmente, nos órgãos da imprensa partidária, na Comissão Nacional de Finanças e na UJC, chegaram a ter nestas frentes completo domínio, utilizando-as para a atividade antipartidária e para atacar o movimento comunista.

Diante dos acontecimentos surgidos com o XX Congresso, a direção do PC e pelo Presidium, não soube enfrentar o surto revisionista e satisfazer as exigências do Partido de correção dos erros apontados. A discussão sobre o XX Congresso foi aberta com grande atraso e a maioria dos dirigentes omitiu-se nos debates pela imprensa. Todavia, a direção e todo o Partido lutaram com êxito contra os fracionistas, defenderam a unidade partidária contra as tentativas dos revisionistas, asseguraram seu controle no órgão central, no jornal diário e na Comissão Nacional de Finanças. As ideias revisionistas, no entanto, não foram totalmente derrotadas e, em certos aspectos, passaram a predominar.

A causa do surgimento das ideias revisionistas no Partido resultou, fundamentalmente, da pressão da propaganda imperialista e da influência crescente da ideologia burguesa, ligada ao próprio desenvolvimento do capitalismo no país.

A linha oportunista da Declaração

6. Como resultado do exame dos erros de caráter sectário e da necessidade de superá-los, o CC traçou uma nova orientação política, aprovada no pleno de março de 1958. A nova linha política teve o mérito de destacar o processo em curso do desenvolvimento do capitalismo no país, que se reflete no fortalecimento das posições da burguesia nacional. A Declaração mostrou a necessidade da plena utilização das possibilidades legais e de uma atuação legal dos comunistas. Pôs em relevo a importância do movimento nacionalista como uma forma incipiente de frente única antiimperialista. Assinalou, também, a necessidade do emprego pelos comunistas de melhores métodos de trabalho com os aliados. E, por fim, rompeu com a concepção de que o caminho da revolução no Brasil teria que ser, exclusivamente, através da violência.

A Declaração de março de 1958, no entanto, não exprime uma política justa, não corresponde aos interesses de classe do proletariado. No essencial, este documento defende uma linha oportunista de direita. Exagera a importância do desenvolvimento do capitalismo, toda a sua orientação decorre desse desenvolvimento, está inteiramente a ele subordinada.

A Declaração embeleza o capitalismo. Procura mostrar que a indústria brasileira atingiu elevado nível de crescimento e atribui este crescimento ao capital nacional. Mas, na realidade, o imperialismo também participa desse processo de industrialização, domina ramos fundamentais da indústria no país. O exagero na apreciação do papel do desenvolvimento capitalista no processo revolucionário, leva a Declaração a idealizar a burguesia que é tratada como se fosse força consequente, capaz de defender até o fim os interesses nacionais. Toda orientação estratégica e a linha tática expostas na Declaração têm em vista que que exclusivamente os interesses da burguesia, conduzem ao fortalecimento de suas posições políticas, em prejuízo das demais forças revolucionárias. Superestima a magnitude e a profundidade da contradição entre a burguesia e o imperialismo, como se a burguesia não pudesse chegar a acordos com os imperialistas.

Depois de proclamar, em palavras, que a revolução brasileira na presente etapa, é antiimperialista e antifundamentalista, a Declaração logo em seguida faz nova caracterização da revolução. Esta passa a ser somente nacional e deve enfrentar unicamente as tarefas antiimperialistas. Os objetivos de caráter democrático ficam inteiramente subordinados à contradição antiimperialista que é considerada principal em toda a atual etapa histórica da sociedade brasileira. Assim, as tarefas democráticas são separadas mecanicamente dos objetivos nacionais e transferidas para outra etapa da revolução.

Dai resulta que, tendo em vista a frente única a Declaração apresenta um esquema de disposição das forças revolucionárias que inclui até mesmo latifundiários e grupos da burguesia ligados a monopólios estrangeiros rivais dos monopólios norte-americanos. Tal disposição é exclusivamente nacional. Portanto, a solução da questão agrária deixa de ser uma das tarefas da revolução. É verdade que, em determinadas circunstâncias, latifundiários e setores da burguesia ligados aos imperialistas rivais dos norte-americanos, podem participar de certas ações contra o imperialismo lanque. Mas isto somente por objetivos limitados e por períodos relativamente curtos. Querem incluir na frente única democrática e antiimperialista seria incorrer em grave erro. Como harmonizar numa mesma frente os interesses dos latifundiários, mesmo que tenham contradições com o imperialismo norte-americano, com as

aspirações dos camponeses que, segundo a Declaração, estão interessados em liquidar uma estrutura retrógrada que se apóia na exploração imperialista?

Além disso, subordinando inteiramente as reivindicações democráticas ao fator nacional, a Declaração ao invés de ampliar a frente única, como aparentemente pode parecer, não faz mais do que restringi-la. Isto porque será difícil, ou mesmo impossível, trazer as grandes massas camponesas para a frente única em que participem latifundiários. Tal fato poderia ocorrer se o país atravessasse uma situação que possuísse em perigo toda a nação, como no caso de agressão ou ocupação militar estrangeira, quando os interesses de todas as camadas sociais estão diretamente ameaçados. Mas tal coisa não acontece no Brasil. Do ponto-de-vista tático em determinadas ocasiões, a classe operária e seu partido podem, na ação prática, não dar muita ênfase às reivindicações agrárias de caráter radical e unir-se a latifundiários que têm contradições com os imperialistas norte-americanos e a setores da burguesia ligados a grupos monopolistas que concorrem com os monopólios lanques. Mas, se se tem em conta que o núcleo da frente única é constituído pela classe operária e os camponeses, que o fundamento para a frente única é atrair para ela as amplas massas trabalhadoras das cidades e do campo, é errado colocar de maneira absoluta, nas condições atuais do Brasil, a predominância dos objetivos nacionais em detrimento das reivindicações democráticas.

Do conteúdo da Declaração depreende-se que tem mais valor para a formação da frente única a aliança com a burguesia — aliado importante e necessário — do que os camponeses e a pequena burguesia urbana, colocados em planos muito secundário. A própria classe operária não é devidamente considerada, uma vez que suas reivindicações são inteiramente subestimadas. Por este caminho não se atrairá as grandes massas do povo, jamais se forjará a frente única democrática e antiimperialista.

Em palavras, a Declaração proclama a necessidade da hegemonia do proletariado na revolução. Mas esta questão não é somente um problema de definição. É um problema prático que, antes de tudo, se refere aos aliados da classe operária. Mas concretamente, quem exercerá influência sobre os camponeses e os dirigirá? O proletariado ou a burguesia? A Declaração, ao dar absoluta primazia ao lado antiimperialista da revolução brasileira, em detrimento do seu aspecto agrário, estabelece de fato uma linha de renúncia à direção do movimento revolucionário por parte do proletariado, porque tal orientação dificulta a mobilização dos camponeses, entravam o processo de formação da aliança operário-camponesa, fator decisivo para que a classe operária conquiste a hegemonia na revolução.

As tendências oportunistas de direita da Declaração se manifestam com maior nitidez na questão do poder — problema fundamental da revolução. Partindo da justa constatação de que atualmente não há condições para alcançar um governo democrático e antiimperialista, a Declaração chega a uma conclusão falsa ao abdicar por completo da luta por este objetivo, limitando-se a reivindicar modificações parciais na política e na composição de sucessivos governos, nos marcos do regime vigente. Com esta tática gradualista, evolucionista, que contraria frontalmente a teoria marxista-leninista do Estado, pretende-se atingir um poder capaz de enfrentar as tarefas da revolução na presente etapa, o que equivale a afirmar que se conseguirá transformar o atual regime, em essência reacionário, num regime democrático e antiimperialista e, por extensão, o próprio capitalismo em socialismo. A Declaração considera que as forças revolucionárias chegarão ao poder através da acumulação de reformas profundas e consequentes na estrutura econômica e nas instituições políticas. Mas como acumular tais reformas no atual regime e com o poder nas mãos das forças reacionárias? A Declaração indica um caminho idílico que irão sendo gradativamente retirados do governo os elementos reacionários e, também, gradativamente, irão ingressando no governo elementos progressistas, até que um dia se chegue a conquistar um poder democrático e antiimperialista.

Afirma a Declaração que a democratização é uma tendência permanente na vida política nacional, uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo. Assim, a democracia aparece como inerente ao capitalismo, tese tipicamente revisionista. Além disso, é uma afirmação que não corresponde à realidade e leva ao embelezamento do capitalismo. Em 38 anos de existência, o partido da classe operária só teve dois anos de vida legal; as organizações sindicais estão jungidas ao Ministério do Trabalho e quando se dispõem a uma ação independente, e não declarações verbais que não têm correspondência com a prática, são ameaçadas de intervenção e fechamento; o rádio e a televisão — meios mais modernos e eficientes de propaganda — são privilégios dos homens do poder; cidadãos suspeitos de comunista são impedidos de ser candidato a postos eletivos; grandes massas do povo, principalmente os camponeses, por uma série de restrições, não participam na vida política do país. Algumas liberdades existentes, fruto da continuidade e ardua luta do povo, são de tal forma generalizadas e exaltadas na Declaração, que se tem a impressão de que o Brasil vive numa autêntica democracia.

No que concerne ao caminho da revolução, a Declaração afirma que o Brasil é um dos países para o qual se abre a possibilidade real da via pacífica. Partindo de uma análise profundamente subjetiva, traça um caminho raso, sem comovções sociais e choques violentos para

realizar as tarefas da revolução. Levando ao absoluto a possibilidade do caminho pacífico, na prática, a Declaração o torna de fato o único caminho. Toda a orientação que estabelece é baseada nesse caminho, desarmando, assim, o proletariado e seu partido para qualquer outra eventualidade. Por isso, a advertência, feita do passado, de que no caso dos inimigos empregarem a violência é indispensável ter em vista a solução não pacífica, não tem a menor significação. Embora, na presente situação do mundo, se deva ter em conta a viabilidade do caminho pacífico não se pode, nas condições brasileiras, torná-lo absoluto. Os comunistas preferem este caminho. Mas cometeram grave erro se nele apolsem toda a sua atuação porque nada ainda tem comprovado que o caminho da revolução brasileira é o caminho pacífico. A experiência passada e recente dos países da América Latina mostra que não foi pacífico o caminho para derrubar as ditaduras. Mesmo no Brasil, a prática mostra que as mudanças na estrutura econômica do país ou nas instituições políticas não se fez sem o apelo à força armada, embora nem sempre se verificassem choques sangrentos.

A Declaração de março de 1958 é, assim, um documento que encara os problemas da revolução brasileira do ponto de vista da burguesia, conduz à negação da luta revolucionária, à adaptação ao capitalismo e ao evolucionismo sob o disfarce de caminho pacífico. Isto favorece a penetração da ideologia burguesa entre as massas, o que dificulta ganhá-las para as posições do proletariado.

A atividade dos comunistas a partir de março de 1958

7. Em sua atuação prática, os comunistas têm alcançado alguns êxitos. Nas últimas campanhas eleitorais, de um modo geral, tiveram uma participação ativa. Enfrentando as restrições antidemocráticas que tolhem sua ação política, o Partido, em alguns lugares, ajudou a formar coligações que asseguraram a vitória de candidatos nacionalistas. Elegeram também inúmeros candidatos comunistas que concorreram aos postos eletivos sob diferentes legendas partidárias. Apesar das deficiências apresentadas em sua atividade, os comunistas têm contribuído para fortalecer a organização sindical da classe operária e para fazer avançar o processo de sua unificação. Ocuparam lugar de destaque nas lutas pelas reivindicações dos trabalhadores, particularmente no que se refere ao aumento de salário e contra a carestia da vida. Os comunistas ajudaram a impulsionar as lutas patrióticas, realizando ações unitárias com outras forças, o que contribuiu, de certo modo, para fortalecer o movimento nacionalista. Estes êxitos, porém, são relativamente pequenos se se tem em conta as condições bastante favoráveis existentes no país para o avanço do movimento democrático e antiimperialista e para o crescimento do Partido.

A prática destes últimos dois anos tem revelado um bastante nitidez o caráter oportunista da atual orientação. Esta tem levado o Partido à renúncia de uma posição independente, tanto no terreno político como no ideológico.

De um modo geral, a posição do Partido é de recuo em relação às forças aliadas, em particular à Frente Parlamentar Nacionalista e ao PTB. Subestima-se o Partido sob o pretexto de fortalecer a frente única. Se é falso o movimento nacionalista, considerando que a hegemonia da burguesia, o Partido não pode deixar de fazer-se ouvir no seio das massas e na vida política brasileira, de aparecer com sua verdadeira fisionomia de partido de vanguarda da classe operária. É muito fraca a atuação política do Partido. Os comunistas, atualmente, se satisfazem com a defesa que os aliados realizam dos objetivos comuns da frente única. Para as grandes massas não são claras as palavras-de-ordem do Partido. Sem jornais diários, sem parlamentares que falem em seu nome, contando com pequeno número de dirigentes conhecidos, o Partido se dilui no movimento geral da frente única, não consegue atrair nem os setores mais esclarecidos dos trabalhadores para as fileiras partidárias, nem as massas para sua orientação.

A posição do Partido face ao governo do sr. Juscelino Kubitschek é dúbia. Durante longo período não se fez nenhuma crítica ao governo. Quando os dirigentes comunistas vieram para a atividade pública legal, foram dadas entrevistas que implicavam praticamente o apoio em bloco à política governamental. Posteriormente, começou-se a apoiar os lados positivos do governo e a apoiar os lados negativos, mas dava-se tanta ênfase ao apoio, e as críticas eram tão tímidas e incoerentes, que, para as massas, a posição dos comunistas se apresentava como favorável ao governo. É característico que, depois de ter-se combatido a política econômico-financeira do governo, se tenha passado a combater unicamente certos aspectos dessa política. A apresentação de soluções positivas sem que, simultaneamente, se desenvolvesse a crítica à política do governo, transforma, na prática, os comunistas em seus colaboradores. A ação dos comunistas que assume maior relevo tem sido a de apoiar. Geralmente, apóiam promessas de fachada que logo são anuladas por outros atos reacionários. Tudo isto contribui para que amplos setores do Partido tenham uma atitude de conformismo, de passividade ou, mesmo, de concordância diante do governo. Se não se combate energeticamente a política errônea do governo, as forças mais reacionárias utilizarão em seu favor, como já vêm fazendo, o descontentamento popular.

A orientação de luta por um governo nacionalista e democrático, através de sucessivas mudanças na política e na composição do atual governo, vem fracasando. Que se conseguiu com a aplicação desta tática? No que se refere à política do governo esta se mantém, no fundamental, antipovo e de capitulação ao imperialismo norte-americano. No que concerne às modificações na composição do governo, se é certo que saíram da pasta da Fazenda o sr. Lucas Lopes e, do BNDE, o sr. Roberto Campos, verdade é também que ingressaram no ministério os srs. Armando Falcão, Amaral Peixoto, Horácio Lafer, Páez de Almeida, além do sr. Lúcio Meira.

reção do BNDE. Na realidade, as mudanças verificadas no governo fortaleceram as posições dos reacionários e entreguistas.

Nestes últimos meses, levada pelos próprios acontecimentos e pela pressão da crítica dos militantes, a direção nacional, sem explicação e qualquer espírito autocrítico, procura fazer certas modificações na posição do Partido face ao governo, levando, assim, a confusão às fileiras partidárias.

Na atividade prática, subestima-se a luta pela reforma agrária, sob o pretexto de não prejudicar a ação contra o imperialismo norte-americano. Enquanto diversas correntes e partidos políticos desfraldavam a bandeira da reforma agrária, os comunistas reduziam a questão camponesa a medidas de reforma agrária ou escondiam a palavra-de-ordem de reforma agrária.

Orientando-se pela atual linha política, o Partido na sua atuação não se distingue dos demais partidos que têm posição nacionalista. Para as massas o Partido não se apresenta como partido do socialismo, mas como partido do nacionalismo, com objetivos bastante limitados, o que entrava o ingresso em suas fileiras das pessoas que são despertadas para o comunismo pelas grandes vitórias do sistema socialista, particularmente da União Soviética e da China Popular.

8. No que se refere à vida interna do Partido, vêm sendo alcançados alguns resultados positivos. As eleições para escolher as direções partidárias estão se tornando norma. As alterações na estrutura do Partido, de acordo com a divisão administrativa do país, vêm possibilitando a maior integração dos organismos regionais e locais na vida política. Mas a vida orgânica do Partido é muito precária. Não há preocupação com o funcionamento das organizações de base e com a construção do Partido. De outra parte, os próprios militantes manifestam pouco interesse pelas reuniões. Em alguns setores do Partido, registram-se tendências a abandonar o trabalho nos organismos e a se limitar exclusivamente à ação nas organizações de massa, a afrouxar os vínculos partidários e a subestimar a disciplina. Organizações de base e direções intermediárias renunciam ao seu papel de vanguarda e se transformam em simples auxiliares das organizações de massa. Embora os métodos de direção tenham melhorado em virtude das exigências do conjunto dos militantes, o trabalho coletivo dos órgãos dirigentes ainda é muito deficiente. A própria Declaração de março de 1958 foi obra de um pequeno grupo de camaradas, elaborada à revelia dos membros do CC e apresentada de surpresa a esse órgão dirigente na reunião em que foi aprovada.

Mais séria ainda é a situação no terreno ideológico. Circulam no Partido ideias estranhas ao proletariado sem o necessário combate. É grande e intensa a penetração da ideologia burguesa no movimento comunista. No entanto, em quase todos os Comitês Regionais e em defesa do marxismo-leninismo foram abandonados. Paralisou-se o trabalho de edição de livros marxistas, deixando-se o campo aberto para as ideias da burguesia ou de imperialismo. As teorias defendidas pelas publicações e instituições culturais burguesas invadem as fileiras partidárias sem oposição. A negligência no trabalho ideológico e as posições oportunistas, resultantes da linha política, levam ao enfraquecimento do espírito do Partido, à perda da combatividade, da capacidade de luta e de sacrifício dos militantes. Esta situação mostra que, na luta ideológica, embora se deva prosseguir no combate às concepções esquerdistas e esquerdistas, para melhorar as relações entre o Partido e as massas e fazer avançar o processo de formação da frente única, o fundamental agora, é golpear as tendências oportunistas de direita que constituem o principal perigo.

Tudo isto impõe a necessidade de mudar de rumo, de substituir a atual orientação do Partido por uma nova linha que corrija os erros de direita, sem incidir nos velhos erros esquerdistas e sectários. Com este fim, partindo de um ponto de vista de classe do proletariado, é preciso analisar a situação objetiva do país, caracterizar a revolução brasileira e definir suas tarefas, e estabelecer a tática com vistas a alcançar as reivindicações programáticas da presente etapa da revolução. Sem pretender dominar a verdade sobre problemas tão complexos e difíceis, apresento, como contribuição ao debate, minha opinião sobre tais questões, a qual considero uma posição bem diversa da que vem sendo seguida pelo Partido.

(CONTINUA)

COMUNICADO

Os responsáveis pela TRIBUNA DE DEBATE comunicam a todos os interessados que foram estabelecidas as seguintes normas sobre a publicação dos artigos e cartas:

a) A fim de possibilitar a participação do maior número de companheiros no debate, cada participante terá direito a um máximo de 10 laudas dactilografadas (30 linhas por lauda) em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE. Os artigos que excederem a este limite serão divididos e publicados em série.

b) Os artigos e cartas serão publicados por ordem de recebimento na redação de NOVOS RUMOS. Em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE figurará uma relação dos artigos recebidos, segundo a ordem em que serão publicados.

Um traço marcante da vida de Lenin foi sempre a sua preocupação pela educação dos partidos comunistas, por ajudá-los a assimilar a rica experiência dos revolucionários bolcheviques e conduzir a classe operária e seus aliados, em cada país, à conquista dos seus objetivos presentes e futuros. Um exemplo magnífico, nesse sentido, é a sua obra «A doença infantil do esquerdismo no comunismo».

Lenin «trabalha» os problemas mais importantes e atuais da estratégia e da tática revolucionária e transmite aos partidos comunistas a experiência de significação histórica dos bolcheviques. Lenin «trabalha» os diversos aspectos da atividade do Partido Bolchevique, demonstra as bases científicas de sua política, a sua luta pela conquista das massas, pela fortalecimento do Estado soviético e pela construção do socialismo. Analisando a experiência dos comunistas russos e as lições das lutas de classe por eles vividas no período de 1917 a 1920, Lenin, em suas conclusões, ajuda os partidos comunistas a resolver de modo justo os problemas básicos da estratégia e da tática. O trabalho de Lenin nos orienta em clara e precisa maneira sobre os erros sindicais reacionários sobre a utilização das forças legais de luta e dos órgãos da democracia burguesa, sobre como enfrentar com acerto a questão das alianças e compromissos, etc. Lenin, nessa obra, orienta os comunistas para a solução com êxito de tarefas tão difíceis como a ligação com as massas e a sua direção, indicando que isso só será conseguido mediante o desenvolvimento tanto dos elementos de direita como da política autêntica de «esquerda», que conduzam os comunistas ao socialismo e ao afastamento dos princípios e à degeneração.

«A doença infantil do esquerdismo no comunismo» foi escrita por Lenin em abril-maio de 1920 e publicado em junho do mesmo ano. Era um momento em que o mundo capitalista passava por aguda crise revolucionária e, graças à vitória da Grande Revolução de Outubro, ao lado do sistema imperialista surgia o sistema socialista. Inaugurava-se então a era das revoluções proletárias, e o avanço revolucionário afetava milhões de pessoas na Europa, na América e na Ásia. O proletariado dos países capitalistas adquiria experiência da luta revolucionária contra a burguesia imperialista, avançando e se temperando ideologicamente. Era a época em que surgiam os partidos comunistas na maior parte dos países, enquanto os maiores partidos social-democratas de direita, na Alemanha, na França e na Itália, temendo perder a sua influência entre as massas, declinavam o seu afastamento da II Internacional e deram início a entendimentos sobre as condições de seu ingresso na Internacional Comunista, tornando-se assim real o perigo de um afluxo de centristas na IC.

Teoria e Prática Lenin e a Experiência Das Massas

A doutrina leninista da revolução ensina que o proletariado e as massas trabalhadoras elevam a sua consciência revolucionária na medida em que adquirem a necessária experiência política. Enquanto essa experiência não atingir o desenvolvimento e a profundidade indispensáveis, a vanguarda comunista, por mais esforços que realize, será incapaz de conduzir as massas a grandes ações revolucionárias.

Mas, como fazer com que as massas adquiram a necessária experiência política? Queremos, a respeito, lembrar dois ensinamentos básicos de Lenin.

Em primeiro lugar, o de que não basta o trabalho educativo, de esclarecimento, embora sua importância seja muito grande e jamais deva ser menosprezado. Esse trabalho não é suficiente porque ficando-se apenas nele há sempre o risco de converter-se em aprendizado acadêmico, em repetição de fórmulas e citações. O trabalho educativo deve por isso estar constantemente ligado e subordinado à ação concreta, à luta pelas chamadas reivindicações imediatas. A prática de muitos anos do movimento comunista mostra que as massas abrem os olhos para a realidade, reforçam sua unidade e sua organização e elevam sua consciência revolucionária principalmente mediante a ação. É através do contacto com os problemas diários e que lhes afetam diretamente que as massas assimilam a realidade e avançam até a luta pela conquista de seus objetivos fundamentais.

Isso nada tem a ver com as idéias pregadas pelos reformistas, que transferem para um futuro indeterminado a realização dos ideais socialistas da classe operária e afirmam que o interesse principal dos trabalhadores consiste em procurar a solução de suas necessidades do dia-a-dia, sem se propor nenhuma transformação revolucionária e afastando de seu campo visual a conquista do Poder. Lenin diz a esse respeito: «Não procuramos ajudar a classe operária a conseguir melhorias reais, por insignificantes que sejam, de sua situação (econômica e política), e sempre acrescentamos que nenhuma reforma pode ser firme, verdadeira e séria se não for apoiada por métodos revolucionários da luta de massas».

Ligado a isso, outro ensinamento de Lenin é o que se refere à elaboração das palavras-de-ordem pelos partidos comunistas. O Partido deve sempre lançar palavras-de-ordem atuais, compreensíveis ao povo, na luta por cuja realização se eleva gradualmente a consciência revolucionária das massas. O desmascaramento incessante do regime capitalista e da exploração imperialista feito pelos comunistas não pode se limitar às palavras-de-ordem puramente críticas, que não acrescentem, ao lado do seu aspecto «negativo», respostas claras sobre o que se deve fazer e como fazer. Quanto a isso, Lenin lutou sempre contra a orientação de os partidos lançarem palavras-de-ordem que sirvam apenas para «agugar a consciência do proletariado contra o imperialismo». E dizia o fundador do PCUS: «Toda palavra-de-ordem «negativa», não ligada a uma determinada solução positiva, não «aguga», mas entorpece a consciência, pois é algo vazio, um mero grito, uma frase declamatória sem conteúdo».

Nenhum exemplo melhor do que o do próprio Lenin e do Partido Bolchevique. Após a revolução democrático-burguesa, de fevereiro de 1917, por exemplo, houve os que pretendiam lançar palavras-de-ordem diretamente socialistas como palavras-de-ordem de ação, cancelando o proletariado à derrubada imediata do governo provisório. Lenin opôs-se a essas tentativas e o Partido Bolchevique, só concluiu a luta direta pela instauração do Poder socialista, depois de diversas etapas intermediárias, quando as massas já compreendiam que era necessário derrubar o governo provisório e implantar a ditadura do proletariado como condição para resolver os problemas vitais do país.

Estes ensinamentos de Lenin são válidos para todo o movimento comunista, revestindo particular significação para os comunistas brasileiros em sua luta atual.

Lenin e o "Esquerdismo"

GIOCONDO DIAS

Colocando diante dos partidos comunistas estas importantes tarefas, Lenin lutava em duas frentes: de um lado, contra os elementos oportunistas de direita, os centristas e suas sobrevivências nos partidos comunistas e, de outro lado, contra a doença infantil do «esquerdismo» no comunismo. A obra de Lenin é, por isso, um trabalho clássico acerca da estratégia e da tática do partido marxista de novo tipo. De atualidade indiscutível, os seus ensinamentos são um guia para o trabalho dos comunistas.

Além de mostrar que contando somente com a vanguarda a classe operária não pode triunfar, pois a revolução é obra de milhões e não de um punhado de heróis, Lenin ensina que é necessário o Partido estar armado teoricamente, estudar cuidadosamente em cada etapa a situação concreta — interna e internacional —, apreender a correlação das forças de classe e saber apresentar com habilidade e na ocasião oportuna as tarefas de ordem estratégica e de ordem tática.

Outras importantes lições são transmitidas por Lenin nessa obra. Desejamos deter-nos apenas em algumas delas.

No VI capítulo, Lenin desenvolve detalhadamente o problema do papel dos sindicatos na luta revolucionária e indica que os sindicatos são um poderoso instrumento da luta de classes, uma corrente de transmissão entre o Partido e as massas e uma escola de educação comunista das amplas massas de trabalhadores. Lenin ridiculariza as palavras-de-ordem antimaxistas dos «esquerdistas» sobre a saída dos sindicatos e a criação dos sindicatos «puros».

E ensina que, ao trabalhar nos sindicatos, os comunistas devem lutar pelos reivindicações essenciais das grandes massas e conduzi-las à compreensão da necessidade do combate revolucionário pelo Poder, mediante a aplicação gradual da luta pelas reivindicações parciais de determinados setores profissionais até à luta geral da classe operária pelos seus objetivos políticos.

Qualquer enfraquecimento do trabalho dos comunistas nos sindicatos reformistas prejudica a classe operária, e quanto mais os reformistas tentarem livrar-se dos comunistas nos sindicatos tanto mais intensamente os comunistas devem trabalhar nessas organizações.

Por não observarmos esses ensinamentos de Lenin, numerosos erros foram cometidos em nosso trabalho nos sindicatos, sendo que em 1948 chegamos ao ponto de pretender criar sindicatos paralelos, em lugar de nos voltarmos para os sindicatos existentes. Hoje, quando a classe operária desempenha cada vez mais o papel dirigente no plano mundial, as indicações de Lenin sobre a atuação dos comunistas no movimento sindical, se aplicadas com acerto, nos possibilitarão ampliar a ligação com as massas e conquistar a unidade dos trabalhadores.

No capítulo VII de «A doença infantil do «esquerdismo» no comunismo» Lenin ensina ser necessário que os comunistas participem na luta parlamentar e utilizem como revolucionários o Parlamento. Adverte os comunistas a não subestimarem essa forma de luta e combate as que, sendo eleitos pelos trabalhadores, tomam como modelo, para a sua atuação, os representantes das classes dominantes.

Reveste grande significação para o nosso trabalho de frente única a maneira como Lenin coloca o problema da atitude dos comunistas em relação aos

compromissos. Lenin ataca duramente os «esquerdistas», que se manifestavam «contra qualquer compromisso» e se consideravam por isso «arqui-revolucionários».

Lenin ensina que os compromissos úteis à revolução, ao partido proletário e à classe operária, embora até mesmo com os imperialistas, são admissíveis e necessários nas condições da luta pela conquista da ditadura do proletariado, e mesmo nas condições de existência do Poder proletário. Lembra Lenin exemplos de compromissos práticos com os liberais burgueses, com os partidos pequeno-burgueses, a que o Partido Bolchevique recorreu nas diferentes etapas de sua luta, ao mesmo tempo em que se batia intransigentemente contra esses partidos no que se referia às questões políticas de princípios, desmarcando com firmeza as suas manobras oportunistas, etc.

Outro valioso ensinamento de Lenin é aquele que nos leva a compreender que o movimento de frente única não é algo estático, não obedece a um esquema rígido, mas é composto por forças, temporárias mas e outras de caráter permanente, e decorre de determinadas condições objetivas. Este ensinamento foi mais tarde desenvolvido pelo camarada Dimitroff, segundo o qual, para a criação da frente única, em países como o nosso, deve-se ter em conta, antes de tudo, a diversidade de condições em que se desenvolve a luta antiimperialista das massas, o diferente grau de amadurecimento do movimento de liberta-

ção nacional, o papel do proletariado nesse movimento e a influência do Partido Comunista sobre as grandes massas.

A verdade é que, contrariando as indicações leninistas de que as formas de luta e de organização política surgem da própria realidade e correspondem às condições concretas do processo revolucionário, criamos artificialmente modelos de frente única que só existem em nossas cabeças, como a Frente Democrática de Libertação Nacional. E desse modo causamos prejuízos à classe operária e ao Partido, não contribuindo como devíamos para unir as forças que se opõem ao atraso e ao imperialismo norte-americano.

Os ensinamentos contidos nessa obra do grande Lenin muito poderão ajudar-nos, se revelarmos capacidade de aprendê-los e levá-los à prática. E isso é tanto mais necessário quando se verifica ser grande ainda e nesse atraso nesse terreno.

Através de seu trabalho prático e teórico, Lenin abriu novos caminhos para a revolução proletária, para a ação dos comunistas antes e depois da tomada do Poder. Contribuiu para o avanço do pensamento marxista, Lenin não ficou preso às fórmulas e sempre respeitou e defendeu os princípios marxistas, mostrando que quanto mais fortes ideologicamente são os comunistas, mais amplos e flexíveis poderão ser em sua atuação prática.

A melhor homenagem que nós, comunistas brasileiros, podemos prestar à memória do grande Lenin, no transcurso de seu nonagésimo aniversário, está em redobramos os nossos esforços no sentido de assimilar os seus inesgotáveis ensinamentos e levá-los à prática com firmeza e audácia.



Os contatos pessoais de Lenin com representantes das mais diferentes camadas da população eram uma constante na vida do grande revolucionário. A sua preocupação pelos problemas dos camponeses era toda especial e inúmeras vezes ele os recebeu e discutiu com os lavradores questões específicas do campo. O pintor retratou bem o momento em que Lenin recebia velhos camponeses.

História do Movimento Operário

Na Rússia imperial de fins do século XIX e princípios do século XX, o problema camponês e a questão operária, — cujos fundamentos sumariamente expusemos nos dois últimos capítulos destas notas, — complicavam-se com um terceiro problema — a questão nacional e colonial. Quase uma centena de nacionalidades arrastavam-se em vida, sufocadas pela brutalidade do absolutismo czarista.

Em consequência do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, também a situação econômica e social dos povos oprimidos dessas nacionalidades sofreu naqueles anos grandes modificações. Seus países foram transformando-se paulatinamente em colônias do imperialismo, à medida que néles se invertiam capitais russos (e também ingleses, franceses, norte-americanos, etc) para a exploração das abundantes riquezas nativas, e que eles, ao mesmo tempo, iam sendo convertidos em fonte de matérias-primas para as indústrias instaladas na Rússia.

A exploração e a miséria dos povos subjulgados não-russos, tradicionalmente privados de quaisquer direitos nacionais e civis, aumentaram então ainda mais. Essa era, entretanto, a fase negra de um fato histórico positivo: a atração dos atrasadíssimos países da periferia do Império russo à produção mercantil em vastas áreas da economia natural, que prevalecia desde séculos em certas áreas daquelas imensas regiões foi sendo substituída pela economia mercantil. Começou a desenvolver-se a agricultura, aumentou a divisão social do trabalho, teve início a circulação monetária.

Quorreu ainda, à época, que o governo czarista, amedrontado com o rápido incremento das lutas dos camponeses russos, organizou a migração deserta para as regiões da periferia. Os latifundiários, — disse a respeito Lenin, — viam nessas migrações algo como uma válvula de escape e um «alívio» das contradições agrárias no centro da Rússia.

A Rússia Imperialista — Um Feixe de Contradições

Mas a verdade é que o «fundo de migração» foi constituído de terras arrancadas aos casacos, quirguizes e outras nacionalidades oprimidas. Essas terras eram entregues aos novos ocupantes não como propriedade, mas em usufruto. Os funcionários do czar logo entraram a especular com elas. Na maioria dos casos cada oficial, nas mãos dos culaques (camponeses ricos) ou dos senhores feudais da zona. Os imigrantes não recebiam instrumentos de trabalho, nem sementes, nada. Tombados na mais funda miséria, convertiam-se em assalariados agrícolas dos culaques, ou em parceiros semi-servos dos latifundiários, ou — juntamente com os camponeses não-russos expropriados, privados da terra e do gado, — iam buscar emprego nas cidades ou povoados, ser operários nas minas e fábricas mais próximas.

Em fim de contas, a tal migração dos camponeses russos não enfraqueceu, nem podia enfraquecer, as contradições agrárias da grande Rússia. Ao contrário, somente as fortaleceu. Elas foram tornando-se também um problema agudo na periferia da Rússia, à proporção que ali ia penetrando inexoravelmente o capitalismo, — a indústria, o comércio, a especulação, a usura, a inversão de

capitais na agricultura e na pecuária, o aburguesamento de parte dos latifundiários não-russos, a passagem do pagamento em espécie ao pagamento em dinheiro, os salários de fome para os trabalhadores rurais e os operários das fábricas e minas (duas e três vezes mais baixos ainda que os dos operários russos na mãe-pátria desaturada).

Ao mesmo tempo, a penetração do capitalismo ia agravando o problema nacional, pois com ela surgiam no seio de cada nacionalidade a burguesia e o proletariado, ia formando-se uma consciência nacional em cada povo oprimido, crescia e tomava corpo em cada um deles e se traduzia em crescentes lutas a aspiração a independência, à autodeterminação nacional, à libertação, em suma, do jugo do czarismo, do imperialismo, do latifundismo.

A Rússia czarista do princípio do século XX apresentava-se, pois, como ponto de encontro de todas as contradições do imperialismo. O capitalismo imperialista entrelaçava-se ali com todas as sobrevivências do feudalismo, que tinham na autocracia czarista e na propriedade latifundiária sua principal expressão. A classe operária, sem quaisquer direitos políticos, estava submetida

esta sob formas bem próximas do semi-servilismo. O camponado, sob o jugo dos latifundiários, vivia assolado pela privação da terra. Os povos da periferia gemiam sob uma dupla opressão, — a de seus próprios feudais, e a dos latifundiários e capitalistas russos. Finalmente, tendo ingressado no caminho do desenvolvimento capitalista com grande atraso em relação a outros países europeus e aos Estados Unidos, a Rússia, ao converter-se em potência imperialista, viu-se ao mesmo tempo reduzida à condição de semicolonias das potências imperialistas mais fortes, perdendo o czarismo o seu antigo pósto de primeira linha na política reacionária mundial.

O extremo grau de agravamento a que tinham chegado todas essas contradições no início de nosso século punham a Rússia às bordas de uma conotação social profunda e violenta, de uma revolução armada. Era, por seu conteúdo, uma revolução democrático-burguesa. Mas, amadurecida na época do imperialismo, ela, diferentemente do que ocorreria com as revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, não poderia restringir-se apenas aos limites nacionais. Tinha que ser necessariamente um golpe em cheio contra todo o sistema imperialista mundial, um passo firme ao encontro da revolução socialista. O chefe da revolução, em tais condições, não podia ser tampouco a burguesia russa imperialista, da qual direitos algo ao leitor no próximo capítulo, e sim o proletariado social-democrático, a classe revolucionária por excelência da sociedade russa em desenvolvimento.

A revolução de 1905-07, — a primeira revolução popular da época do imperialismo, — viria comprovar, de forma irrefutável, a afirmação teórica marxista de que, em fins do século XIX, por força de condições econômico-sociais objetivas, o centro do movimento revolucionário mundial se transferira para a Rússia.



O companheiro de Gorki

Os últimos dias de sua vida Lenin os passou em Gorki. Cercado do carinho de todos. Lá encontrou um novo companheiro, um cão que estava sempre ao seu lado.

Album de Família

Uma velha lenda de camponeses da velha Rússia contava de uma serpente, Ok-Ilen, que vivia nas frias e nevadas montanhas guardando o caminho que levava à terra da felicidade, impedindo que os homens por ele cruzassem. A história dizia do poder da serpente, capaz de destruir todos os que se atrevessem a enfrentá-la.

Um dia ela foi modificada, e os camponeses contavam de um homem que destruiu Ok-Ilen. «Ele era pobre — diziam — porém era filho da Lua e das estrelas e delas havia herdado a sua força».

Foram muitas as lendas que se contaram de Vladimir Illich o terceiro filho do professor Iliá Ulianov e de Maria Alexandrovna Blank, nascido às margens do Volga, na cidade de Simbirska, no dia 22 de abril do ano de 1870.

Do menino que passou a infância e a adolescência entre os camponeses miseráveis e explorados ao homem decidido que numa manhã de abril de 1917 desembarcava na estação de Petrogrado para dirigir o golpe final contra os opressores de um povo, correram muitos anos. Dêles a história registrou todos os fatos. Da vida de Vladimir também. Pelos livros nós sabemos de sua infância, de como ele observava a vida miserável dos camponeses de Kazan e Samara; da vida escolar e da compreensão do mundo que se ia formando no seu espírito jovem. Contam os livros, pelo relato vivo de testemunhas, da transformação que se operou na vida de Vladimir ainda ginasiano quando Alexandre, seu irmão mais velho, foi executado por ordem do czar. Depois, são os relatos da vida do revolucionário. As prisões, os exílios, a construção do Partido Bolchevique, o triunfo da Revolução de Outubro, a construção da nova sociedade.

Noventa anos são passados do seu nascimento, 36 da sua morte. Documentos, relatos daqueles que o viram e ouviram e ainda vivem, os escritos que ele deixou fazem a sua história e a história da luta de um povo. Nesta página, quatro fotos, como se tiradas de um ALBUM DE FAMÍLIA, falam também de Vladimir, o menino, e de Lenin, o homem.

Breve é a vida de Ulianov e nós a conhecemos até seu palpitar extremo mas a vida de Lenin não tem fim precisamos escrevê-la e reescrevê-la ainda... (Moiacoyiski).



O menino Vladimir

Houve festa na casa dos Ulianov quando o menino Vladimir completou quatro anos. Antes, vestiram-no com a mais bonita roupa e o levaram ao fotógrafo de Simbirska. Olga, a irmã caçula também foi. O retrato encheu mais uma página do álbum de família.

NOVOS RUMOS



Os Ulianov

O menino Vladimir tinha nove anos quando a família Ulianov foi retratada pelo fotógrafo de Simbirska. Foi no ano de 1879 e estão todos: os pais, as irmãs Ana, Olga e Maria, os irmãos Dmitri e Alexandre, este ao centro. Olga morreu não muito tempo depois; Alexandre foi executado. Os outros seguiram...



A companheira inseparável

Ela era professora de uma escola noturna em Petrogrado quando Vladimir a conheceu, em 1894. Nadya Krupskaya foi a sua fiel e inseparável companheira por toda a vida. Amou o homem e a sua obra, foi muitas vezes a intérprete das suas idéias, dos seus pensamentos. Compreendeu o homem Lenin e retratou-o num livro maravilhoso.